

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO**  
**Centro de Ciências Humanas e Sociais -CCH**  
**Programa de Pós-Graduação em Memória Social**

RICARDO MEDEIROS PIMENTA

**RETALHOS DE MEMÓRIAS: TRABALHO E IDENTIDADE NAS FALAS DE  
OPERÁRIOS TÊXTEIS DO RIO DE JANEIRO.**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa  
de Pós-graduação em Memória Social, da  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro –  
Unirio.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Marco Aurélio Santana.

Rio de Janeiro

2006

**Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO**  
**Centro de Ciências Humanas e Sociais -CCH**  
**Programa de Pós-Graduação em Memória Social**

RICARDO MEDEIROS PIMENTA

**RETALHOS DE MEMÓRIAS: TRABALHO E IDENTIDADE NAS FALAS DE  
OPERÁRIOS TÊXTEIS DO RIO DE JANEIRO.**

Aprovada em: **21/02/2006**

BANCA EXAMINADORA:

**Prof. Dr. Marco Aurélio Santana (Orientador)**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**Prof. Dr. Jorge Luiz Ferreira**

Universidade Federal Fluminense (UFF)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Icléia Thiesen**

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

**Prof. Dr. José Ricardo Ramalho (Suplente)**

Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ)

---

Pimenta, Ricardo Medeiros

Retalhos de memórias: trabalho e identidade nas falas de operários têxteis do Rio de Janeiro/Ricardo Medeiros Pimenta. - Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Memória Social, 2005.

161 p. : il.

Acompanha um CD-ROM, em bolso.

Orientador: Prof. Dr. Marco Aurélio Santana.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Memória Social.

1. Memória - Teses. 2. Operários têxteis - Teses. 3. Trabalho - Teses. História Oral - Teses. 4. Identidade - Teses. 5. Espaço - Teses. I. Santana, Marco Aurélio. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Memória Social. III. Título.

CDU 90

---

## AGRADECIMENTOS:

Gostaria de agradecer a minha família que, mesmo pequena, atuou fortemente para o sucesso dessa pesquisa. Minha mãe, Aracy, por ter sido tão especial e acreditar tanto em meus sonhos acompanhando-me de forma tenaz em todos os meus trajetos. Minha irmã Sandra que, ainda longe, sempre esteve de uma maneira muito única me apoiando.

Logicamente, não deixarei de mencionar meu pai (*in memoriam*) por ter me acompanhado, onde quer que esteja, e por todos os dias me servir de inspiração para ser uma pessoa melhor.

Minha namorada, Janaína, pelo amor incondicional e pela crença em mim. Sem você não teria conseguido metade das minhas vitórias querida. Amo-te.

Agradeço a CAPES pelo apoio financeiro e a todo o Programa de Pós-graduação em Memória Social da UNIRIO pela ajuda e ensinamentos constantes. Ainda assim, ressalto a presença ímpar de dois **amigos**: Icléia Thiesen e Marco Aurélio Santana. Também agradeço à disponibilidade de Jorge Ferreira por aconselhar-me de forma muito segura desde os tempos da especialização.

Foi através da competência, seriedade, amizade, cumplicidade, confiança e sabedoria dos dois que pude construir tudo isso. Obrigado. Não obstante, ao falar de amigos, também agradeço ao NETS pela “escola” que todos vocês representaram em minha trajetória. Uma ótima experiência que jamais se esvairá de minha memória.

## SUMÁRIO:

<b>Introdução .....</b>	<b>7</b>
 <b>Capítulo I</b>	
Uma História Duas Trajetórias .....	16
i-a) Companhia América Fabril: Um início;.....	17
i-b) O Nascer e Fazer: A Nova América tardia no cenário Carioca;.....	26
i-c) América e Nova América: seus caminhos; .....	31
i-d) América Fabril e Nova América: Um outono x uma primavera;.....	38
i-e) O fim de tudo: A Nova América e a falência de um sonho. ....	45
 <b>Capítulo II</b>	
Nas “fibras” de um tecido social: operários “cerzidos” pela memória.....	48
ii-a) Infância e trabalho;.....	56
ii-b) O lazer dos trabalhadores;.....	65
ii-c) Dias de trabalho: produção, resistências e estratégias; .....	72
ii-d) Operários no cenário político;.....	84
 <b>Capítulo III</b>	
A topografia do espaço de memória: traduzindo e modificando o espaço fabril .....	92
iii-a) Espaços do trabalho; .....	96
iii-b) Fabricando ruínas: as fragmentações, dissoluções e reinvenções do espaço; .....	112
iii-c) Por um patrimônio industrial. ....	126
 <b>Capítulo IV</b>	
Acordando em um novo cenário: O estranhamento com o presente .....	130
iv-a) O trabalhador “velho” na cidade das chaminés;.....	131
iv-b) O fim do trabalho;.....	138
iv-c) O trabalho da memória. ....	144
 <b>Conclusão.....</b>	<b>147</b>
<b>Anexos.....</b>	<b>161</b>
Roteiro de entrevistas .....	a
Quadro de entrevistados .....	c
CD-ROM .....	f

## RESUMO:

Esta pesquisa analisa o trabalho e as condições sociais experimentadas pelo operariado das Companhias têxteis América Fabril e Nova América ao longo do século XX, através das memórias dos próprios trabalhadores. Sendo assim, partimos da idéia de que os “retalhos” de seus depoimentos individuais são partes de um *locus* coletivo e de uma identidade os quais são construídos e mantidos pelas lembranças, bem como pelos esquecimentos. Fazendo uso da História Oral como método de abordagem e coleta das falas destes operários, incorporamos em nosso estudo sobre mundo do trabalho as experiências e as construções dos próprios trabalhadores.

**Palavra-chave:** Memória, Trabalhadores, Identidade, História do Trabalho

## ABSTRACT:

This research analyzes the labor and the social conditions experienced by the working class at the textile Companies *América Fabril* and *Nova América* along the 20th century, through the own worker's memories. In this way, we began with the idea that this "remains" of their own voices and memories are part of a collective *locus* and identity which are built and maintained by one collective memory, as well as for the forgetfulness. Making use of the Oral History as methodological approach and these workers' speeches collect, we bring to the "world of labor" study experiences and constructions from these workers.

**Key-words:** *Memory, Workers, Identity, History of Work*

## INTRODUÇÃO:

A investigação acerca da história e da sociologia do trabalho no Brasil há muito vem mostrando nos espaços acadêmicos uma produção rica e inovadora através de novas abordagens e questões. Ademais, os estudos sobre a Memória Social vêm cada vez mais possibilitando diferentes olhares acerca das ações ligadas ao homem em sociedade, de suas representações e de seu *labor*, os quais se mostram de extrema valia no estudo da memória de trabalhadores e de seu respectivo processo de construção em nosso país; em especial, no estado do Rio de Janeiro o qual este trabalho pretende se focar.

Desta forma esse estudo, enquanto dissertação de mestrado desenvolvida no programa de pós-graduação em memória social analisa as práticas do trabalho e suas condições sociais experimentadas pelo operariado do setor têxtil no Rio de Janeiro, aqui representado nas companhias América Fabril e Nova América, através de entrevistas elaboradas tendo em vista o recurso metodológico da História oral.

A escolha deste tema se deu a partir de uma pesquisa anterior<sup>1</sup> na qual o objeto de estudo esteve pautado nas condições assistenciais e trabalhistas do operariado da Companhia América Fabril — uma das indústrias têxteis mais expressivas da primeira metade do século XX no sudeste brasileiro — na década de 20.

Já nesta dissertação, nossa intenção se tornou não só aprofundar o estudo da América Fabril e seu respectivo operariado, como ampliar a perspectiva de análise agregando à investigação a experiência da Companhia Nacional de Tecidos Nova América.

Esta adição, inicialmente, se deveu à constatação de que uma empresa — a Nova América — se originara da outra. E posteriormente, pelo entendimento de que as duas trajetórias percorridas por ambas empresas ao longo do século XX, ainda que tivessem sido traçadas de forma independente por um longo período, estiveram sempre ligadas direta ou indiretamente no imaginário de seus operários, até o momento quando voltariam a se unir por forças exteriores geradas pelo processo de decadência e falência das duas.

Vale lembrar, ainda, que essas companhias atuaram fortemente no mercado têxtil brasileiro e principalmente do Rio de Janeiro onde suas fábricas se localizavam majoritariamente na própria zona urbana carioca em bairros como: Andaraí, Jardim Botânico, Caju, Del Castilho, Deodoro. Além dessas unidades, algumas ainda se estendiam pela região de Magé e Duque de Caxias.

Para cobrirmos um espaço tão fragmentado nesse estudo, percebemos que se tornava necessário uma “re-composição” do cenário industrial fluminense desde os anos 30 até seu declínio, iniciado na década de 60 e estendido até os anos 80.

Dessa forma, tendo como elemento particular da pesquisa a oralidade dos ex-trabalhadores destas duas companhias, escolhemos centrar esta pesquisa no estudo da memória presente em um grupo de antigos operários, já idosos, por meio de seus testemunhos.

A utilização dessas lembranças e experiências vividas; cadenciadas pela realidade passada e presenciada<sup>2</sup>, enfim, se tornara o “fio condutor” da análise proposta e a “porta” de entrada para um universo tangível não só pela lembrança do trabalho e de suas práticas, como também dos espaços da fábrica e de suas vilas, casas, associações e escolas. Universo este, vivido pelo operariado têxtil, e que, em termos de mundos do trabalho, condições de vida e sociabilidade; hoje se encontra em “retalhos”.

Partindo da idéia de uma relação inequivocamente construída pelos operários entre sua memória, sua identidade e seu espaço de atuação, portanto, é que procuramos “cerzir”<sup>3</sup> esse mesmo universo por meio dos depoimentos individuais desses homens e mulheres,

---

<sup>1</sup> Monografia realizada em 2003 para a obtenção do grau de bacharel em História.

<sup>2</sup> RICOEUR, Paul. *La memoria, la historia, el olvido*. 1ª ed., Buenos Aires: *Fondo de Cultura Económica*: 2004, pp. 211-212.

<sup>3</sup> Quando cerzimos um tecido, delicadamente, procuramos reconstituir a trama ou os pedaços que se encontram desalinhados. Nosso objetivo é, pois, reagrupar as falas dos operários através de suas lembranças formadoras de uma memória coletiva; “cerzindo” parte da trama que compõe a vida e o cotidiano operário no Rio de Janeiro.

enquanto partes de um *locus* coletivo construído e mantido pelas lembranças, bem como pelos esquecimentos.

Nesse escopo, é que consideramos a construção da memória como parte indissociável à própria estruturação social presente nos grupos; afinal, se “(...) a maioria das recordações têm um componente social”,<sup>4</sup> a memória não deixa de ser uma construção no presente, pelo indivíduo, em relação ao grupo social e seu espaço ao qual ele se insere.

“(...) não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem. (...) para melhor me recordar, eu me volto para eles, adoto momentaneamente seu ponto de vista, entro em seu grupo, do qual continuo a fazer parte, pois sofro ainda seu impulso e encontro em mim muito das idéias e modos de pensar a que não teria chegado sozinho, e através dos quais permaneço em contato com eles”.<sup>5</sup>

É nessa relação do grupo com o sujeito, e o trabalho de memória por eles desenvolvidos, que buscamos não só humanizar a imagem do operário, como apontar para uma pluralidade de um cenário pretérito que jamais é completamente recuperável.

Ainda assim, buscar através do recurso metodológico da história oral as trajetórias de vida e outros fatos significantes destes operários idosos, vale lembrar, não se resume em transcrever arbitrariamente o conteúdo *stricto* de suas falas. É sim, analisar na fala desses operários, qual fora o significado para eles do término, degradação e modificação dos seus espaços fabris além de relacionar os espaços de trabalho e de sociabilidade às possíveis “molduras” sociais e à identidade coletiva que através da memória, se mantém no presente.

De fato, devido a toda trajetória histórica, político-econômica e social característica do tipo de grupo social aqui tratado, consideramos que, assim como Barlett, a

---

<sup>4</sup> Tradução própria do autor, de: “*La mayoría de los recuerdos tienen un componente social*”. In: PÁEZ, D.; VALENCIA, J.F.; PENNEBAKER, J.W.; RIMÉ, B.; JOULET, D. (Orgs) *Memórias colectivas de procesos culturales y políticos*. Bilbao: Universidad Del País Vasco, 1998. p.33.

influência do grupo nos seus indivíduos define suas ações; e nesse sentido, consideramos a lembrança como uma das possíveis ações<sup>6</sup> desempenhadas pelos indivíduos:

“(…) Muito do fenômeno da rememoração que vem à cabeça como reações individuais, são diretamente determinadas por fatores sociais, os quais não demandam a presença de outros membros de um mesmo grupo”.<sup>7</sup>

Halbwachs, por sua vez, ainda demonstrava que mesmo as lembranças consideradas “individuais” mantinham-se em conformidade com o afeto, com o apego e, sendo assim, com o pertencimento do sujeito àquele grupo que no momento servia-lhe de referência. Já, uma vez que o esquecimento se abate sobre aquele indivíduo, segundo Halbwachs, é porque aquela referência anterior relacionada ao grupo deixou de pertencer-lhe afetivamente; ou seja:

“(…) se não nos é mais possível encontrá-la, é porque, desde muito tempo, não fazíamos mais parte do grupo em cuja memória ela se conservava. Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança (...) possa ser reconstruída sobre um fundamento comum”.<sup>8</sup>

Tal fundamento, portanto, não apenas se elabora pela lembrança comum como pela identidade coletiva e pela influência do espaço físico, e social. O espaço de

---

<sup>5</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2004. pp. 30-31.

<sup>6</sup> A ação social, independente de fins ou valores, é concebida pelo indivíduo em relação ao(s) “outro(s)” e ao espaço, seja ele mental, físico, religioso, simbólico, etc. O ato de lembrar, portanto, não pode deixar de ser considerado como uma ação social do ponto de vista weberiano. Cf. WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Trad. Regis Barbosa & Karen Elsabe Barbosa. Rev. Técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. pp. 13-16.

<sup>7</sup> Tradução do próprio autor, de: “(…) *many of the phenomena of remembering come under the head of individual reactions which are directly determined by social factors, though they do not demand the presence of other members of the same organized group*”. In: BARLETT, F.C. **Remembering: a study in experimental and social psychology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 244.

experiências coletivas se “imprime”, com o uso do tempo, nas lembranças e nas relações, com os outros e com ele próprio, assim conferindo aos seus habitantes uma identidade.

Dessa maneira, nos pareceu necessário, no percurso teórico-metodológico de valorização das falas dos operários, que igualmente convergíssemos para uma investigação da mudança de seus espaços físicos de atuação. Eficazmente, essa abordagem busca nesse trabalho uma maior “transparência nos enigmas”<sup>9</sup> que compõem o passado através de um foco de estudo da memória coletiva, e da cultura operária.<sup>10</sup>

Com estes objetivos passamos a considerar que, ainda hoje, é necessário impedir a apropriação da imagem do operário como apenas um personagem vazio, totalmente desenraizado<sup>11</sup>, e “alienado”<sup>12</sup> pelo trabalho.

De fato, o operário se apresenta como um agente estabelecido nas relações sociais presentes no *locus* fabril e no espaço de suas ações, as quais o cercam e interagem com ele<sup>13</sup> através da memória e de suas “plataformas e ancoragens”<sup>14</sup> de significados e simbolismos os quais constituem as “ferramentas” para a elaboração de um discurso carregado de identidade e caracterizado por “histórias de vida”.<sup>15</sup>

Este “jogo”, estabelecido entre a memória e a manutenção ou formação, de uma identidade nos é apresentado a todo o momento na sociedade, assim como, a perda de si

<sup>8</sup> HALBWACHS, Maurice. **Op. Cit.** p. 38.

<sup>9</sup> GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. I Parte – Uma descrição densa: por uma trajetória interpretativa da cultura. Rio de Janeiro, Zahar. s/d, p. 23.

<sup>10</sup> BATALHA, C. H. M. SILVA, F. T. FORTES, A. **Culturas de Classe: Identidade e diversidade na formação do operariado**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. pp. 11-21.

<sup>11</sup> Ver em WEIL, Simone. **O Enraizamento**. São Paulo: EDUSC, 2005.

<sup>12</sup> Sentido de alienação posta por Karl Marx. Cf. QUINTANEIRO, Tania. **Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber**. (orgs) Tania Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa e Márcia Gardênia Monteiro de Oliveira. 2ª edição rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. pp.51-52.

<sup>13</sup> WEBER, Max. **Op. Cit.** p. 16.

<sup>14</sup> LOVISOLO, Hugo. *A Memória e a Formação dos Homens*. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989. pp.16-17.

<sup>15</sup> Torna-se importante lembrar que as entrevistas realizadas não seguem uma proposta de “história de vida”, e sim uma proposta temática de abordagem onde a trajetória daquele operário na indústria nos mostra uma considerável parte do que seria sua “história de vida”. Ou seja: “Da ‘vida’ de seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham se inserir diretamente no trabalho, e a escolha é unicamente efetuada com este critério”. In: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Relatos Oraís: do “indizível” ao*

mesmos<sup>16</sup> em relação aos espaços que têm sua funcionalidade e qualidades atribuídas externamente. Nessa lógica, a Memória é assim: uma construção no tempo presente que se baliza pelas relações sociais vigentes e passadas:

“(...) a memória coletiva representa uma corrente de pensamento que envolve seres humanos reais relacionando-se uns com os outros. O passado que existe no presente é o passado que existe na consciência do grupo. (...)”<sup>17</sup>

Juntamente com esse processo, ratificamos nosso entendimento de que a ação desenvolvida na formação e manutenção de uma memória atuante nos grupos e nos indivíduos possibilita a constituição de suas identidades<sup>18</sup>, valores, e demais representações.

Ainda hoje, residentes nos bairros onde se localizavam suas fábricas, estes homens e mulheres têm a instituição fabril fortemente presente em si como parte de suas próprias vidas e, por conseguinte, a tem como fundação para suas trajetórias pessoais.

Nesse sentido é que o papel do espaço se tornou tão indelével para este estudo proposto. Confrontando as mudanças ocorridas em seus locais de trabalho, muitos destes antigos operários trouxeram nas entrevistas realizadas não apenas a “(...) pluralidade das realidades e dos atos (...)”<sup>19</sup> vividos, como também a reação às próprias mudanças do espaço fabril “limpo”, ou em “ruínas”.<sup>20</sup>

“*dizível*”. In: SIMSON, Olga von. (org). **Experimentos com Histórias de Vida** (Itália e Brasil). São Paulo: Vértice, 1988. p. 21.

<sup>16</sup> AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Papyrus, 2001. p. 87.

<sup>17</sup> SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 85.

<sup>18</sup> POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” In: **Estudos Históricos: Teoria e História**. Rio de Janeiro, vol. 5, número 10, 1992. pp 204-205.

<sup>19</sup> Ibidem. p. 211.

<sup>20</sup> JEUDY, Henry-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. (Ensaio & teoria). pp. 126-127. Henry-Pierre Jeudy trabalha assim com a questão de que o espaço, os lugares e objetos poderiam sofrer o abandono ou poderiam ainda serem limpos e reescritos no espaço por uma ação de

Para estas entrevistas, foi necessário desenvolver uma pesquisa prévia da localidade destas indústrias, de suas histórias, e de seus operários. Em seguida, estabelecemos contato com alguns antigos moradores daqueles locais viabilizando, assim, a nossa rede de informantes.

Como Hammersley e Atkinson mostraram, o acesso ao campo “não é uma simples questão de presença ou ausência física”.<sup>21</sup> O contato esteve “negociado”, e ainda está a cada momento; seja pelos mecanismos de controle da instituição fabril ainda presente — como o caso da Nova América —, seja pelos “guardiões”<sup>22</sup> dessas redes, que ao abrir as “portas” de contato com seus companheiros de fábrica, tentavam indicar quais pessoas poderiam ser entrevistadas ou não.

As entrevistas realizadas seguiram um roteiro pautado em alguns eixos temáticos e questionamentos previamente selecionados. Ainda assim, priorizamos manter um caráter de conversa amigável com o entrevistado. Tendo entrevistado 13 antigos trabalhadores, homens e mulheres — sendo seis da Nova América e sete da América Fabril —, com uma faixa etária de 60 a 80 anos (no caso da Nova América) e 70 a 90 (no caso da América Fabril) em média, pudemos perceber o quanto suas lembranças, durante os depoimentos, se misturavam em experiências comuns; e o quanto essas mesmas marcaram suas vidas.

No decorrer da aproximação com os ex-operários pudemos distinguir que a escolha de uma abordagem mais “informal” possibilitava uma melhor familiarização daquele entrevistado com a câmera fotográfica e com o gravador.

Além da estratégia de aproximação pudemos perceber, como Paul Thompson apontara, que era necessária uma prévia consciência de quais eram as práticas e qual era a

---

preservação e de petrificação de uma lembrança. Neste último caso consideramos o shopping Nova América um exemplo da petrificação e limpeza de seu espaço.

<sup>21</sup> Tradução própria do autor. De: “*Access is not simply a matter of physical presence or absence.*” Cf. HAMMERSLEY, Martyn. ATKINSON, Paul. *Ethnography: Principles in practice*. 2ª edição. Londres e Nova York: Routledge, 1995. p. 55.

história dos operários e das companhias respectivamente para assim evitarmos quaisquer “impertinências”.<sup>23</sup>

Ir às casas dos entrevistados é, portanto, receber permissão de entrar em seus “territórios”. Não obstante, vale lembrar pelas palavras de Hammersley e Atkinson que o entrevistador ao adentrar no território terá como desafio as “(...) redes existentes de amizade e inimizade, território e ‘limites’ equivalentes”.<sup>24</sup> Essas experiências estiveram presentes tanto na relação com entrevistados da Nova América, quanto da América Fabril.

Desta forma, nossa intenção fora não só chegar às fontes primárias de ambas companhias, uma vez que também o fizemos, mas sim “ouvir” estes ex-operários. Ouvi-los enquanto “habitantes” de um espaço sócio-político de exclusão ainda crescente; onde a figura do “velho operário”<sup>25</sup> está calcada por ações de esquecimento e desvalorização política e social.<sup>26</sup> Homens que, assim como as ruínas de algumas dessas fábricas remanescentes, também se mantiveram em seu espaço social.

No capítulo seguinte analisaremos a história de ambas companhias têxteis, onde o percurso de formação, desenvolvimento e falência serão trazidos ao foco de análise, dando nesse momento um viés mais historicista a cadência da investigação e, assim, apresentar ao leitor o que eram a Companhia América Fabril e a Companhia Nova América; onde se localizavam suas fábricas e qual era o perfil de seu antigo operariado.

Por sua vez, no segundo capítulo, “ouviremos” as falas desses operários e trataremos de refletir acerca da coletividade de sua identidade, enquanto operário têxtil das companhias citadas, e de sua memória. Colocaremos à frente de nossas questões, não só a

---

<sup>22</sup> Tradução própria do autor. De “*Gatekeepers*” In: HAMMERSLEY, Martyn. ATKINSON, Paul. *Op. Cit.* pp. 63-64.

<sup>23</sup> THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998. pp. 256-257.

<sup>24</sup> Tradução própria do autor, de “(...) *the ethnographer will be channelled in line with existing networks of friendship and enmity, territory and equivalent ‘boundaries’*”. Cf. HAMMERSLEY, Martyn. ATKINSON, Paul. *Op. Cit.* p.75.

<sup>25</sup> Adjetivação usada com a intenção de apresentar assim a condição mais visível e socialmente imposta pela sociedade como ponto de referência ao sujeito social que passa a ser assim desqualificado.

trajetória de vida desses operários, como seus meios de ação dentro e fora da fábrica. Através da memória, a infância, o cotidiano, o trabalho, suas resistências e estratégias, assim como ação política, cultura e lazer serão postos em discussão.

No capítulo consecutivo, foi priorizado um estudo sobre o espaço e sua extensão sobre a memória, a identidade e ação de seus atores; propondo uma “topografia” daqueles locais de trabalho, de vida e de memória. O controle do espaço fabril e sua disciplina permanecem nos discursos de seus antigos participantes, bem como suas mudanças ao longo do tempo compõem os “lugares” de ação da memória e de presença do patrimônio, quando não destruído, apagado ou remodelado, de uma fração significativa da estrutura social do Rio de Janeiro do início de século XX.

Por fim, no quarto capítulo, analisaremos o produto dessa investigação que ao trabalhar com a memória destes antigos trabalhadores, acabou por tocar na questão do papel do idoso na sociedade contemporânea, e principalmente, na exclusão social, potencialmente presente, vivida pelos “velhos” cuja atuação produtiva de outrora é ultrapassada e esquecida. Havendo dúvida que o cenário atual viveria uma espécie de crise e fim do trabalho<sup>27</sup>, para estes antigos operários o fim veio de forma contundente mudando não só suas vidas como seus espaços sociais e físicos causando-lhes um “estranhamento” com o presente.

Através desses capítulos esperamos contribuir para um estudo, cada vez mais abrangente e participativo, do mundo do trabalho e suas respectivas mudanças, permanências e atores. Dando-lhes audição crítica, acreditamos estar agregando à produção científica das áreas afins, não só mais esclarecimentos, como mais ferramentas e questões a serem exploradas.

---

<sup>26</sup> Cf. SANTANA, Marco Aurélio. “Entre a Ruptura e a Continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro”. In: **Anais do XXII Encontro Anual da Anpocs**. 1998.

<sup>27</sup> ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaios sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Editora Cortez. 2000.

## CAPÍTULO I

### UMA HISTÓRIA, DUAS TRAJETÓRIAS.

Neste capítulo procuramos traçar uma trajetória das duas companhias têxteis aqui estudadas. Na busca por uma história dessas empresas, pudemos definir o que se apresentaria como ponto básico para o desenrolar do estudo a ser feito. Algumas questões acerca dos meios de trabalho e das condições sociais presentes nas companhias também serão abordadas. Buscando por vezes comparações, tais questões se mostraram ao longo deste trabalho, diretamente ligadas às histórias e trajetórias de vida daqueles operários.

As Companhias Fabris aqui abordadas estiveram durante grande parte do século passado — século XX — presentes no cenário industrial do Brasil. Ambas oriundas do setor têxtil empregaram milhares de operários, sendo, desde o fim do século XIX com a Companhia América Fabril, e desde meados de 1920, com a criação da Companhia Nova América.

São, portanto, estas Companhias — América Fabril e Companhia Nacional de Tecidos Nova América —, os “lugares de memórias”<sup>28</sup> dos operários têxteis entrevistados nesta pesquisa, os quais se encontram, no presente, em um campo fragmentado disposto pelo cenário urbano e rural do Rio de Janeiro.

Ao utilizar-nos do título deste capítulo, procuramos trazer para estas páginas uma só história — ainda que breve — destas duas companhias. Ainda que independentes, elas percorreram trajetórias similares. Seja pela Memória de seus operários, seja pela própria história institucional que aponta para o passado, na qual a ligação em uma origem comum se mostra latente; estas companhias se ligariam uma vez mais em seus processos de falência.

---

<sup>28</sup> NORA, Pierre. “Entre Mémoire et Histoire” In : *Les Lieux de Mémoire* Paris: Gallimard. p. 29.

Assim sendo, para traçar um breve histórico, pois não seria possível esgotar um passado que não para de apresentar sempre novas formas e questões, iniciamos a análise pela Companhia América Fabril, mais antiga e progenitora daquela, então, que levava o “Nova” em seu nome.

#### I – (a) Companhia América Fabril: Um início.

A Companhia América Fabril tem seu início marcado por volta dos anos de 1878 como uma simples fábrica-fazenda, fábrica Pau Grande. Esta pequena fábrica destinada à produção de tecidos grossos de algodão não pararia de crescer pelos anos seguintes.



Figura 1: Fábrica Pau Grande S/D.<sup>29</sup>

---

<sup>29</sup> Acervo particular da **Companhia Nova América**.

Sua localização favorável, em relação à mão-de-obra e seu espaço físico possibilitaram seu desenvolvimento e logo em 1885 sua produção se diversificara já sob o nome de Companhia de Fiação e Tecidos Pau Grande<sup>30</sup>, modificada em 1985 após passar pelos nomes de Santos, Peixoto e Lobo, e depois de Santos, Peixoto & Cia., segundo Weid.<sup>31</sup>

Após a proclamação da República em 1889 a indústria passaria em breve a representar um papel mais ativo no cenário econômico brasileiro. Neste ínterim, era esperado que a Companhia de Fiação e Tecidos Pau Grande desenvolveria-se bem como muitas outras à época. Segundo Levy:

“A expansão industrial desses anos não foi meramente uma consequência passiva e reflexa do aumento do estoque de moeda, mas um resultado de uma política deliberada de orientação dos recursos privados, atraídos por uma legislação que tornava interessantes os investimentos em sociedades anônimas”.<sup>32</sup>

Sendo em 1891 efetuada a compra da fábrica Cruzeiro na região do Andaraí Grande<sup>33</sup>, freguesia do Engenho Velho, a Companhia América Fabril inseria-se no espaço urbano da capital.

O momento favorável a investimentos deste porte era “alimentado” por uma política econômica precoce de valorização do papel moeda e de investimentos no cenário industrial brasileiro que se moldava desta forma no Encilhamento, criado pelo então

---

<sup>30</sup> Nome à Cia de tecidos chamada anteriormente de Felício dos Santos, Peixoto & Lobo; e Santos, Peixoto & Cia. Apenas em 1891 sua razão social mudaria para o nome de Companhia América Fabril.

<sup>31</sup> WEID, Elisabeth von der. BASTOS, Ana Maria Rogrigues. **O Fio da Meada – Estratégia de expansão de uma indústria têxtil**. Rio de Janeiro, Editora: Fundação Casa de Rui Barbosa, Confederação Nacional da Indústria, 1986. pp. 36-40.

<sup>32</sup> LEVY, Maria Bárbara. **A indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994. p.127.

<sup>33</sup> O Andaraí Grande abrangia parte do que hoje se constitui como tijuca e parte de Vila Isabel, além do bairro do Grajaú. A fábrica Cruzeiro localizava-se no quarteirão que hoje abrange não só uma agência central do Banco do Brasil, como uma agência da Caixa Econômica Federal e um condomínio chamado pelos

Ministro da Fazenda Rui Barbosa, juntamente com as reformas das Leis das Sociedades Anônimas que propiciaram o campo fértil ao desenvolvimento não apenas da Companhia América Fabril, mas de dezenas de empresas que nos anos seguintes se instalaram no Brasil.

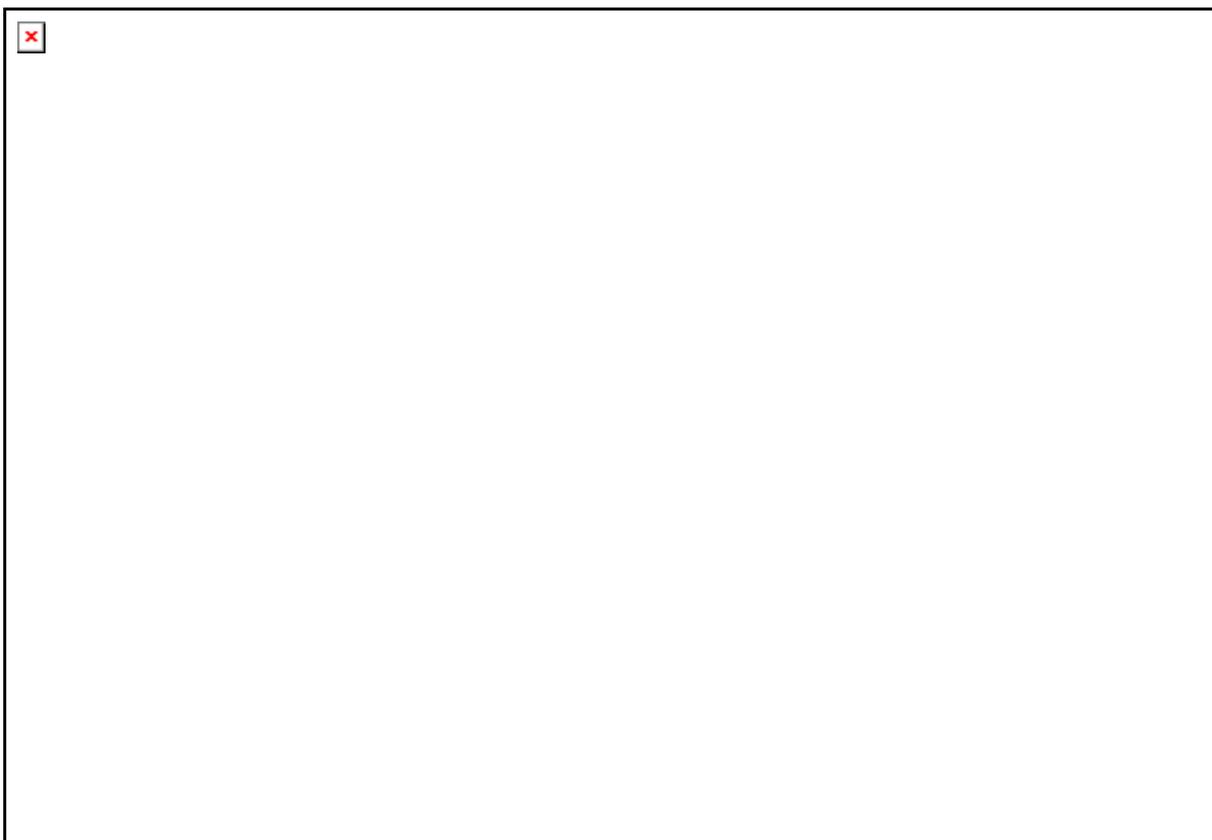


Figura 2: Fábrica Cruzeiro, vista panorâmica, 1921.<sup>34</sup>

Segundo Levy: “O entusiasmo contagiante despertado pelas fortunas feitas em poucas semanas propagava-se na rua da Alfândega e atraía pessoas que jamais se haviam envolvido na compra e venda de títulos”.<sup>35</sup> Acerca do mesmo período, Suzigan aponta, igualmente, o crescimento das indústrias têxteis.

---

moradores locais como “tijolinho”. Além desses imóveis, outros residenciais e restaurantes ocupam a área localizada entre as ruas Barão de Mesquita, Barão de São Francisco, e Teodoro da Silva.

<sup>34</sup> AGCRJ. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Iconografia. **Coleção Companhia América Fabril**. Série vilas operárias.

“O investimento na indústria têxtil de algodão aumentou substancialmente no período. Foram estabelecidas mais de sessenta novas fábricas de tecidos de algodão, entre algumas das maiores jamais construídas no Brasil. Essa indústria começou também a diversificar sua produção, passando a produzir tecidos finos e artigos coloridos e estampados”.<sup>36</sup>

Em um espaço de tempo de aproximadamente dez anos, a antiga Santos, Peixoto & Lobo, futuramente Companhia América Fabril, viria a multiplicar seu capital em grandes proporções. Sendo a Companhia América Fabril composta pelas fábricas Pau Grande e Cruzeiro, em 1903 esta adquiriria também a Fábrica Bonfim<sup>37</sup>, situada no atual Bairro do Caju, na zona portuária colocando-se entre as dez maiores indústrias têxteis brasileiras.

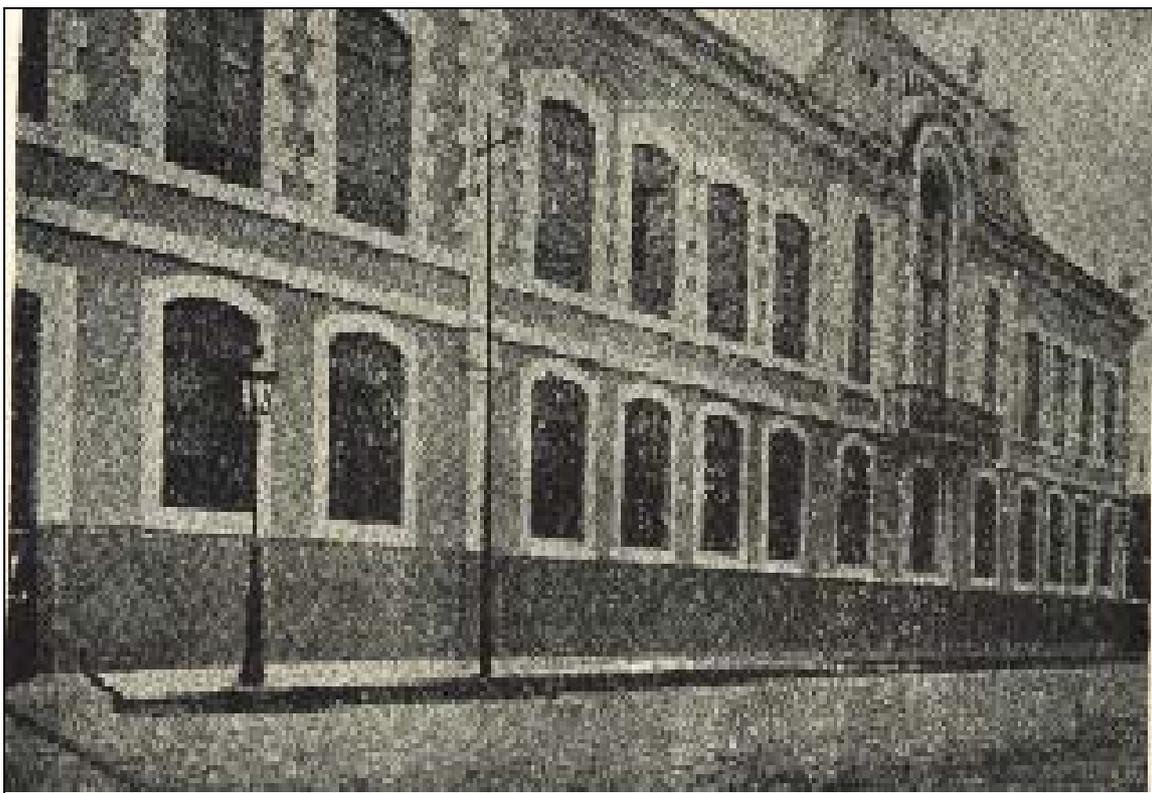


Figura 3: Fábrica Bonfim, 1921.<sup>38</sup>

<sup>35</sup> LEVY, Maria Bárbara. *Op. Cit.* p.120.

<sup>36</sup> SUZIGAN, Wilson. **Indústria Brasileira: Origem e Desenvolvimento.** (Economia & Planejamento; 40. Série “Teses e Pesquisas”; 24). São Paulo: Hucitec, Editora da Unicamp, 2000. p.87.

<sup>37</sup> Situada no Bairro do Caju, anteriormente tido como Freguesia de São Cristóvão.

<sup>38</sup> AGCRJ, Setor Iconografia. **Arquivo América Fabril**, série patrimônio.

A compra da fábrica Bonfim pela Companhia América Fabril, foi seguida de uma melhora de sua infra-estrutura. Assim, com mais um ponto de produção e, além disso, um ponto de embarque e desembarque, a Companhia América Fabril viria a se ampliar, ocasionando, mais tarde, a compra dos terrenos vizinhos e de construções inacabadas para estabelecer ali uma futura expansão e criação de sua próxima fábrica, a Mavilis.

Seu crescimento físico e de capital mostrava-se ativo a cada novo investimento. A conjuntura política e econômica formara o “terreno” adequado à Companhia América Fabril desenvolver-se, mas seria a partir de 1911 com a inauguração da fábrica Mavilis, a “mais moderna fábrica de fiação e tecelagem do Brasil na época”<sup>39</sup>, a qual igualmente localizaria-se na zona portuária do Caju ao lado da fábrica Bonfim, que a América Fabril progrediria.

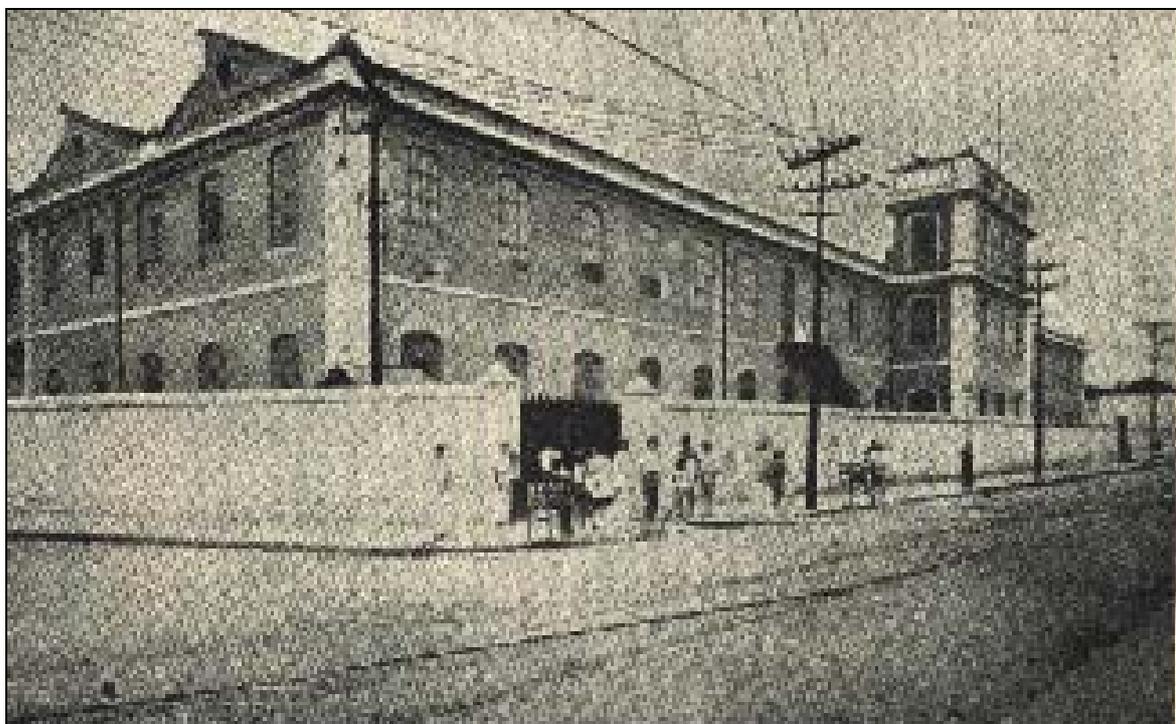


Figura 4: Fábrica Mavilis e operários, 1921.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> WEID, Elisabeth von der. **Fontes documentais para a história de empresas têxteis no Rio de Janeiro: estudo de um caso.** Rio de Janeiro: Editora Fundação Casa de Rui Barbosa/ FCRB, 1995. p.14.

<sup>40</sup> AGCRJ, *Op. Cit.*

A Mavilis tornou-se detentora dos mais modernos equipamentos de fiação na época e marcou-se pela entrada do inglês Mark Sutton<sup>41</sup> em um cargo especial de Diretoria Técnica da Companhia América Fabril. Logo após, a companhia atingiria o primeiro lugar em todos os quesitos, colocando-se à frente de todas as suas concorrentes<sup>42</sup>.

Durante os anos da Primeira Guerra Mundial, recessões e momentos de crescimento são amplamente debatidos por pesquisadores de diversas áreas. Em 1915, a Companhia América Fabril ocupava o primeiro lugar do país em valor de produção<sup>43</sup> ainda que com sucessivas deficiências de importação de produtos como soda cáustica, alvejantes e fios como seda ou lã.<sup>44</sup> No início da década de 20 a América Fabril adquiriria outra fábrica, a Carioca. Esta, localizada à Rua Dona Castorina — hoje Rua Pacheco Leão —, localizava-se atrás do Jardim Botânico.



Figura 5: Fábrica Carioca, 1921.<sup>45</sup>

<sup>41</sup> Mark Sutton veio ao Brasil na segunda metade do século XIX. Trabalhou nos maiores centros industriais cariocas como Fábrica Bangu, Companhia América Fabril e mais tarde em sua própria companhia, fundada em sociedade com Afonso Bebianno, a Companhia Nacional de Tecidos Nova América em 1924. Foi fundador também da White Martins S.A., empresa de oxigênio.

<sup>42</sup> WEID, Elisabeth Von der. BASTOS, Ana Maria Rodrigues. **O Fio da Meada – Estratégia de expansão de uma indústria têxtil**. Rio de Janeiro, Editora: Fundação Casa de Rui Barbosa, Confederação Nacional da Indústria, 1986. pp. 93-99.

<sup>43</sup> CENTRO INDUSTRIAL do BRASIL. Centro Industrial na Conferência Algodoeira. 1915 In: WEID, Elisabeth Von der. BASTOS, Ana Maria Rodrigues. *Op. Cit.* p. 130.

<sup>44</sup> SUZIGAN, Wilson. *Op. Cit.* pp. 58-59.

<sup>45</sup> WEID, Elisabeth Von der. BASTOS, Ana Maria Rodrigues. *Op. Cit.* p. 104.

Quanto ao seu operariado, este possuía uma associação: a A.O.A.F. — Associação de Operários da América Fabril —, fundada em 1917 era composta de vários Comitês que representavam as diversas unidades fabris. Esta associação — nitidamente mutualista — detinha um caráter beneficente e assistencial. Isentando-se de uma postura similar à mantida pelos comunistas e anarquistas, rendeu-lhe o rótulo pejorativo de “sindicalismo amarelo”.

O operariado da América Fabril, devido a uma “idade” associativa maior e uma infra-estrutura mais sólida, parecia estar bem estruturado em sua associação. Esta mesma Associação promovia bailes regulares, e diversos encontros dançantes com orquestras, principalmente nas fábricas Carioca — onde havia seu Clube Musical —, e Cruzeiro.<sup>46</sup>



Figura 6: Conjunto musical da AOAF, 1922.<sup>47</sup>

---

<sup>46</sup> É possível perceber tal atividade de lazer, principalmente no clube musical que se localizava no Jardim Botânico. Algumas Atas de assembléia referentes aquele comitê (carioca) trazem em pauta diversas festividades realizadas e discutidas em reunião.

O Clube Musical da fábrica Carioca localizava-se na Rua Pacheco Leão, no bairro do Jardim Botânico. Este clube foi demolido, juntamente com a fábrica ao lado, a partir dos anos 60, devido ao crescimento imobiliário naquela região.



Figura 7: Músicos do Clube Musical da fábrica Carioca, S/D.<sup>48</sup>

Além dos eventos musicais a Associação mantinha atividades recreativas diversas. Os bailes davam lugar aos campeonatos esportivos além de, em outras ocasiões, celebrações cívicas e até peças de teatro onde o elenco era, então, formado por seus próprios trabalhadores:

---

<sup>47</sup> AGCRJ, Divisão de Iconografia. **Coleção particular Cia. América Fabril**, Série Lazer.



Figura 8: Operários pertencentes ao Grupo de Teatro da Associação. Companhia América Fabril, 1921.<sup>49</sup>

Em relação às questões assistenciais, seus meios de assistência ao operariado se compunham por auxílios à partos, doenças, casamentos e funerais. Além de outras assistências as quais visavam:

“(...) proteção moral e material aos órfãos menores de 14 nos e às viúvas (...) No que se referisse à invalidez ou quando se tratasse de viúva inválida ou de idade avançada, a associação arcaria com uma mensalidade de até 80 mil-réis. Aos filhos menores de operários seria paga uma quantia mensal de até 50 mil-réis nos três primeiros meses após a morte de seus pais.”<sup>50</sup>

Os primeiros anos de 1920, entretanto, foram de divergências na Diretoria da Companhia América Fabril. Em 1923, um grupo de acionários estabeleceu um “mal-estar” ao se chocar com outro grupo, também de dirigentes, que foram contra a aquisição da

<sup>48</sup> LACERDA, Edith. LACERDA, Nathercia. CARDOSO, Maria do Carmo. **Carretel da Folia**. Rio de Janeiro: Editora Stamp, 2001. p. 38.

<sup>49</sup> Ibidem.

Fábrica Carioca, àquela época, e eram também contra uma proposta de aumento do capital e reforma de estatutos. O grupo que propusera as reformas se demitiu em 4 de março de 1923<sup>51</sup>. Segundo Weid e Bastos:

“Os membros demissionários da administração e seus familiares foram aos poucos vendendo suas ações (...) Mark Sutton e Alves Bebianno investiram seu capital em nova empresa de fiação e tecelagem, a Companhia Nacional de Tecidos Nova América S.A. (...) à qual se associaram, além das famílias Sutton, Bebianno e Bulhões, vários dos antigos sócios da Carioca (...)”<sup>52</sup>

Foi então no ano de 1924 que uma “cisão” na diretoria da Companhia América Fabril criaria a companhia Nova América — nosso outro objeto de pesquisa. Consideramos, assim, que falar sobre a Companhia América Fabril, e sobre a Nova América, juntamente — neste trabalho — se torna condição *sine quo non* para a proposta levantada. Embora em espaços e “quadros sociais”<sup>53</sup> diferentes, aquele operariado — das companhias fabris América e Nova América —, misturou-se nos momentos de criação e de decadência de suas fábricas. Neste sentido, foi por tais razões que consideramos como indispensável uma análise dessas duas companhias.

#### I – (b): O Nascer e Fazer: A Nova América tardia no cenário Carioca.

Ao falar da Nova América como tardia nos referimos ao fator, aparente, de “desvantagem” que seria criar uma nova companhia têxtil, em um cenário de extrema competitividade e de tomada de grandes parcelas de um mercado por algumas companhias

---

<sup>50</sup> WEID, Elisabeth Von der, BASTOS, Ana Marta Rodrigues; *Op. Cit.* pp. 188-190.

<sup>51</sup> BIBLIOTECA NACIONAL. Setor de Periódicos, **Jornal do Comércio**. 4 de março de 1923.

<sup>52</sup> WEID, Elisabeth Von der. BASTOS, Ana Maria Rodrigues. *Op. Cit.* p. 115.

<sup>53</sup> HALBWACHS, Maurice. *Les Cadres Sociaux de la Mémoire*. Edição eletrônica editada pela Universidade de Quebec e pela Biblioteca Paul-Émile-Boulet. <http://bibliotheque.uqac.quebec.ca/index.htm>

já bem estabelecidas, como era o caso das Companhias Progresso industrial — Fábrica Bangu —, Fábrica Confiança, Corcovado, Aliança e, logicamente, a Companhia América Fabril.

Dessa maneira, produzir rapidamente e com qualidade, auxiliada por máquinas mais modernas<sup>54</sup> tornava-se o objetivo da Companhia Nova América. Sua criação deveria ser ágil e o mais produtiva possível, para assim alcançar um mercado já disputado.

A Companhia Nacional de Tecidos Nova América S.A. teve sua fundação oficial no dia 18 de janeiro de 1924. Localizada à rua de São Pedro nº 67, a reunião deliberativa para a aprovação dos estatutos, eleição da diretoria, conselho fiscal e suplentes marcou a fundação daquela nova companhia têxtil que atuaria pelas próximas décadas no cenário industrial brasileiro.

Como fora apresentado anteriormente, sua fundação exercida por grupo demissionário da então Companhia América Fabril era composta por Mark Sutton e Afonso Alves Bebbiano como fundadores, sendo Leopoldo de Bulhões o presidente da Nova América, além de um capital inicial de 15 mil contos de réis<sup>55</sup>.

A criação desta companhia e a construção da sua primeira unidade fabril foram acompanhadas por diversos jornais da época os quais consideravam-na a fábrica mais moderna — em 1924 — que se tinha notícia no Rio de Janeiro. O nome da primeira fábrica — mais tarde chamada de “fábrica velha”<sup>56</sup> — foi Fábrica Domingos Bebianno.

A Companhia Nova América possuía como área de sua propriedade, terrenos da Estação de Del Castilho, da estrada de ferro auxiliar, Estação Liberdade, estrada de ferro rio d’ouro em Inhaúma. Sua primeira fábrica ocuparia uma área na Avenida Suburbana

---

<sup>54</sup> Segundo os jornais da época as máquinas, todas vindas da Europa, eram consideradas as mais modernas daquele momento. O uso dessas máquinas tinha como objetivo fazer “frente” às companhias concorrentes.

<sup>55</sup> DIÁRIO OFICIAL. 11 de outubro de 1925. **Acervo particular Companhia Nova América.**

<sup>56</sup> Segundo os ex-operários da Nova América, havia duas “fábricas” em Del Castilho. A velha e a nova; uma de 1924, tinha seu assoalho feito de madeira, era um dos primeiros prédios construídos. A outra, uma

desde o número 1122. Segundo o Jornal do Comércio sua composição estava calculada em cerca de pouco mais de 1000 teares e outras máquinas, todas importadas da Inglaterra.<sup>57</sup>

Não obstante, a Companhia detinha outros terrenos como na região do Rio Comprido — idealizados para a criação de novas fábricas — além de regiões ao redor da fábrica Domingos Bebianno em Del Castilho para construção de moradias para o seu futuro operariado.

Os primeiros anos de existência da Nova América foram de intensa construção e investimento. O momento demonstrava-se propício, segundo Suzigan, já que “(...) o investimento atingiu os níveis mais altos de todo o período estudado, particularmente em 1924-1928, quando a taxa de câmbio estava substancialmente sobrevalorizada”.<sup>58</sup>

Somente após três anos desde sua fundação, a fábrica de Del Castilho esteve totalmente pronta.<sup>59</sup> Entretanto, em seu ano de funcionamento, 1927, sua produção fora executada com número diminuído de teares devido a uma crise no mercado têxtil brasileiro que começava a se formar. A mesma crise pôde ser identificada na Companhia América Fabril. Contudo, seu crescimento nos anos anteriores e sua estrutura mais antiga possibilitaram uma melhor passagem pelos anos que se seguiam.

Enquanto os gastos com o operariado na Nova América ainda se mostravam modestos, já no ano de 1927, sua concorrente — América Fabril — apresentava mesmo com um decréscimo tímido de capital investido uma possível maior estabilidade no que tangia às condições assistenciais. Alguns destes gastos, em educação, podem ser averiguados na tabela abaixo, por exemplo:

---

expansão no mesmo terreno de Del Castilho, fora construída já na década de 50 e mantinha uma infraestrutura mais moderna e adequada à época.

<sup>57</sup> JORNAL DO COMERCIO. 8 de março de 1924. **Acervo Particular Companhia Nova América.**

<sup>58</sup> SUZIGAN, Wilson. *Op. Cit.* pp. 91-92.

<sup>59</sup> LIVRO PROSPECTO DE EMISSÃO DE AÇÕES. S/D. **Acervo Particular Companhia Nova América.** p. 27.

	1926	1927	1928	1929	1930
<b>Escola Cruzeiro</b>	78:465\$320	78:161\$940	84:579\$190	73:422\$280	73:422\$280
<b>Escola Bonfim</b>	51:311\$940	50:571\$030	51:100\$450	47:967\$600	47:967\$600
<b>Escola Carioca</b>	68:760\$020	65:543\$790	64:799\$620	59:600\$550	59:600\$550
<b>Escola Pau Grande</b>	27:774\$350	26:976\$860	29:234\$510	24:333\$310	20:033\$820

Tabela 1: Valores em Réis do custo das escolas nos anos de 1926 a 1930.<sup>60</sup>

As farmácias fabris também apontavam para uma queda de seus recursos devido à retração do capital investido nas mesmas pela companhia. Entretanto, suas presenças em cada unidade fabril não deixavam de apontar para uma estrutura mais complexa de assistência — e controle — dos seus operários:

	1926	1927	1928	1929	1930	1931 (1º semestre)
<b>Fábrica cruzeiro</b>	35:861\$600	32:176\$440	28:843\$870	25:367\$300	13:791\$580	8:546\$990
<b>Fábrica Bonfim</b>	28:953\$810	25:617\$650	24:041\$640	25:561\$260	21:600\$750	13:680\$900
<b>Fábrica carioca</b>	38:871\$720	29:130\$900	26:614\$300	24:008\$570	19:281\$490	11:140\$430
<b>Fábrica Pau Grande</b>	36:515\$420	16:579\$520	27:523\$660	19:053\$080	19:410\$140	9:893\$090

Tabela 2: Custo das farmácias instaladas fábricas da Companhia América Fabril.<sup>61</sup>

Ainda analisando a América Fabril, outro ponto importante para se pensar em um processo desestabilizador foi a construção de um Hospital pela Associação de Operários da América Fabril, a qual fora um entrave àquela mesma associação. Após um

<sup>60</sup> BANCO CENTRAL do BRASIL, DEMAP/DISUD Gráfica. Brasília-DF. **Livro Razão** n°(s) 7-9. Páginas relacionadas nos índices dos livros respectivos; procurar em: Custo da escola Cruzeiro, Bonfim, Carioca e Pau grande.

<sup>61</sup> BANCO CENTRAL do BRASIL, DEMAP/DISUD Gráfica. Brasília-DF. **Livro Razão** n° 7-9 CAF. pp. 67-70, 90, 176, 268; 56-59, 240, 254-255; 130-137, respectivamente.

endividamento<sup>62</sup> gerado pelos gastos excedentes da construção do mesmo hospital, a associação denunciava sua impossibilidade de atender os operários.

“(…) Pelo Snr. Presidente foi exposta em linguagem clara e franca a situação crítica, precária e embaraçosa em que se encontra a Associação, com um débito de cerca de 18:000\$000, dezoito contos de réis, sendo o Hospital Evangelico credor de 16:001\$500, dezesseis contos e um mil e quinhentos réis, correspondente as contas dos mezes de Setembro, Outubro, Novembro, Dezembro e Janeiro. (...) Além d’essas obrigações, a Associação, conforme conta corrente apresentada pela Companhia America Fabril, lhe é devedora até trinta e um de Dezembro do anno findo da importancia de 1.594:745\$600, um mil e quinhentos e noventa e quatro contos e setecentos e quarenta e cinco mil e seiscentos réis, proveniente de retirada de dinheiro para fazer face á construcção do Hospital S. Jorge, despezas com advogados, etc (...) A nóva Directoria (...) espera poder em curto prazo, desembaraçar-se da situação difficil em que se encontra a Associação, regularizando a sua vida (...) proporcionando aos seus associados auxilios, pensões, tratamento hospitalar e assistencia médica a que têm direito.”<sup>63</sup>

O Hospital São Jorge, um símbolo inequívoco da tentativa de autosuficiência da associação, logo seria vendido pela Associação à Companhia América Fabril para abater seu débito.

“Assembléa Geral Extraordinária da Associação dos Operários da America Fabril para alienação de bens. (...) A Associação dos Operários da America Fabril, sendo devedora à Companhia America Fabril da importancia de ~~Rs~~ 1.809:114\$330 (mil oitocentos e nove contos, cento e quatorze mil e trezentos e trinta réis) applicada na compra do terreno e construcção do Hospital S. Jorge, sito a rua Leopoldo numero oitenta e dois, vem solicitar á Assembléa a necessária autorisação para a venda do referido hospital e seus terrenos e

---

<sup>62</sup> AGCRJ, Divisão de Documentação Escrita e Especial. Serviço de Documentação escrita; **Coleção particular Cia. América Fabril**. Livro de Atas do Conselho Superior da AOAF. Folha(s) 1-2. Data de 6 de Fevereiro de 1927.

<sup>63</sup> Ibidem.

entrega do preço apurado á Companhia America Fabril, como amortização de seu débito. (...) sem prestar o hospital o menor serviço á Associação, pelo contrario, acarretando ônus dos juros, imposto, conservação e ordenados de vigias (...).<sup>64</sup>

Neste cenário geral, em Del Castilho, a Companhia Nova América continuava sua produção e sua “corrida” para alcançar o mercado e competir com sua “progenitora” — além de outras indústrias fabris. De fato, as referências em fontes primárias sobre assistências e recursos mínimos para os operários só aparecem na década de 1940; entretanto não propomos afirmar que não houvesse tais recursos; mas sim, que se os houvesse, estes ainda seriam por demais tímidos.

#### I – (c): América e Nova América: seus caminhos.

A crise de 29 marcou um outro momento de depressão severa na indústria têxtil em geral e as duas companhias apresentaram aumento do estoque de suas mercadorias. Os anos que se seguiram, mostraram um período de gradativa recuperação ao setor têxtil.

“Os primeiros sinais de recuperação apareceram em maio de 1931, e no mês seguinte (junho) já se informava que as fábricas têxteis de algodão estavam ‘mais ativas’, o que resultou em ‘decréscimo considerável no número de desempregados’”.<sup>65</sup>

É necessário lembrar que com o advento da Era de Vargas, uma série de processos institucionalizadores, e de reconhecimento, começaram a fazer parte da vida política do

---

<sup>64</sup> AGCRJ, Divisão de Documentação Escrita e Especial. Serviço de Documentação escrita; **Coleção particular Cia. América Fabril**. Livro de Actas da Assembléa Geral da AOAF. Folha(s) 9-10. Data de 23 de Fevereiro de 1929.

<sup>65</sup> “The Anglo-South American Bank”. *Cabled Reports*, vol. 7, nº 468 (16/5/1931:6), e vol. 7, nº 491 (27/6/1931:6). In: SUZIGAN, Wilson. *Op. Cit.* p. 162.

trabalhador. A criação do Ministério do Trabalho e logicamente uma tentativa de controle<sup>66</sup>, agora por mais “camadas” institucionais que não apenas as da fábrica, daquela pluralidade operária. Movimentando, assim, uma série de mudanças e adaptações à conjuntura presente.

Neste processo, a Nova América que ainda estava moldando os meios de assistências sociais e atendimento às necessidades de seus operários, parece ter se adaptado bem aos novos paradigmas político-sociais do projeto Getulista enquanto a América Fabril reformulava<sup>67</sup> todos seus estatutos e estruturas que diziam respeito à relação patronal com seu operariado.

Em um momento de busca identitária feita pelo Estado com os trabalhadores, como alvo de suas ações, este tentava a cada ação gerar uma maior aceitação da classe operária. Mesmo com possíveis “choques” de vontades e de ações entre os industriais e o seu operariado, novas e velhas leis, e dinâmicas, eram postas em prática pelo governo, segundo Angela de Castro Gomes, do trabalhismo.<sup>68</sup> Entretanto, o momento era de extrema cautela. De fato, um novo governo de novos órgãos e com novos paradigmas político-sociais formavam um terreno fértil a descontentamentos e confrontos.

Na Nova América, em 1931, um mestre da seção de tecelagem fora espancado e ferido por uma faca (ou punhal) empunhado por um dos operários que o agrediram. Revoltosos, segundo eles, apenas teriam reagido às ações da fábrica e do próprio mestre:

“(....)allegaram os operarios que a aggressão soffrida pelo mestre foi revanche pelo facto de um de seus companheiros ter sido revistado na vespera do acontecimento, tendo sido ‘quasi despido’. (...) Allegaram os senhores

---

<sup>66</sup> A estatização dos órgãos sindicais e de representação dos trabalhadores dava ao Estado um maior e mais eficaz controle, institucionalizado, da classe trabalhadora.

<sup>67</sup> Nas Atas de reuniões, localizadas no Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, datadas do início dos anos 30, estão presentes na pauta por diversas reuniões questões referentes às mudanças de estatutos além de documentos que mostram grande atividade na reformulação legal das condições da Associação enquanto Sindicato e suas atividades.

operários outras queixas, todas de ordem administrativa e até então desconhecidas pela própria directoria! (não funcionamento dos bebedouros – falta de hygiene nas privadas, etc). (...)queixam-se também os senhores operários que são conhecedores de que a directoria pretende demittir mais de 60 collegas, dizem elles, sem motivo justificado.”<sup>69</sup>

O incidente fora ouvido pelo então Ministro do Trabalho Lindolfo Collor que mediou as partes envolvidas já que se havia instaurado uma crise a respeito de uma intenção da diretoria da fábrica de demissão coletiva de cerca de 60 operários que, com a agressão ao mestre de seção, teria se tornado imprescindível. Entretanto o Ministro, enfatizando que apenas o governo provisório e a polícia poderiam dizer quem era indesejável ou não, dera ultimato à diretoria para não executar a demissão dos operários até que as investigações fossem concluídas.

Não demitir e continuar a produção se assim quisesse o apoio do governo; esta ação mostrava que havia um outro agente presente na relação do empregador com seu empregado. Este novo agente, o poder Estatal, mostrava-se forte e capaz de — através de sua “captura” dos atores sociais no seu espaço de controle, que não se restringia apenas aos muros da fábrica — de “aglutinar” e ordenar os passos deferidos.

Ainda no início deste mesmo ano, era deflagrada uma greve — no cerne das tensões ocorridas entre operários e industriais na Nova América — a qual se inflamara devido ao mal-estar gerado no episódio anterior da agressão. Neste momento, segundo jornal local o número de operários afastados para sindicância já era de 150, sendo 6 considerados culpados pela agressão a superiores. Entretanto, isto não impediria nova manifestação às portas da fábrica.<sup>70</sup>

---

<sup>68</sup> GOMES, Angela Maria de Castro. *A invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1988.

<sup>69</sup> LIVRO DE ATAS, Reunião da diretoria e conselho fiscal. “Companhia Nacional de Tecidos Nova América. P.8 (LIVRO 1)”. In: **Acervo Particular Companhia Nova América**.

<sup>70</sup> JORNAL DO BRASIL. 03 de março de 1931. **Acervo particular Companhia Nova América**.

Enquanto operários da Nova América se encontravam neste momento de conflito, o operariado da Companhia América Fabril — aparentemente — parecia estar mais solidamente amalgamado ao relógio e o apito de suas unidades. Entretanto a administração sofria grandes perdas; no mesmo mês a América fabril divulgava ser portadora de dívida e de prejuízos que acarretavam a ela, por ser uma companhia de grande proporção, “perdas relevantes”.<sup>71</sup>

Ainda em 1930 a Associação de operários da América Fabril recusara convite — o qual as fontes não nos oferecem seu propósito — formal feito àquela associação pelo Ministério do Trabalho. Sua solidez e sincronismo com a diretoria davam-lhes um sentido de identidade o qual não os fazia aceitar a posição de qualquer tipo de representação dos demais operários que não fossem da América Fabril.

“Fez vêr a Assembléa que aquella reunião tinha o fim especial de tratar da fôrma pela qual, a Associação deveria responder aos quesitos formulados pelo Ex<sup>mo</sup> Snr. Ministro do Trabalho. Por proposta do Snr. Jorge Ferreira Sholl, e aceita pela unanimidade dos presentes, ficou resolvido que, a Associação oficiasse ao Ministério do Trabalho declinando da missão, em virtude de ser uma Associação, cujo único fim é a beneficência, e por tratar-se de uma agrimensão composta exclusivamente de operários da Companhia America Fabril, não podendo, portanto, pelas razões acima, representar o operariado em geral.”<sup>72</sup>

A idéia de não poder representar o operariado em geral mostra que, para tal afirmação, a necessidade de estar ciente de sua identidade e suas diferenças em relação aos demais sindicatos era presente. Sendo assim, parece ser na diferença — também um meio — que a construção da identidade se forma.

---

<sup>71</sup> JORNAL DO COMERCIO. 22 de março de 1931 (transcrito de diário carioca 20 de março de 1931). **Acervo particular Companhia Nova América.**

<sup>72</sup> AGCRJ, Divisão de Documentação Escrita e Especial. Serviço de Documentação escrita; “Livro de Actas da Directoria nº2”. p.15. Data de 6 de Dezembro de 1930. In: **Coleção particular Cia. América Fabril.**

“(…) Da mesma forma que a identidade, a diferença é, nesta perspectiva, concebida como auto-referenciada, como algo que remete a si própria. A diferença, tal como a identidade, simplesmente existe.”<sup>73</sup>

Na Companhia Nova América os operários possuíam a Associação Atlética Nova América; a qual não se tem — até o presente momento — a data de sua fundação. Segundo a própria instituição:

“Esta associação funciona em constante progresso e eficiência da prática de esportes e da parte social, havendo grande interesse, afirmação e entusiasmo na disputa de concursos internos entre os seus associados”.<sup>74</sup>

Entretanto, alguns fatos elucidados nesta pesquisa, com base na documentação referente mostram que até meados de 1942<sup>75</sup> não haviam sequer sido concluídas as vilas operárias de nome “Cidade Jardim” — na região de Del Castilho.

Em Ata de agosto de 1933 da reunião da Diretoria e Conselho fiscal, a compra de terreno junto à fábrica Domingos Bebianno para construção de uma escola para operários e dependências à assistência social<sup>76</sup> mostrava que o não investimento na área social esteve diretamente atrelado às altas dívidas contraídas no exterior pela companhia. De certo, ainda em 1938 as vilas operárias não achavam-se totalmente acabadas.

---

<sup>73</sup> SILVA, Tomas Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença” In: **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos Culturais**. (org.) Tomaz Tadeu da Silva. 3ª edição; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. p. 74.

<sup>74</sup> DIÁRIO OFICIAL. 4720 (SEÇÃO I) segunda-feira 19 de março de 1945. **Acervo particular Nova América**.

<sup>75</sup> DIÁRIO OFICIAL. 1711 7(SEÇÃO I) segunda-feira, 2 de fevereiro de 1942. **Acervo particular Nova América**.

<sup>76</sup> LIVRO de Atas da reunião da diretoria e conselho fiscal S. A CIA. NACIONAL DE TECIDOS NOVA AMERICA. p. 13-14. (livro 1). In: **Acervo particular Nova América**.

Tais constatações mostram que, além do fato de não haver moradias suficientes para os operários, a questão social — ao menos nos primeiros 10 anos de existência da Companhia Nova América — que espacialmente gira em torno de um *locus* de confraternização e de encontros daqueles operários pareceu estar carente de seus recursos.

Os operários da Companhia Nova América estavam, assim, mais desprovidos de possibilidades de educação, lazer e saúde. A foto abaixo mostra algo do perfil de seus operários:



Figura 9: Operários da Companhia Nova América, S/D.<sup>77</sup>

Nos anos que se seguiram pela década de 1940, o Brasil e conseqüentemente suas indústrias viram-se em necessidade de adaptar-se à conjuntura da 2ª Guerra Mundial. Registros indicam que operários das duas fábricas compuseram as “fileiras” dos soldados

enviados na força expedicionária brasileira. A Nova América passou a utilizar uma coluna no “Boletim Nova América”<sup>78</sup> para contar os feitos de seus operários no *front*. O Boletim fora criado e veiculado por funcionários da Companhia em novembro 1944 e atendia o operariado com diversas colunas de assuntos gerais e de prestação de serviços. Dentre outras pautas, destacavam-se a coluna de esportes e de piadas. O mesmo era extensamente veiculado dentro dos muros da fábrica e servia igualmente como meio de comunicação — e controle — entre a diretoria e seus operários.

Os meios de comunicação institucionalizantes presentes nas fábricas tinham igualmente grande destaque na Companhia América Fabril. Cada fábrica possuía um jornal destinado àquele operariado. Jornais dos operários da fábrica Cruzeiro; da fábrica carioca; Bonfim; Mavilis; Pau Grande.<sup>79</sup>

No período pós-segunda guerra mundial, a Nova América pôde investir mais, não só nas áreas sociais da companhia, que estiveram sempre em desfalque, como também em sua infra-estrutura, onde mostrava-se interessada em investir em outras empresas, adquirindo parte de suas ações. “Vulcan” Artefatos de Borracha e Material Plástico S.A. e Companhia Brasileira de Fiação em São Paulo (Taubaté). Sendo que, em 1945, na área social, a Nova América sinalizava tais intenções.

“(…) Após sérias dificuldades decorrentes: — umas, das condições especiais dos momentos que passamos, outras, por condições ligadas a estas dependências administrativas em conexão com este empreendimento. Conseguimos concluir as exigências públicas e entregá-lo ao poder municipal. Toda área de construção está rigorosamente loteada, solidamente calçada,, artisticamente arborizada, seguramente feita a canalização d’água e construídos a rigor os campos de foot-ball e Voleyball. As despesas ultrapassaram os limites

---

<sup>77</sup> **Acervo Particular da Companhia Nova América.**

<sup>78</sup> DIÁRIO OFICIAL. 4720 (SEÇÃO I) segunda-feira 19 de março de 1945. Acervo particular Nova América.

do orçamento (...) Casas de operários: Chegou o momento de, de pronto, iniciarmos as construções das casas operárias (...) atendendo os diversos aspectos que devem ser considerados: — tipos de casas adaptáveis à topografia do terreno, às necessidades de cada grupo de família, preços de construção e do material a ser usado com mais segurança e duração, etc. (...)”<sup>80</sup>

#### I – (d): América Fabril e Nova América: Um outono x uma primavera.

Até os últimos anos da década de 1940, houve uma divisão do mercado carioca de indústria têxtil onde essas duas companhias detinham posição de destaque. Entretanto, é importante lembrar que durante a década anterior a Nova América esteve, a cada momento, crescendo e impondo uma competição maior à sua antiga “mãe”. A década de 50 foi definitivamente uma década de “primavera” para a Nova América.

No que tange às questões de lazer, a Associação Atlética Nova América — agora já melhor estruturada — promovia bailes e campeonatos de jogos como futebol e malha; a cooperativa — já instaurada — possibilitava a aquisição de gêneros alimentícios aos operários — uma espécie de cesta básica — e a capacitação profissional melhorava qualitativamente com a implementação de programas de cursos técnicos nos limites da fábrica.

Essa cooperativa, associada à capacitação profissional em conjunto com o SENAI, e as constantes ações recreativas da associação renderam aos operários um “bem estar social” que caminhava lado a lado com as condições de trabalho que ainda apresentavam certa insalubridade.

---

<sup>79</sup> AGCRJ. Serviço de Documentação Escrita e Especial. Coleção particular Companhia América Fabril. Livros Diário(s) nº(s). 20-34.

<sup>80</sup> DIÁRIO OFICIAL. 4720 (SEÇÃO I) segunda-feira 19 de março de 1945. Acervo particular Nova América.

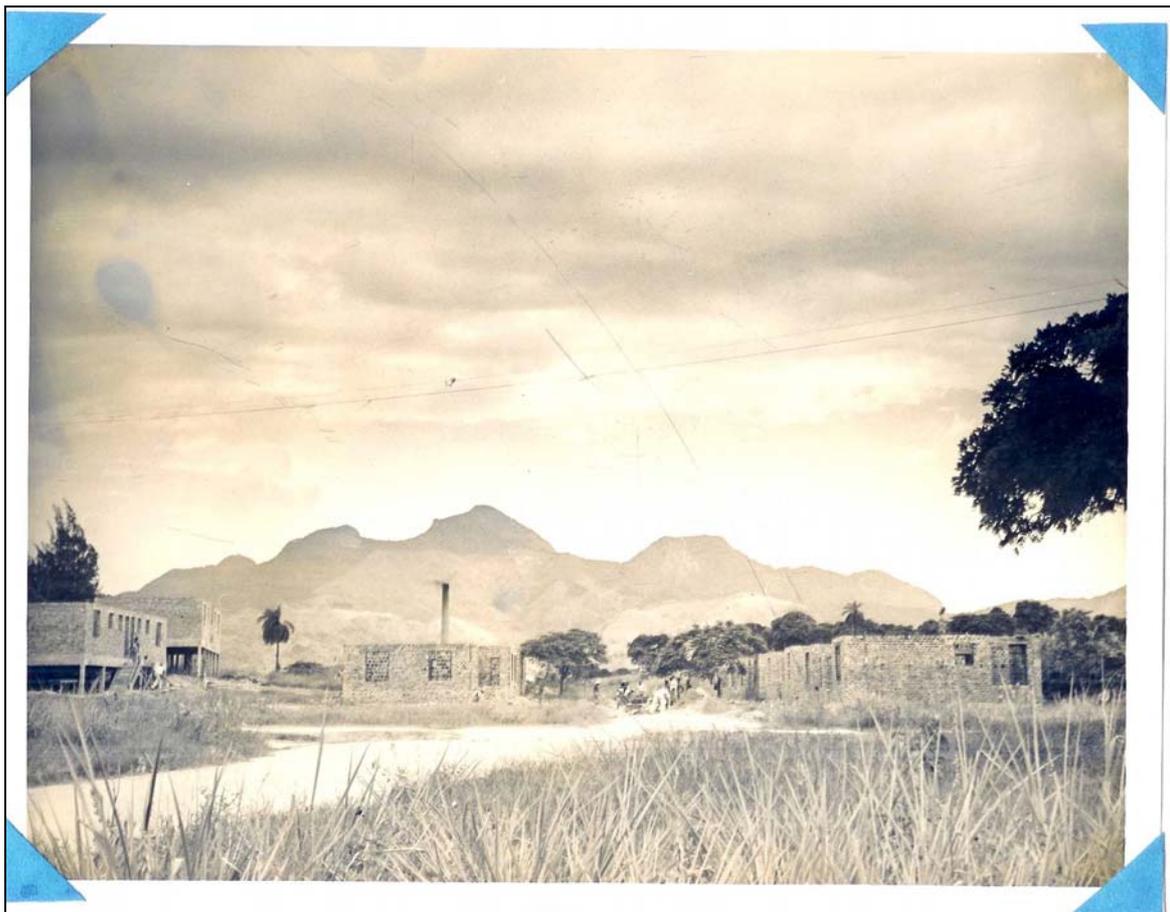


Figura 10: Cidade Jardim, casas operárias na região de Inhaúma. Ao fundo chaminé da Nova América. S/D.<sup>81</sup>

Muitas das casas para operários já se encontravam prontas e acabadas. O operariado da Nova América começava a receber um acréscimo — em matéria de valorização social —, desde finais da década de 40 — como fora apontado anteriormente —, e a questão social começava a ser mais explorada pela Companhia Nova América. A Cidade Jardim — vila operária da Nova América — havia definitivamente sido posta em fase de conclusão e de aumento de suas casas para os operários.

---

<sup>81</sup> Acervo Particular da Companhia Nova América.

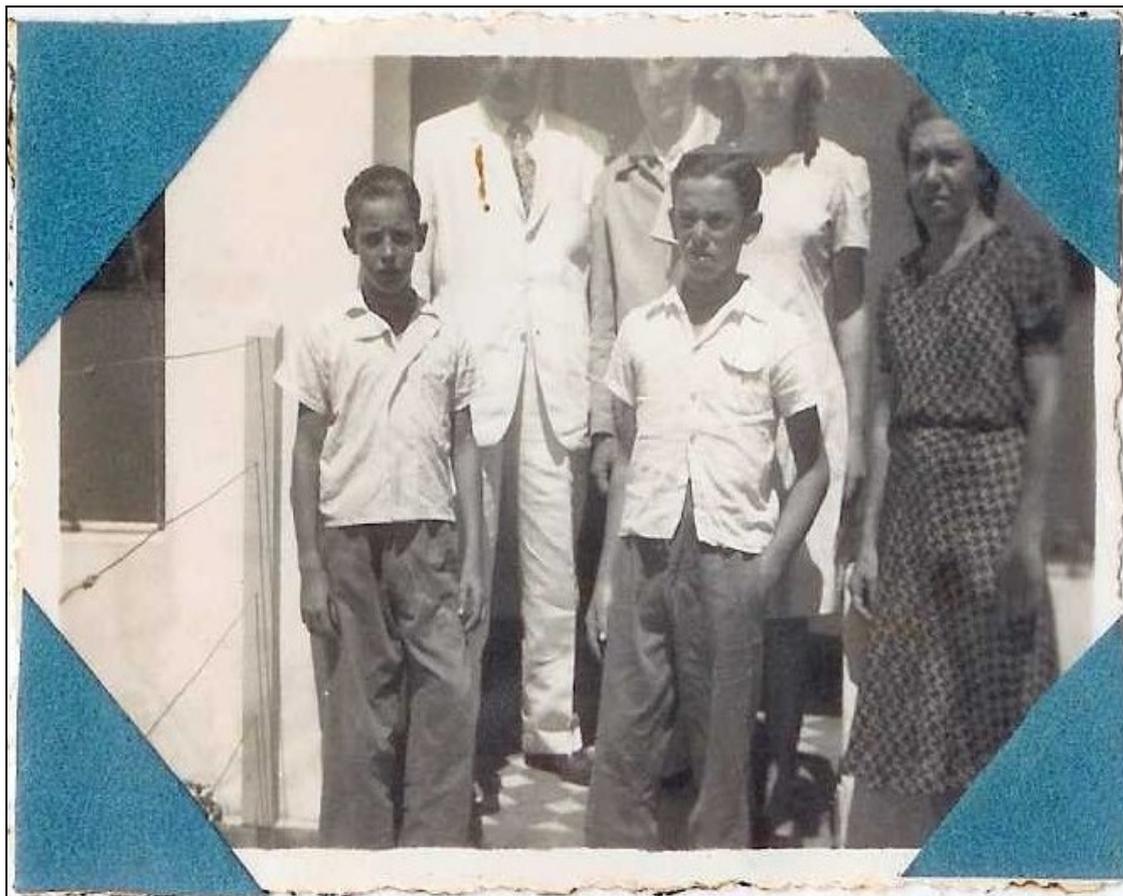


Figura 11: Cidade Jardim. Família proletária. Rua Mark Sutton 100, apartamento 103. S/D.<sup>82</sup>

Na Nova América, a segunda metade da década de 50 mostrava um movimento de crescimento substancial na empresa. Além da intenção de se construir nova unidade em uma região de Duque de Caxias, a unidade de Del Castilho sofrera uma obra de expansão, com criação de novos prédios no complexo fabril visando o aumento de produção, com um novo maquinário e aumento do seu capital.

O processo de construção do anexo, em Del Castilho e, principalmente, da nova unidade em Fonte Limpa, em Duque de Caxias levou alguns anos para ser concluído. Para não haver prejuízos, durante a construção da unidade de Duque de Caxias, parte da fábrica já funcionava com a intenção de atender as metas estipuladas por aquela diretoria.

---

<sup>82</sup> Ibidem.

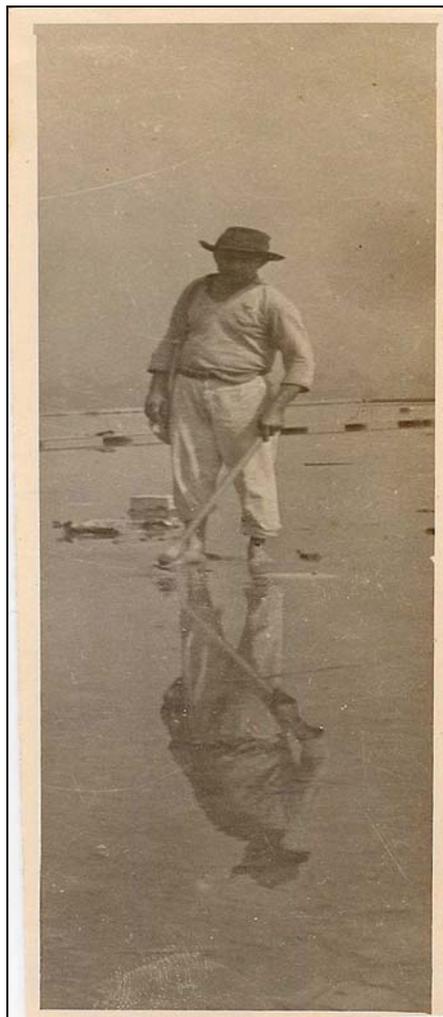


Figura 12: Trabalhador na laje de prédio em construção na Unidade de Del Castilho, Nova América, S/D.<sup>83</sup>

Embora os avanços da Nova América, no meio social, tenham sido significativos nos anos 50, a mesma ainda enfrentava alguns problemas no tocante à saúde e educação. Mau atendimento aos operários enfermos, ou vítimas de acidentes, explicitavam a qualidade do atendimento público e as poucas medidas feitas pela companhia. Casos como da Sra. Robinson e outros operários, respectivamente no fragmento abaixo:

“(..) o médico de plantão, da fábrica, recentemente admitido, sabendo tratar-se de pessoa considerada, achou melhor envia-la ao Pronto-Socorro para o tratamento cirúrgico – sutura – fosse por técnico adestrado executado. Em –pós esta intervenção não quis a paciente tomar o sôro antitetânico, indispensável no

caso, o que foi conseguido pelo médico Dr. Diogo. (...) Acidentes de menores em Fonte Limpa: 1º caso – Menor Mônica – 8 anos. Filha de operários, fraturou a perna em uma sexta-feira. No sábado, o médico mandou leva-la ao Samdu em Caxias e depois ao Hospital Jesus e ao Hospital Getúlio Vargas e em nenhum deles foi atendida, sendo socorrida por um farmacêutico cujo resultado é de comentar”<sup>84</sup>.

Foi também neste mesmo período que a Companhia América Fabril também “apostou” em uma modernização de sua indústria. Esta criou duas novas unidades em Pau Grande — uma sendo apenas para o alvejamento dos tecidos, em Cachoeira Grande, e outra chamada Fábrica Santana com equipamentos mais modernos —, já que a quase setuagenária Pau Grande se mostrava bastante obsoleta.

Ainda na década de 50 era concluída pela Companhia América Fabril a compra da Companhia de Tecidos de Linho Sapopemba<sup>85</sup>, a qual seria então renomeada como Fábrica Deodoro. Estas expansões apontaram como as últimas da Companhia América Fabril.

Mesmo dessa maneira, o suporte tecnológico das fábricas da América Fabril não era suficiente para reestruturar todos os seus parques industriais e, tal fato, mostrava-se latente já poucos anos depois, quando algumas fábricas começariam a fechar suas portas devido à perda de mercado não só para a indústria — mais modernizada e com produtos e fibras novos — paulista, como para todas as outras que investissem em novas tecnologias. Ao que parece, a América Fabril também não deixou de investir na tecnologia de sua produção; entretanto, sua ramificação e extensão — devido ao grande número de fábricas — acabaram por deixá-la “lenta” no novo cenário de reestruturação e flexibilidade do trabalho, tempo e espaço.

---

<sup>83</sup> Acervo Particular da Companhia Nova América.

<sup>84</sup> LIVRO de Atas da reunião da diretoria e conselho fiscal S. A CIA. NACIONAL DE TECIDOS NOVA AMERICA. 9 de novembro de 1961.

<sup>85</sup> AGCRJ. Serviço de Documentação Escrita e Especial. “Livro de Atas dos Liquidatários da massa falida da Companhia de Tecidos de Linho Sapopemba”. In: **Coleção particular Companhia América Fabril**. Empresas Adquiridas.



Figura 13: Unidade de Alvejamento ligada a Fábrica Pau Grande, Cachoeira Grande, Magé. 2004.<sup>86</sup>

Em contrapartida, no ano de 1961 a nova Unidade da Companhia Nova América, Fonte Limpa, localizada em Duque de Caxias finalmente passava a funcionar totalmente. Sua produção aumentara e jogava a Nova América em uma posição diferenciada da América Fabril que experimentava um processo de decadência sem igual em sua história levando-a a fechar algumas de suas unidades. Ao direcionar parte de sua produção, como o beneficiamento do tecido, seu alvejamento, sua tintura, para o interior com instalação de nova unidade, a Nova América não só qualificava mais ainda sua produção como resolvia o problema do abastecimento de água que se tornava dispendioso demais na cidade do Rio de Janeiro, em termos de uma indústria têxtil.

---

<sup>86</sup> Foto de: Ricardo M. Pimenta; tirada em agosto de 2004 em visita às ruínas da unidade de alveamentos na cidade de Magé.

Diferente da América Fabril, só agora a Nova América se expandia. Além do mais, no regime militar dos anos 60, igualmente garantiria que o operariado daquela região estivesse menos exposto a propaganda “subversiva” que era combatida fortemente nos centros urbanos.



Figura 14: Construção da Unidade Fonte Limpa, Nova América. 1957.<sup>87</sup>

Quanto à América Fabril, à mesma época vivia um processo que, aliado a uma crise de nível nacional, na produção têxtil, juntamente com o crescimento urbano, deflagrava seu processo degenerativo. Sua unidade do Jardim Botânico — Fábrica Carioca — foi desativada já em 1962, sendo demolida em 1964. Vale lembrar que no mesmo ano do golpe militar, apagar o espaço da Fábrica Carioca era “limpar” o “lugar comum”, ou seja, um espaço fabril onde era notória a presença desde meados de 1920 de simpatizantes

do partido comunista. Rapidamente desmembrado, e vendido para o mercado imobiliário, no qual boa parte do terreno também fora vendida para a então Rede Globo de Televisão<sup>88</sup>.

Em 1968 a maior unidade da CAF, Fábrica Cruzeiro (localizada entre os bairros do Andaraí, Vila Isabel e Grajaú), fora finalmente desativada quase por completo e desmembrada entre credores como Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal e o Banco Nacional de Habitação. No local da fábrica, condomínios e bancos foram construídos acompanhando o crescimento urbano e imobiliário do Andaraí, subúrbio carioca. No bairro do Caju, as fábricas fecharam suas portas para nunca mais abrir, deixando dezenas de famílias desempregadas. Os prédios da Mavilis e da Bonfim ficaram por anos inertes e sendo degradados pelo tempo.

As unidades ainda em funcionamento restringiam-se apenas às fábricas Santana, em Pau Grande, e Deodoro, no bairro de mesmo nome. Passando por períodos de concordata e troca de dirigentes estas unidades funcionaram até meados de 1983 quando foram vendidas para o grupo MultiFábrica.

#### I – (e): O fim de tudo: A Nova América e a falência de um sonho.

A Companhia Nova América é importante ressaltar, desenvolveu-se bastante na década de 50 e início dos anos 60. Entretanto suas ambições que em 1964 apresentavam-se até com um projeto futuro de compra de uma empresa no Japão<sup>89</sup> foram contundentemente nocauteadas pela crise financeira que veio nos anos seguintes.

Atrelada ao cenário econômico da época a Nova América que tinha recentemente aumentado seu capital em bilhões, enfrentou segundo ela mesma dificuldades financeiras

---

<sup>87</sup> Acervo Particular da Companhia Nova América.

<sup>88</sup> WEID, Elisabeth von der. BASTOS, Ana Maria Rogrigues. *Op. Cit.* p. 267.

<sup>89</sup> LIVRO de Atas da reunião da diretoria e conselho fiscal S. A. CIA. NACIONAL DE TECIDOS NOVA AMERICA. 14 de setembro de 1964.

que classificavam como de “Caráter epidêmico”.<sup>90</sup> Suas expectativas apresentavam-se da seguinte forma:

“(…) difícil prever quando frutificarão as medidas de saneamento da economia nacional postas em prática pelo governo, vem submeter aos senhores acionistas tais razões e pedir autorização para contratar operações de financiamento no exterior(…) ou empréstimos no mercado interno, através da emissão de debêntures (…)”.<sup>91</sup>

Durante todo o ano de 1965 suas tentativas foram inócuas contra o déficit crescente que a colocava cada vez mais em crise. Os anos seguintes levaram a Nova América em aparente decaída. Empréstimos e estratégias promovidas pela companhia não conseguiram devolvê-la o auge dos anos 40 e 50. Com sua falência em 1984, a Nova América — em sua “morte” institucional — encontrou-se com parte de sua “origem”; incorporou-se por intermédio do grupo MultiFábril<sup>92</sup>, o mesmo que tinha comprado há alguns anos fábricas da companhia América Fábri, sendo elas as fábricas de Santana e Deodoro.

A partir deste momento, por questões de identidade melhor reconhecida, o referido grupo — no Rio de Janeiro — continuaria a utilizar a razão social de Companhia Nova América, de sorte que as fábricas remanescentes da antiga América Fábri passavam, após toda sua existência, a serem identificadas igualmente como “Nova” América. Muitos ex-operários foram reintegrados no quadro de funcionários e muitos outros que tinham trabalhado no “espaço” América Fábri, passavam a fazer parte de uma nova realidade, e serem integrados em uma nova história.

---

<sup>90</sup> Idem. 27 de abril de 1965.

<sup>91</sup> Ibidem.

<sup>92</sup> Grupo empresarial têxtil ligado ao grupo Cataguazes-Leopoldina.

Esta experiência, vivida e construída através da memória dos operários é que será o tônus deste trabalho. Muito da história destas companhias esteve omitido pela ação lacunar da construção histórica e, dessa forma, será pela memória que propomos a continuidade desta investigação. Nesse sentido, será o operário, com seus significados e lembranças que dará voz a uma fração da sua “realidade” experimentada por ele próprio.

## CAPÍTULO II

### NAS “FIBRAS” DE UM TECIDO SOCIAL: OPERÁRIOS “CERZIDOS” PELA MEMÓRIA.

*“É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original. Na ação e no discurso, os homens mostram quem são (...) Esta qualidade reveladora do discurso e da ação vem à tona quando as pessoas estão com outras, isto é, no simples gozo da convivência humana (...)”*

Hannah Arendt\*

Após abordarmos a história das companhias América Fabril e Nova América, através do surgimento, desenvolvimento e a decadência de ambas, traremos para o foco de questões, desta presente seção, os operários que as compuseram.

A partir deste ponto, o trabalho de pesquisa adota uma abordagem mais etnográfica em detrimento unicamente da busca contínua por fontes documentais de forma que nos aproximaremos mais dos sujeitos participantes daquele passado através da História Oral como eixo metodológico.

Nesse sentido, procuramos “ouvir” aqueles homens que viveram seu tempo. Ou seja, os velhos trabalhadores que através das entrevistas realizadas trouxeram nas suas trajetórias de vida, a coletividade do trabalho fabril e suas “marcas” das experiências vividas pela memória.

O cotidiano operário esteve, dessa forma, balizando o “eixo principal” da abordagem realizada com esses sujeitos. Entretanto, sua “riqueza” de detalhes e situações

por eles protagonizadas, justificava cada vez mais a importância do emprego das pesquisas de campo utilizadas associadas à investigação oral.

Trabalhar com depoimentos e entrevistas é, sobretudo trabalhar com a “desconstrução” e com a própria construção em um mesmo tempo e espaço. É, senão, articular à realidade forjada pelo senso comum e pela ciência, as exceções e representações individuais ou coletivas, bem como o afeto inerente ao homem que — por mais que seja “objeto” da pesquisa — detém em sua subjetividade a experiência vivida do passado que nos é posta pela fala, pela oralidade, e por uma memória social.

Além disso, nos estudos acerca da memória social tal dinâmica vem de maneira profícua incrementando o emprego da história oral. A memória é, assim como a representação social, uma construção no presente com base em experiências, tradições, ou quadros sociais, passados e atuais. Por essa linha, estudos como os de Maurice Halbwachs<sup>93</sup>, por exemplo, acabaram por se tornar referência para a geração de estudiosos da memória social e de suas implicações coletivas.

Há, igualmente, na fala dos velhos operários, muito mais que simples lembranças ou histórias. Há a própria estrutura de seus espaços sociais<sup>94</sup> — seja de trabalho ou familiar —, bem como de seu próprio imaginário e suas próprias representações. A memória operária vem se colocando, portanto, na trajetória dos mais novos questionamentos sobre os mundos do trabalho e sua história social e cultural.

Nessa ordem, a pesquisa de história oral adquire, entre outros objetivos, um tratamento etnográfico ao passo que o pesquisador “entra” no espaço físico e social do entrevistado e partilha com ele de um momento onde aquelas visões e experiências vividas tomam forma no discurso daquele. Passos como estes não são de todo fáceis e intuitivos. A

---

\* ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª edição, trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. pp. 188-192.

<sup>93</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

<sup>94</sup> BOURDIEU, Pierre. **A Miséria do Mundo**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997. p. 160.

habilidade do pesquisador é posta a prova a cada momento, uma vez que, ao se lidar com pessoas e não unicamente com documentos. Sua atenção deve se potencializar para as “narrações”<sup>95</sup> que, na cadência das entrevistas realizadas tomam forma e trazem muito mais que lembranças sem significado e experiências descartáveis. Ações como estas são, portanto, peças fundamentais para se manter o respeito às opiniões dos entrevistados<sup>96</sup> conquistando-lhes a confiança — peça fundamental para se estabelecer, manter e expandir a rede de contatos, no processo de pesquisa de campo.

Sendo assim, consideramos que foi na compreensão do espaço e de seu personagem que, através de entrevistas exploratórias<sup>97</sup> se tornou possível lançar as primeiras questões acerca da formação de uma memória coletiva, de relações sociais e da identidade desses antigos trabalhadores.

Ao entrar em contato com o campo dessa pesquisa, alguns fatores apontavam para uma prévia dificuldade em se estabelecer o contato com os ex-operários. Se não bastasse o fato de algumas das fábricas que compunham a companhia América Fabril terem fechado já na década de 60 — o que dificultava encontrar antigos operários, pois muitos já haviam morrido ou se mudado —; o outro fator era que algumas das fábricas se localizavam em regiões de extrema urbanização e, assim, de extrema modificação de seus espaços. Prédios, condomínios, lojas, shoppings, casas, ruas. Cada modificação trazia à busca de contatos, uma dificuldade maior.

---

<sup>95</sup> A narração, como colocou Benjamin, difere dos processos historicizantes devido à condição artesanal que lhe é própria. Cf. BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura**. (Obras Escolhidas, Vol 1) 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.197-221. Ainda assim, seu emprego na produção historiográfica tem rendido pesquisas de referência. Cf. FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do Mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)**. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

<sup>96</sup> THOMPSON, Paul. **A Voz do passado**. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

<sup>97</sup> Obtivemos uma “rica” variedade de questões provenientes das falas destes antigos trabalhadores tomando possível à *posteriori* priorizar certas temáticas para o desenvolvimento da análise. Cf. *Ibidem*. pp. 254-259.

Entre algumas dessas dificuldades podemos destacar a “negociação” presente no contato e em toda aproximação realizada, de forma que, a cada momento, “guardiões”<sup>98</sup> dessas redes se interpõem entre o pesquisador e outros personagens que possam ser entrevistados.

Com uma abordagem mais “informal” conseguimos uma melhor familiarização com os entrevistados visto que o contato com a câmera fotográfica e com o gravador, muitas vezes eram símbolos de algo totalmente novo para esses atores que foram simples trabalhadores de um cotidiano que, para eles, mostrava-se muito natural.

Outro obstáculo se deveu à velocidade que o progresso e a transformação dos espaços atuaram no tempo — nesse sentido, vale lembrar que mais à frente abordaremos a questão do espaço de forma mais vertical — no qual estes mesmos se traduziam como os palcos das relações sociais passadas.

Além da dificuldade referente à questão do espaço, havia a situação agravante de não haver — com exceção do trabalho ímpar de Weid e Bastos<sup>99</sup> — uma extensa bibliografia sobre as duas companhias tratadas. Buscar os personagens da história dessas indústrias tornava-se, portanto, um processo de “arqueologia” social. Era buscar através de levantamentos prévios sobre as mudanças ocorridas na cidade os locais possíveis onde algumas dessas pessoas ainda poderiam ser encontradas.

Obedecendo estas premissas, cada vez mais as entrevistas realizadas tornavam presente a idéia de que as lembranças e discursos ali apresentados compunham os “retalhos” da experiência laboral das fábricas de tecidos e da memória daquele grupo social, os trabalhadores têxteis.

---

<sup>98</sup> Tradução própria do autor. De “*Gatekeepers*” In: HAMMERSLEY, Martyn. ATKINSON, Paul. *Ethnography: Principles in practice*. 2ª edição. Londres e Nova York: *Routledge*, 1995. pp. 63-64.

<sup>99</sup> WEID, Elisabeth von der. BASTOS, Ana Maria Rodrigues. **O Fio da Meada – Estratégia de expansão de uma indústria têxtil**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, Confederação Nacional da Indústria, 1986.

Verdadeiras “Histórias de vida”. Constituídas no afeto de seus protagonistas e narradas pelo “fio” de uma memória que, ao lembrar questões como do trabalho infantil, do dia-a-dia de trabalho, das resistências e estratégias criadas nas relações de poder instituídas — bem como das ações políticas, costumes e lazer —, sinaliza a cada verbo sua consonância com as outras falas operárias. As lembranças do trabalho, ainda que desveladas pela fala de um indivíduo, estiveram intensamente articuladas às experiências coletivas quando, ao se “desnudarem” no presente, traziam em sua estrutura o grupo e sua classe.

Era no contato com o passado do trabalho fabril — criação e vítima do capitalismo industrial —, e na reificação social e espacial do seu respectivo coletivo que se formou a fala desses personagens. Neste sentido, Arendt apontara para uma perda de consciência e identidade individual, quando se referia aos operários<sup>100</sup>, em geral. Ademais, na ação da “fala” esses antigos trabalhadores expressaram, então, uma fração de suas individualidades; mesmo que a construíssem tendo o “coletivo” em perspectiva.

Ainda assim, pareceu-nos mais claro considerar que a adoção de uma consciência e identidade coletivas em detrimento da individual se constituiu fortemente enquanto uma característica do mundo do trabalho industrial, na qual a sociabilidade do trabalhador era construída pela presença do grupo e da vida em comum.

Nos “vazios” e “preenchimentos” de seus discursos — características de uma narração benjaminiana<sup>101</sup> — intentamos em desvelar suas vidas do “subterrâneo deletério” de construções e leituras do passado que, tanto no senso comum como nos meios institucionais, tendem a “sufocar” algumas das pluralidades nas quais a realidade se apóia.

---

<sup>100</sup> ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª edição, trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 224.

<sup>101</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. Coleção Estudos. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. pp. 62-63.

Assim, ao estudarmos a memória do velho operário têxtil poderemos analisar não só a imagem do operário, como a própria imagem do trabalho construída por eles mesmos e pela própria estrutura das dinâmicas instituídas em uma fração do espaço fabril têxtil característico das primeiras seis décadas do século XX<sup>102</sup>, e dos anos que se seguiram com as mudanças do cenário capitalista industrial.

Nesse escopo, este trabalho também se questiona sobre a identidade operária. Pois, como uma “costura” do sujeito à sua estrutura social, a identidade se fez presente nas lembranças e na expressão oral de seus atores os quais encontram ali o instrumento de ação para uma memória.

Dizemos, assim, que o campo de atuação entre a memória e a identidade é o próprio homem. É nele, como apontou Candau<sup>103</sup>, que um rico cenário de interação daquele ator social com seu grupo se apresenta nas memórias genealógicas, familiares, geracionais, comemorativas e de tragédias<sup>104</sup>, por exemplo. É por ele que as batalhas entre passado e futuro<sup>105</sup> se prolongam enquanto a vida se mantém.

No encontro de si com o espaço e o tempo, a identidade toma forma e se mantém — ou até se re-inventa — pelo trabalho da memória. Não obstante, Pollak já a assinalava como “um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva (...)”<sup>106</sup>.

Assim, foi nesse “elemento” que a riqueza de detalhes, de silêncios e revelações, valores e descrenças, tomou pela fala seu palco de relações sociais as quais consideramos indelévels à compreensão do personagem e de suas ações no espaço de trabalho.

---

<sup>102</sup> A partir dos anos 60, o cenário têxtil começa a apresentar algumas dificuldades. Nesse sentido, até os primeiros anos dessa década, não só a identidade da indústria têxtil, como de seu operariado parecem bem solidificadas no cenário urbano.

<sup>103</sup> CANDAU, J. *Mémoire et identité*. Paris: Press Universitaires de France, 1998.

<sup>104</sup> Memórias de comemorações, tragédias, genealógicas, familiares e geracionais fazem parte dos grupos sociais enquanto alicerces para uma memória coletiva e uma identidade. Cf. *Ibidem*. pp.131-153.

<sup>105</sup> ARENDT, Hannah. *La Vida del Espíritu*. 1ª ed. Col. Paidós Básica 110. Trad. Carmen Corral y Fina Birulés. Buenos Aires: Paidós Editora, 2002. pp. 222-223.

Em relação aos operários das companhias têxteis citadas, a rede de informantes foi composta pelos seguintes integrantes: Julio Muniz Cardoso (construção e alvejamento), Valdeci Simões Dias (tecelagem), Antonio Herrero (cardas e fiação), Silvia Ministério (tecelagem), Esmerada da Silva Sereno (carretéis e tecelagem), Dona Noemia (tecelagem), Milcar Canellas (gravação) — da companhia América Fabril —; e Milton Raposo (RH), Salvador Oggiano (administração e RH), Antonio José Fernandes (Toninho) (eletricista), Agenor Figueira Rodrigues (tinturaria, CIPA e RH), Isabel Batista (carretéis e administração) e Antonio L. Borges (tinturaria e CIPA) — da Nova América.

Todos estes trabalhadores que ainda moram nas imediações de seus antigos espaços de trabalho têm em suas falas, não apenas, produções efêmeras ausentes de significados e de memória. Em suas oralidades é possível reconhecer as ações de contato e mistura, do espaço social e familiar com o que outrora foi de trabalho, denunciando, assim, nas ações presentes as características do grupo. Para tal, se conclui que:

É nesta articulação, portanto, que o processo constitutivo da memória destes atores se forma tendo as diferentes dinâmicas existentes no grupo do qual fizeram, ou fazem parte, a base para suas construções.

Ainda que permeado por diferentes experiências individuais e diferentes grupos, é na lembrança do trabalho que a identidade operária, ainda hoje, se amalgama de maneira indissociável à constituição daquele enquanto um cidadão.<sup>107</sup> Tal paridade simbólica presente no binômio “trabalho/cidadania” esteve, desde antes dos anos 30, germinando no espaço proletário brasileiro.

Não apenas homens como mulheres e crianças também detinham em um imaginário coletivo a questão do trabalho, e de sua capacidade produtiva, como

---

<sup>106</sup> POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

<sup>107</sup> GOMES, Angela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. 3ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Editora FGV, 2005. pp. 229-231.

“passagem” para a cidadania e descoberta de si, tendo como parâmetro o *locus* político, social, econômico e cultural operário.

Há, portanto, um conjunto de representações sociais próprias do grupo social em questão. Suas leituras de passado e de experiências comuns se constroem a todo o momento nos espaços contemporâneos — ainda que fragmentadas — tendo como base uma subjetividade comum da linguagem e das suas representações.

“Representar significa, a uma vez e ao mesmo tempo, trazer presentes as coisas ausentes e apresentar coisas de tal modo que satisfaçam as condições de uma coerência argumentativa, de uma racionalidade e da integridade normativa do grupo. (...) Conseqüentemente, o status dos fenômenos da representação social é o de um status simbólico: estabelecendo um vínculo, construindo uma imagem, evocando, dizendo e fazendo com que se fale, partilhando um significado (...)”.<sup>108</sup>

Desta forma os pensamentos e significados que se manifestam nos grupos incorporam as construções de seus atores sociais inferindo-lhes tanto memórias conjuntas, quanto representações e leituras do indivíduo.

Buscando no grupo as “ferramentas” que o auxiliarão na construção de seu discurso, e, obedecendo aos temas e meios simbólicos próprios<sup>109</sup> de um momento histórico e social, o antigo operário “alinhava” sua fala pelo próprio *status* simbólico<sup>110</sup> que aquele grupo agrega.

É, portanto, na busca dessa memória agregada e constituída por valores e experiências em comum, que analisaremos a seguir as questões, então, características às trajetórias de vida presentes nos depoimentos destes trabalhadores.

---

<sup>108</sup> VIGNAUX, G. *O Conceito de Themata* In: MOSCOVICI, S. ; VIGNAUX, G. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003. p.216.

<sup>109</sup> Ibidem. p.242.

<sup>110</sup> Ibidem. p.216.

## II – (a) Infância e trabalho\*\*.

Nas companhias têxteis estudadas as crianças compunham um número expressivo de operários. Nos recursos patronais instituídos — como escolas primárias e creches, por exemplo —, uma “disciplinarização extensiva”<sup>111</sup>, preocupada não só com a ação dos operários adultos, e em seu controle; mas também pela “docilização” dos jovens instituindo-os desde o mais breve início no ritmo do trabalho ali desenvolvido, tratava de gerenciar uma mão-de-obra “barata” ou “dócil”, quase “agradecida”.<sup>112</sup>

Muito comum para as grandes indústrias do cenário urbano carioca — principalmente nas primeiras décadas do século XX —, como um meio de “salvaguardar” o futuro dos jovens, a admissão de menores se configurou fortemente como uma prática comum daquele período. Como Maria Auxiliadora G. de Decca aponta, o trabalho dos menores era, portanto, justificado pela direção fabril como meio de “retirá-lo de meios ‘malsãos’ e viciados”.<sup>113</sup>

Nas entrevistas realizadas, para grande número destes antigos operários, a ida à fábrica esteve intimamente ligada à necessidade de dinheiro para suas famílias e, assim, da contribuição para o orçamento da casa. Essa experiência não foi diferente com Isabel, uma ex-operária e ex-secretária da companhia Nova América, hoje aposentada:

“Saí do colégio primário, não cheguei a fazer o segundo grau, meu pai adoeceu e faleceu. Eu era a filha mais velha de duas menores... (...) e eu tive que correr

---

\*\* Texto modificado da apresentação de: PIMENTA, Ricardo M. “Batalhas de algodão: a infância operária interrompida pelo trabalho nas indústrias têxteis do Rio de Janeiro” In: **Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: Guerra e Paz**. [CD-ROM] Universidade Estadual de Londrina – UEL, 2005.

<sup>111</sup> PERROT, Michelle. “Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros”. Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 19.

<sup>112</sup> O termo usado traz consigo uma característica latente nos depoimentos colhidos e no próprio contato com o campo de pesquisa; a gratidão e o afeto desenvolvido pelos integrantes das redes de contato. Diferentemente da companhia América Fabril, o afeto com a Nova América pelos seus antigos operários parece prevalecer de forma unânime.

atrás de trabalhar na Nova América. Eu tinha uma tia que trabalhava no pano cru. E ela disse: Ah! Eu posso fazer um pedido na Nova América pra ela. Então eu fui trabalhar, com 14 anos, ainda não tinha 15; e fui trabalhar na espuleira. Espuleira é o lugar onde prepara o fio pra fiação. Então fui pra espuleira (...).<sup>114</sup>

A necessidade se fez para muitas famílias de renda e condições sociais menores. Nesse aspecto, formou-se o discurso industrial que, segundo Margareth Rago, se mantinha já desde as primeiras décadas do século XX:

“(...) os próprios pais operários desejavam que seus filhos trabalhassem em seus estabelecimentos, pois isto representaria um alívio no orçamento doméstico. Os dois lados saíam beneficiados deste contrato: os patrões economizariam ao empregar uma força de trabalho não-especializada e mais econômica; os pais lucrariam, completando seu rendimento financeiro”.<sup>115</sup>

De fato, era na admissão de jovens, crianças e mulheres que as fábricas diminuía seus gastos com o operariado. Uma mão-de-obra pouco qualificada, e mais suscetível à disciplina e suas conseqüências — no caso das crianças, principalmente — compunha aquele espaço social<sup>116</sup> operário, bem como o senso comum à época. Os serviços que as crianças desempenhavam eram das mais variadas formas.

No caso de um dos entrevistados, Salvador Oggiano um antigo funcionário da Nova América, o trabalho não se delineou pela máquina, e sim pela obediência e pela disciplina da fábrica. Empregado da Nova América desde 1937, seu primeiro trabalho foi atuar como “garoto de recados” entre as diretorias e mesas de controle. Em uma fábrica

---

<sup>113</sup> DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. **Cotidiano de trabalhadores na República**. Col. Tudo é História nº130. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1989. p. 57.

<sup>114</sup> Entrevista com Isabel de Araújo Batista; concedida ao autor em 18 de setembro de 2005.

<sup>115</sup> RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Editora Paz e Terra, 1997. p. 139.

<sup>116</sup> Um espaço social é composto pelos diferentes atores que ali atuam de forma política, cultural, simbólica, religiosa, econômica e afetiva. Cf. BOURDIEU, Pierre. (coord.) **A Miséria do Mundo**. Rio de Janeiro – RJ: Editora Vozes, 2003.

onde o serviço de telefonia restringia-se apenas à Direção, segundo seu Salvador, sua função parecia ser de notória necessidade para a comunicação interna da fábrica.

E eu comecei em 37 [1937]. (...) Quatorze anos... (...) Saí da escola... (...) Como boy... Garoto de recados, né? (...) levar recados dos diretores para os técnicos; e chamá-los para vir falar com os diretores. Às vezes levava um bilhete, trazia outro de volta; aquela coisa, né? Tinha um banquinho, eu ficava de sentinela ali o tempo todo sentado naquele banquinho esperando as ordens. Anos depois é que colocaram telefones internos, aí já aliviou um pouco mas nós sempre tivemos, sempre foi preciso ter boy, é natural. Mas aliviou muito por que passamos a usar os telefones internos já, isso já nos anos quarenta, né? Então, eu comecei assim”.<sup>117</sup>

O sistema de excelência na produtividade não poderia sofrer intempéries de maneira que a comunicação entre as seções e seus dirigentes deveria correr a contento. O emprego de menores na fábrica, portanto, se travestia desde a década de 1910 por discursos onde a “moralização” e o bem social das crianças se tornavam a finalidade das empresas as quais beneficiavam-se pela rentável empregabilidade e fácil controle. Dessa forma, quaisquer ameaças àquele sistema, tornavam-se prelúdio para um mal maior àqueles menores inscritos.

“(…) A subtração dos menores das fábricas, longe de lhes dar amparo abre-lhes as portas para a vagabundagem e para o vício, a que serão conduzidos com todo o seu cortejo de misérias e ignomínias”.<sup>118</sup>

Novamente, a questão do orçamento familiar sempre se mostrava implicada à necessidade do trabalho. Mesmo nos anos 40; como o caso de “Toninho”; ex-operário da

---

<sup>117</sup> Entrevista com o Sr. Salvador Ogianno; concedida ao autor em 11 de agosto de 2004.

<sup>118</sup> COMÉRCIO, Jornal do. **Carta do centro da indústria do calçado e comércio de couros**. 25 de setembro de 1917. Biblioteca Nacional.

companhia Nova América, que ali trabalhara desde 1946 até início de 2004 quando foi obrigado a afastar-se devido a idade. Imbuído de afeto e ansiedade na construção de sua narrativa, Toninho lembra da época que, ainda menor de idade, começara a trabalhar na mesma companhia que seu pai integrava desde a formação em 1924:

“(...) 22 de janeiro de 1946, a pedido do meu pai, seu Avelino José Fernandes, pediu e tal, tem um filho que queria ingressar... bota lá pra trabalhar, pra ajudar ele também na ajuda do orçamento da casa... (...) aí meu pai pediu sabe? (...) dali a minha carreira começou. Meu pai pediu, aí eu fui pra fiação... pra fiação **nova**, por que meu pai era **chefe** da fiação velha (...)”.<sup>119</sup>

Embora pai e filho trabalhassem próximos, seu contato era mínimo. Após breve despedida na rampa de acesso da fábrica, só retornariam a se ver à noite, já em casa. Ainda que seu pai fosse um dos operários que estavam na fábrica desde sua construção, Toninho aponta sua entrada na companhia marcada por dificuldades de relacionamento com seus superiores:

“(...) Logo de cara, cara, teve um chefe que se chamava Nélsio [Nelson], eu não sei se ele tinha uma divergência lá com meu pai, uma raiva do meu pai, então a raiva que ele tinha do meu pai, calhou do filho cair, que sou eu, ser... ser, ser dominado por ele que é o chefe meu. E como eu sofri o Nélsio! **Oh!** Era... (...) Cada divergência... Pega rapaz, pega lá, pega lá (...) mandava eu varrer aqui, bota óleo na [inaudível] (...) ai passei a lubrificar o, as máquinas lá, só com uma azeiteirazinha lá, abria aquelas tampas, chegava na, perto das engrenagens com todo o cuidado. **Eu nunca me acidentei**, graças a Deus; nem estraguei a azeiteria lá no cantinho. Máquina rodando né? Não parava (...) era perigoso”.<sup>120</sup>

---

<sup>119</sup> Entrevista com Antonio José Fernandes (Toninho); concedida ao autor em 22 de outubro de 2004. As palavras em negrito expressam ênfase na fala do personagem. Assim como este fragmento, os demais seguirão — quando necessário — este mesmo parâmetro.

<sup>120</sup> Ibidem.

As dificuldades se mostravam a cada hora de trabalho. Para todos que entraram jovens, o processo de inserção no espaço fabril esteve contundentemente ligado à condição de “interrupção” da infância, ou parte dela, devido à relação de trabalho indústria/operário submetida e suas conseqüências. Ao isentarem-se pela força, pelo dever do trabalho e pela produção da mais-valia, a cada hora cadenciada pelo maquinário frio e pelo relógio dos superiores, suas “energias infantis” se atrofiavam.<sup>121</sup>

Da mesma forma, outros companheiros de fábrica, como no caso de Agenor — também um ex-operário da Nova América desde 1949, que esteve presente em diversas seções e cargos, começando na tinturaria e terminando sua carreira na Comunicação social da fábrica —, compartilham as mesmas questões acerca dos motivos para o ingresso nas fileiras operárias. Suas histórias de vida retratam um cotidiano social da família proletária que encontrava no trabalho, exercido por todos seus membros possíveis, o canal de sobrevivência.

“(...) nós viemos numa situação muito difícil né, meu pai era chofer de praça, e... teve racionamento de gasolina, teve que ir pra guerra; foi uma época de muitas privações; (...) Aos treze anos, quando nossa necessidade, começar a trabalhar, eu comecei a trabalhar com treze anos com autorização do juizado de menores, comecei a trabalhar com uns 13 anos na, numa seção de... tinturaria de pano, um conjunto de seções que chamava de acabamento geral que pegava o pano cru, né? (...) Um, um lugar assim de uma insalubridade muito grande, muita insalubridade, muito calor, né? E... eu com meus 13 anos encarei, enfrentei aquela situação [emoção]. Era um emprego provisório, provisório para que eu pudesse dar continuidade aos meus estudos que estavam interrompidos; e eu realmente fui trabalhar (...)”.<sup>122</sup>

---

<sup>121</sup> RAGO, Margareth. *Op. Cit.* p. 138.

<sup>122</sup> Entrevista com o Agenor Figueira Rodrigues; concedida ao autor em 26 de outubro de 2004. O conteúdo escrito em colchetes trata da impressão do entrevistador no momento do depoimento do entrevistado.

A entrada desses jovens, entretanto, estaria tangenciada não apenas pela necessidade primária de ajuda à família. Tal desejo pelo trabalho, por exemplo, era um contraponto à ética da malandragem ainda muito comum no Rio de Janeiro. Quem trabalhava era, dessa forma, produtivo e de boa moral<sup>123</sup>; atributos que *lato sensu* associavam-se às imagens de independência e maturidade. Segundo um dos entrevistados, seu Herrero — um ex-operário da fábrica Carioca, com 85 anos —, sua primeira função assim que entrara na fábrica — ainda na década de 20 com apenas 10 anos —, foi limpar o chão e as dependências dos restos de algodão:

“(...) eu, eu era garoto e na época a, tinha uma, eles aceitavam garotos pequenos para fazer a, pra varrer a fábrica por dentro, limpar por que era muito cheio de algodão né? (...) Ia umas primas minhas iam passando e eu tava na janela, por acaso, e eu perguntei: — Aonde é que vocês vão? — Vamo trabalhar na fábrica. — Ué! O que eu precisa? — Só atestado de vacina. Então eu sabia onde que tava o meu, né? Fui lá peguei sem minha mãe saber e fui pra lá com elas. (...) Eu tinha 10 anos (...) Garoto alto, forte. Eu queria era trabalhar, na época, tava em casa e dinheiro era comigo mesmo! (...) e como eu, ia todos os garotos do meu top naquela época, né? Pra ganhar dinheiro. Resultado, fomos lá e fomos aceitos na mesma hora, né? Começamos logo a trabalhar. Eu ganhava na época, e... 70 centavos por, por, por hora, né? Dava uma média de 21 mil réis por mês, mais ou menos né? 8 horas por dia, né?”<sup>124</sup>

Relacionado ao crescente exercício de valorização do trabalho pelo Estado, também figurava a incipiente execução das leis referentes ao trabalho infantil. Desde meados dos anos 20 que o trabalho infantil nas fábricas era apenas permitido para maiores de 14 anos.<sup>125</sup> Entretanto, segundo dona Esmeralda — tecelã aposentada da companhia

<sup>123</sup> Sobre a ética do não-trabalho (malandragem) e a questão da moralidade presente no trabalho, ver em GOMES, Angela de Castro. **Op. Cit.** pp. 25-26.

<sup>124</sup> Entrevista com o Sr. Antonio Herrero Ramos; concedida ao autor em 30 de setembro de 2004. Antonio Herrero é aposentado como funcionário do Jardim Botânico, mas é também um ex-operário da Companhia América Fabril, unidade Carioca.

<sup>125</sup> Lei Federal, decreto nº 5.083 de 01 de dezembro de 1926.

América Fabril, operária das fábricas Bonfim e Mavilis — a idade não se apresentava como empecilho, uma vez que a própria administração da fábrica a alterava para registro:

“Antigamente a gente... Como é que se diz? É... Não, não dava o, a idade certa por que tinha que fazer isso porque não existia ainda, é, carteira. (...) Então agente aumentava lá o... o pessoal lá, lá do escritório aumentava a idade”.<sup>126</sup>

A valorização do trabalho, portanto, pareceu contribuir na desvalorização do indivíduo em detrimento do coletivo e da produção. Já o aproveitamento do trabalho infantil, ao contrário do que a legislação parecia pregar, não cessou nas décadas seguintes. As estratégias e o cenário é que se modificavam.

Fora do centro metropolitano carioca, em meados dos anos 60, o uso da mão-de-obra infantil parece ter sido ainda mais explorada. Para Valdeci, aposentado pela América Fabril da região de Magé em Pau Grande, desde a ida de seu pai, até sua chegada com a família àquela região, o trabalho de menores mostrava-se comum:

“(...) Que eu vim de lá com 01 ano de idade, eu nasci em 48, né? Aí trouxe... Mais ou menos aí. Aí eu vim com 01 ano de idade. Quando eu vim com 01 ano de idade, naquela época, eles ficavam caçando pessoas na rua pra trabalhar. Garotos que quisessem trabalhar. Tanto garoto quanto garota né? Foi aonde eu entrei pra trabalhar com 14 anos em 62”.<sup>127</sup>

Mais do que isso, era no controle dos menores que a brutalidade tomava forma da maneira mais “banal”. No bairro do Andaraí, a rotina das crianças que trabalhavam na fiação incorporou a fala de Canellas, um ex-operário da Cruzeiro, que testemunhava aquelas práticas tão comumente exercidas:

---

<sup>126</sup> Entrevista com Dona Esmeralda da Silva Sereno; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>127</sup> Entrevista com o Sr. Valdeci Simões Dias; concedida em 22 de agosto de 2004.

“(...) o pano era feito lá na fiação, era o seu Henrique, seu Henrique Garrafa era o chefe da fiação! Ele batia até nos garotos e todo, toda sexta-feira ia no morro lá em cima pra panhar [sic] tiririca [*planta que usavam como espanador*] pra tirar poeira das máquinas ou algodão e tudo; por que naquele tempo não tinha espanador não tinha nada”.<sup>128</sup>

Entre as brutalidades do dia-a-dia rotineiramente “esculpidas” no operariado, algo que se fazia cada vez mais claro, em relação aquele cenário dos anos 30, 40, 50 e 60, o baixo custo dos operários não-especializados, portanto — e este era o caso do trabalho infantil, em maioria —, se impunha a uma outra espécie de custo, independente do local e do momento: a integridade física.

“(...) No Brasil, existem numerosíssimas creanças entre 13 e 14 annos que labutam nas industrias, concorrendo de forma efficientissima para a melhoria das condições dos que lhes são caros, sem que isto importe na perda da sua saúde ou no retardamento da sua evolução physica e psychica”.<sup>129</sup>

Os acidentes não eram incomuns e, independente do período, acabavam por “marcar” ainda mais a infância “consentida” pelo apito da fábrica. Nas palavras da antiga fiandeira e tecelã da unidade Mavilis da América Fabril, desde meados dos anos 20 — dona Esmeralda — está no toque da pele:

“Existia um caixote que a gente botava algodão; o resto do algodão ali, pra guardar pra depois ir recolher... E eu quando empurrei com a mão, a mão escapuliu e entrou dentro do **tambor**... Que roda, pra rodar as espulas pra encher. Então, aqui a marca. [*Dona Esmeralda mostra em sua mão cicatrizes que denunciavam um antigo ferimento. Um pouco mais suaves pelo tempo,*

<sup>128</sup> Entrevista com Milcar Canellas; concedida em 28 de maio de 2005.

<sup>129</sup> Centro das Indústrias de Fiação e Tecelagem, S.P. “Um ensaio de socialismo de Estado no Brasil e as indústrias nacionais” pp. 43-55. In: CARONE, Edgard. “O pensamento industrial no Brasil (1880-1945)”. Col. Corpo e Alma do Brasil. Rio de Janeiro – RJ: Editora DIFEL, 1977. pp 409-419.

*porém extensas, as cicatrizes mostravam assim que o acidente fora já há muitos anos]. (...) levei 3 meses pra curar isso aqui”.*<sup>130</sup>

Os acidentes, comuns no espaço de trabalho fabril — tanto dos séculos XIX como XX — apontavam como um dos indicadores da má qualificação ainda presente no operariado, e das más condições de trabalho, onde mutilações ou doenças — em diversos casos com crianças — compunham o “quadro” das primeiras décadas do trabalho fabril, mas permaneciam ao longo das posteriores. Assim como Dona Esmeralda, o senhor Herrero também se tornara vítima da inexperiência e do maquinário de funcionamento intermitente.

O acidente que lhe mutilara a mão direita em uma prensa causando a perda de 3 dedos marcara bem a época de sua entrada na fábrica. Outros acidentes da época de sua infância, trazidos pela fala de Herrero, mostravam-se muito comuns, especialmente em determinadas seções da fábrica — como era a fiação, por exemplo — onde máquinas como batedores, cardas ou maçaroqueiras, à vista dos operários adquiriam novos nomes como a chamada “máquina do Diabo”.<sup>131</sup>

“Uma máquina que tinha uma porção de lâmina assim que trabalhava assim [gesticula com os braços], sabe? Umas máquinas grandes, umas máquinas enormes (...) tinha vários operários que pegavam aquele pedaço, abriam o fado, pegavam aquele monte de algodão, e jogava ali dentro. (...) Não sei como é que fazia, só sei que o algodão era jogado ali, e, e, em bruto; aquelas facas trituravam, tanto que cortou vários braços, e um monte de operário ai ficaram sem braço, sem mão, porque... descuidava na hora de, descuidavam conversando, brincando, contando caso e tal... As vezes, descuidava e pá! (...) não tinha indenização, não tinha nada (...)”.<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> Entrevista com Dona Esmeralda da Silva Sereno; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005. O conteúdo escrito em colchetes trata da impressão do entrevistador no momento do depoimento da entrevistada.

<sup>131</sup> Nome dado pelo sr. Herrero ao maquinário com lâminas usado para triturar o algodão que chegava *in natura* na fábrica Carioca.

<sup>132</sup> Entrevista com o Sr. Antonio Herrero Ramos, aposentado; concedida ao autor em 30 de setembro de 2004.

A infância operária esteve marcada de forma que, ao se inserirem no trabalho fabril desde cedo, a indústria garantia uma maior obediência e um profícuo controle de seu operariado que crescia, educava-se e constituía suas famílias à sombra das chaminés. Para estes operários, geridos na fábrica e pela fábrica, desde sua infância, vale a afirmação categórica de Simone Weil na qual:

“O trabalho não se faz mais com a consciência orgulhosa de que somos úteis, mas com o sentimento humilhante e angustiante de possuir um privilégio outorgado por um favor passageiro do destino, um privilégio do qual se excluem vários seres humanos pelo fato mesmo de que nele, temos enfim, um lugar”.<sup>133</sup>

Se a entrada na fábrica marcou a infância, o lazer tratou de colorir aquela vida que co-existiu com os fardos de algodão. Pelas festas e carnavais, os operários também construíram suas lembranças dando-nos mais elementos para refletirmos sobre suas lutas, obstáculos e prazeres.

## II – (b) O lazer dos trabalhadores.

Ao falarmos sobre os meios de lazer com os operários, muito de suas particularidades e de seu grupo vieram à tona. Por esse motivo, entendemos que o lazer esteve presente entre as diversas formas de resistência, controle e identidade existentes na vida do trabalhador fabril; e foi através dos depoimentos colhidos desses ex-operários que tal constatação começou a ser cada vez mais evidente. Na fábrica Carioca, por exemplo, o carnaval estava fortemente incorporado como o feriado que todos esperavam durante o ano:

---

<sup>133</sup> WEIL, Simone. **Opressão e Liberdade.** (coleção mulher) Trad.: Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 2001. p. 56.

“Ah, carnaval era uma delícia aqui...(,,) Festa junina era muito difícil a gente ter... como é que se chama... você tinha nos clubes né...( ) restrita aos clubes...( )tinha matinê, pegava das duas às cinco, e tinha das duas às seis, e tinha das 11 às 4 da manhã... Três bailes né, os três dias... e fora isso, a gente, a família aqui, a gente fazia, saía bloco de sujo né, fantasiado de máscara, ia nas casas, pedir, arrecadar dinheiro, cantando né... era muito bacana isso, muito (...)”<sup>134</sup>

Patrocinado em grande parte pela Associação de Operários da América Fabril (AOAF), os bailes e demais eventos garantiam a concentração daqueles trabalhadores, em meio às comemorações, junto à uma unidade de características beneficentes.

Assim como Herrero, Morena, neta do mestre Joviniano — operário e músico da banda do clube musical da Fábrica Carioca — recorda-se dos carnavais e dos eventos no clube musical:

“(...) lá é que tinha os bailes de carnaval, essas coisas todas e a banda tocava, né? Baile de carnaval, saía pela rua, véspera de carnaval saía o bloco da fábrica, último dia... saía o bloco da fábrica, os operários saíam todos com o bloco fantasiados... aquela época”<sup>135</sup>

Vale lembrar ainda que os eventos eram constantes e não se limitavam apenas às datas comemorativas. A fábrica, ademais, apoiava tais atividades uma vez que as direções do clube e do time de futebol acabavam por facilitar a permanência dos operários “dentro” do campo de visão e atuação da companhia.

---

<sup>134</sup> Entrevista com o Sr. Antonio Herrero (Toninho); concedida à equipe veredas em 16 de agosto de 2001.

<sup>135</sup> Entrevista com o Sr<sup>a</sup>. Eduviges Rosa Miranda (Morena), neta de operários da fábrica Carioca, Companhia América Fabril concedida à equipe Veredas em 25 de agosto de 2000.

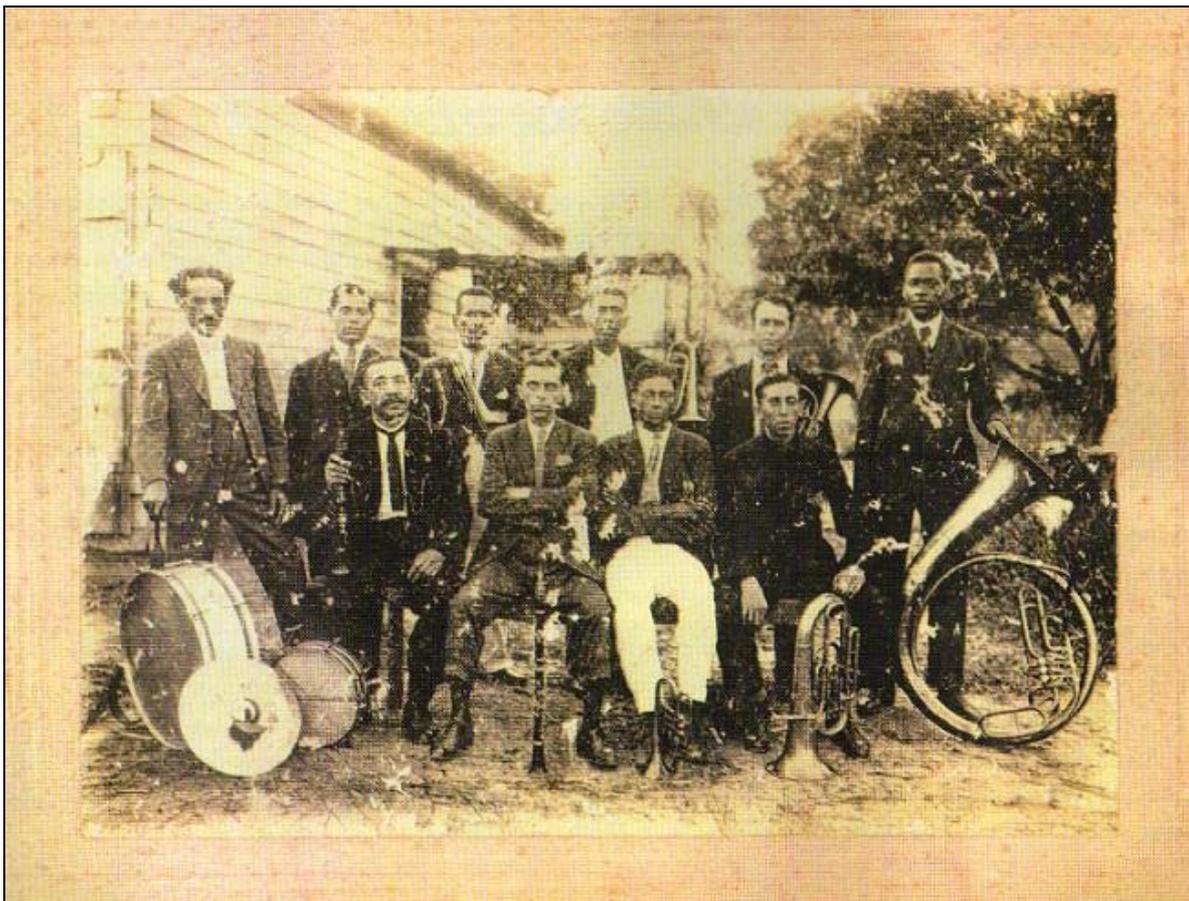


Figura 15: Músicos do Clube musical Carioca, década de 20, S/D.<sup>136</sup>

A folia de carnaval pareceu estar presente em todas as unidades da América Fabril. Nas fábricas Mavilis e Bonfim, nos dias de carnaval, os operários se misturavam ao restante dos moradores do bairro andando em blocos e divertindo-se até o dia de quarta-feira de cinzas, quando voltariam para o trabalho. Ao entrevistar dona Silvia, colega de teares de dona Esmeralda na Mavilis e Bonfim, ela lembra com saudades dos dias de folia:

“(...) antigamente carnaval não havia quem não brincasse carnaval, antigamente era muito muito, carnaval antigamente, Nossa Senhora, vocês não pegaram nem isso não. (...) aqui na fábrica faziam isso as mulheres botavam roupa de homem e os homens botavam roupa de mulher. (...)Tinha o bloco [dos farrabulhos?] mas escondiam a cara, né? às vezes perguntavam quem é, quem é a senhora,

<sup>136</sup> LACERDA, Edith. LACERDA, Nathercia. CARDOSO, Maria do Carmo. “Carretel da Folia”. Rio de Janeiro: Editora Stamp, 2001. p. 41.

que antigamente até os velhos brincavam muito, mas brincavam de cara tampada, sabe? (...) e entravam dentro da casa da gente e você não sabia quem era eles brincavam, falavam com você e você ficava sem saber quem era (...) E com a cara tampada e mudava a voz, sabe? Então eles conversava, às vezes tomava um café e você dizia pra ir embora? Você não sabia quem era que estava na sua casa, é isso ai tinha muito é isso antigamente”.<sup>137</sup>

Em outra localidade da cidade do Rio de Janeiro, as comemorações e a cultura operária também encontravam seus meios de expressão. Na Nova América as comemorações se davam em grande partida pela associação de operários, da qual a fábrica era proprietária:

“Ali tinha vantagem de ter as famílias todas morando em volta. Aos sábados à noite tinha, tinha cinema, projeção de filmes; e domingo, durante o dia tinha bailinhos lá para aquela mocidade lá... Campeonato de malha tinha todo, todo domingo. Além disso, fazia-se uma grande, uma grande festa em São João, na época de São João, não é? Na época de São João fazia-se uma grande festa mas usava-se o, o campo de futebol, que tinha futebol não é? Onde hoje é a Siemens, sabe em Del Castilho?”.<sup>138</sup>

Tais lembranças trazem consigo a forte característica de serem atribuídas a um espaço e a um grupo comum. O lazer na Nova América não se resumia unicamente às partidas de “malha”, ou futebol entre seus operários. Festivais, organizados pela empresa, inclusive, traziam grandes nomes da música brasileira àquele chão de fábrica.

“(…) Contratava-se artistas da... Televiso estava começando ainda naquela época; artistas do rádio. Contratava-se artistas do rádio, artistas do Cassino da Urca, é aquela gente. Gente importante... Os grandes cantores da época, todos eles cantavam lá. Roberto Carlos não existia ainda, não é? (...)Nem existia ainda, mas Francisco Alves, Orlando Silva, aquela gente toda... (...)Ah!...

<sup>137</sup> Entrevista com Silvia Ministério, aposentada; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>138</sup> Entrevista com o Sr. Salvador Ogianno; concedida ao autor em 11 de agosto de 2004.

Aquela gente toda da velha guarda, Cauby... Agora, Roberto Carlos não existia ainda...”.<sup>139</sup>

Nas comemorações, o sentimento de pertencimento ao grupo e ao espaço de festividades nos remete às palavras de Blondel, onde: “(...) nossa vida encontra-se incessantemente mesclada à vida de nosso grupo (...)”.<sup>140</sup>

Nesse sentido, tanto a Nova América como a América Fabril não eram muito diferentes. Os meios de ligação do operariado pelo lazer e por eventos sociais, muitas vezes similares em ambos locais, cerziam-lhes uma identidade comum independente da unidade fabril da companhia, ou até do próprio tempo.

Em meio às práticas culturais e de lazer — tratando-se do carnaval, aqui mais especificamente —, as lembranças ainda obtém força e espaço em canais ligados à arte e à expressão popular. Este é o caso da Escola de Samba Flor da Mina do Andaraí, que no ano de 2005 traz em seu samba enredo parte da história daquele bairro onde é cantado:

“(...) Quando vila operária. Lenha aqueceu a fomalha, da indústria têxtil. O progresso foi chegando, Valmar pavimentando. O transporte evoluiu, mais alegria pra massa (...)”.<sup>141</sup>

Lembramos, entretanto, que não foi apenas o carnaval que esteve arraigado nas camadas proletárias; e em especial o futebol também esteve marcado fortemente na atuação dos operários da América Fabril.

---

<sup>139</sup> Ibidem.

<sup>140</sup> Tradução própria do autor, de: “(...) *nuestra vida se encuentra incessantemente mezclada com la vida de nuestro grupo(...)*” In: BLONDEL, Charles. “*Introducción a la psicología colectiva*”. Buenos Aires: Ed. Troquel, 1966. p.142.

<sup>141</sup> MELODIA, Carlinhos. **Andira-y: uma celebridade adocicada com 440 anos de história**. Samba enredo 2005 da Escola de Samba Flor da Mina do Andaraí



Figura 16: Campo de futebol da fábrica Carioca, Jardim Botânico, Rio de Janeiro – RJ, 1912.<sup>142</sup>

Os jogos de futebol fizeram forte parte do entretenimento de Herrero e de outros operários ao longo dos anos mobilizando um grande número dos moradores locais, não apenas ligados à fábrica.

“A gente fazia um festival aqui no campo, pra jogar... E, era, era a nossa diversão! Era, o futebol!, estudar...estudava, e, e... o baile, quando tinha um bailezinho lá... (...) clube carioca que era o clube do baile naquela época”.<sup>143</sup>

De maneira mais ampla, a América Fabril e um dos seus times de futebol ganharam lugar de destaque na memória coletiva popular após o sucesso de Garrincha<sup>144</sup> que começou sua carreira nos campos de futebol dos operários da fábrica Pau Grande.

<sup>142</sup> LACERDA, Edith. LACERDA, Nathercia. CARDOSO, Maria do Carmo. **Op. Cit.** p. 36.

<sup>143</sup> Entrevista com o Sr. Antonio Herrero Ramos; concedida ao autor em 30 de setembro de 2004.

<sup>144</sup> Manuel do Santos, também conhecido como Mané Garrincha, nasceu em 1933 na cidade de Pau Grande e desde os 14 anos jogava no time de futebol da fábrica Pau Grande, até vir para o Rio de Janeiro e dedicar-se a carreira que mais tarde ganharia projeção internacional.

Não obstante, antigos campeonatos têm em seus registros participações de times fabris como do Andaraí (fábrica Cruzeiro), Pau Grande, Mavilis e Carioca, por exemplo, mostrando o quanto esses times ganhavam espaço no esporte fluminense do início do século XX. Vale lembrar, aqui, que suas torcidas eram também temidas devido ao grupo social que esses times representavam.<sup>145</sup>

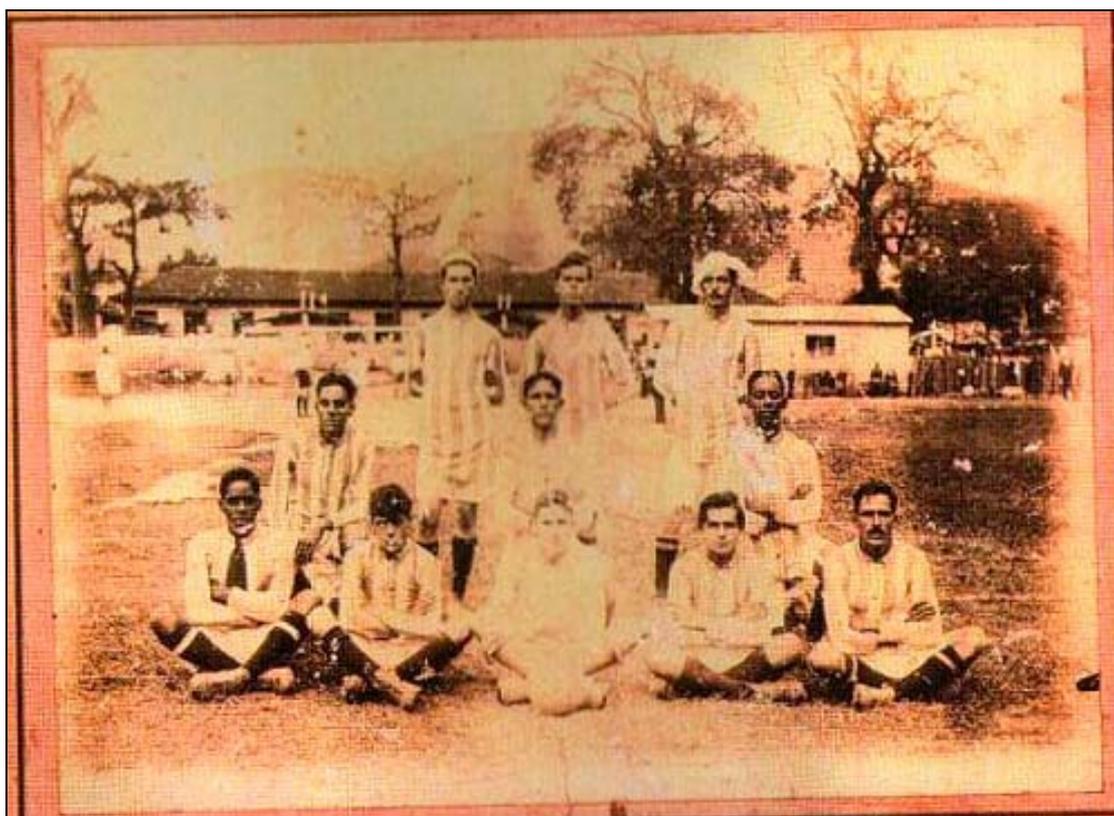


Figura 17: Time de futebol da fábrica Carioca, S/D.<sup>146</sup>

Tanto no trabalho como no lazer, o coletivo não deixou de atuar de forma a ratificar nossa idéia de que a visão de si associa-se por diferentes canais à visão que se tem do grupo ao qual pertencemos.

Nesses discursos os protagonistas se mostram como partes de um todo que, independente do local e do momento mantém nas práticas do lazer um conjunto de

---

<sup>145</sup> Cf. PEREIRA, Leonardo Affonso de. *Footballmania: uma história social no futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

representações comuns. E que, mesmo com o passar do tempo, o operário — ao menos o antigo operário — ainda mantém em muito esse conjunto de representações.

Representações estas que foram construídas pela trajetória de vida e pelo trabalho com seu cotidiano característico. Dessa forma, resta entender mais a fundo como se dava o dia-a-dia desses trabalhadores, e como eles agiam ao enfrentar os desafios do cotidiano.

## II – (c) Dias de trabalho: produção, resistências e estratégias.

Qual é o dia-a-dia dos trabalhadores de uma fábrica de tecidos? O cotidiano do trabalhador foi apresentado certa vez por Chalhoub<sup>147</sup> com grande maestria assim como — e nesse caso fala-se diretamente dos têxteis — o trabalho de forte veia etnográfica de Leite Lopes<sup>148</sup>, ou ainda, o trabalho de Keller<sup>149</sup> a respeito dos têxteis de Paracambi no Rio de Janeiro.

Pesquisas como estas ajudaram cada vez mais ao conhecimento do *habitat* sócio-cultural e político do trabalhador brasileiro e de sua historicidade. Da mesma maneira, a necessidade de direcionar-se para o estudo da memória enquanto produção e instrumento do social trouxe consigo parte dessa história — ainda em construção — amalgamada à intenção de se “conhecer” e interpretar seus atores.

Ainda assim, o questionamento anterior se faz necessário uma vez que, a cada nova produção, diferentes problemas e questões são levantadas no campo das ciências humanas. Da mesma maneira como o obstáculo do esforço físico — exercido desde a infância por muitos trabalhadores — a falta de segurança dentro das fábricas e de suas

---

<sup>146</sup> LACERDA, Edith. LACERDA, Nathercia. CARDOSO, Maria do Carmo. **Op. Cit.** p.20.

<sup>147</sup> CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque.** 2ª edição. São Paulo: Ed. Unicamp, 2001.

<sup>148</sup> LOPES, José Sergio Leite. **A Tecelagem dos conflitos de classe na “cidade das chaminés”.** Col. **Pensamentos antropológicos.** Brasília: Editora Universidade de Brasília e marco zero / MCT/CNPQ, 1988.

respectivas seções compunha intensamente, como temos mostrado neste estudo, os dias de trabalho.

Nesse escopo, o operário — como apontou Leite Lopes, no caso dos trabalhadores do açúcar — não só naturalizava suas condições de trabalho bem como sua respectiva insalubridade entendendo que tal infortúnio estaria intrínseco a sua categoria social, como deixava-se influenciar pelo “‘fetichismo’ do salário-hora”.<sup>150</sup>

Não obstante, o trabalhador têxtil conheceu, durante mais da metade do século XX, aquele que era o “quadro” de acidentes de trabalho de suas indústrias e, não muito diferente do caso dos trabalhadores do açúcar, realizava a mesma dinâmica de interpretações na qual viam os acidentes como “descuido” do próprio operário, e não uma deficiência do local de trabalho. Entretanto, ao lembrar-se dos antigos dias em que varria o chão, um dos antigos trabalhadores da Nova América — o aposentado Antonio Borges — percebe o “outro lado da moeda” que ajudou a lapidar.

“Na Nova América, os chefes, (...) Era aquela coisa assim, **bruta** entendeu? Não, não era assim... vamos dizer... eles não tinham assim aquele cuidado com... a **preocupação** com a integridade física do funcionário, cada um cuida de si! Então o, o... Garoto trabalhava **descalço!** (...) Eu mesmo uma vez, eu ... você é, você, como dizer, tem que ser polivalente! Você além de fazer o trabalho, tinha que varrer a sala, pessoa tinha que ficar limpo, tinha que tirar aquele lixo (...) O algodão que, na medida que vai fazendo o fio, vai fazendo aquela poeira, uns flocos, então você tem que varrer aquilo tudo, fica tudo sujo de poeira, e você trabalha com ali diversos parafusos, é prego, é coisa que, que usa na máquina, né? E você as vezes vai tirar, uma vez eu fui tirar, o piso não é assim juntinho assim como é esse, era aberto [*o chão da fábrica era de tábuas*”

---

<sup>149</sup> KELLER, Paulo. **A formação dos trabalhadores têxteis em Paracambi e o sistema de fábrica com vila operária**. Rio de Janeiro: NUPES/Programa de Iniciação Científica/LPS/IFCS/UFRJ, 1992. Mimeo. Trabalho realizado sob a orientação de José Ricardo Ramalho.

<sup>150</sup> LOPES, José Sergio Leite. **O Vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. pp. 100-115.

*corridas*], espetou o troço no meu pé (...) Uma imprudência que não havia uma fiscalização da direção da empresa”.<sup>151</sup>

Não apenas os pequenos acidentes eram comuns como também as fatalidades; ficando claras as deficiências quanto à difusão de uma “cultura” de segurança dentro da fábrica. Tanto que as “estruturas” moldadas e construídas na dialética do termo “corpo-condições de trabalho”<sup>152</sup> estiveram, assim, fortemente delineadas pelas lembranças de todos os entrevistados. Independente da companhia, fábrica, ou seção, a natureza do trabalho na indústria têxtil comumente fez inúmeras vítimas no decorrer do século XX.

“Hoje nem pensa uma pessoa perder o dedo em uma máquina! Hoje dificilmente isso acontece, o risco de segurança é mais, mais rígida. (...) Hoje em dia é uma desgraça quando morre alguém em acidente de trabalho, naquela época era uma coisa comum... Na Nova América algumas pessoas morreram de acidentes, e acidente que podia ser evitado! (...) O camarada furava na ocasião, metendo uma máquina na parede, **era um electricista**, Toninho deve saber disso! Per... pergunta a ele. Quando ele furou a maquina pegou um tubo que passava por dentro... aí, 440 volts, o cara morreu na hora. É uma coisa que, é inadmissível acontecer isso hoje em dia”.<sup>153</sup>

Quanto a essa questão, foi apenas nos anos 70 que uma política de segurança do trabalho se implementou de maneira legal nas empresas como no caso da CIPA (Comissão interna de prevenção de acidentes de trabalho), da Nova América, onde Antônio e Agenor também atuaram. Até lá, muitas resistências continuaram a ser postas por parte das companhias que, devido àquelas novas práticas para o trabalho, entendiam que poderia haver uma “contaminação” da política patronal já há muito enraizada.

---

<sup>151</sup> Entrevista com o Antonio Leite Borges; concedida ao autor em 04 de agosto de 2005.

<sup>152</sup> DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. Trad.: Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5ª edição, São Paulo: Ed. Cortez – Oboré, 1992. pp. 66-67.

“(...) fui convidado pra implantar na empresa a... segurança do trabalho isso era uma lei que todas as empresas... deveriam ter, deve ter sido lá pra em 72 (1972) ou 73 (1973) e todas as empresas deveria ter um médico de segurança, um técnico de segurança do trabalho e um engenheiro de segurança eu fiz o curso de... de técnico de segurança e comecei a implantar... a nossa empresa ainda estava muito fechada para essas coisas sabe, a empresa não gostava. A empresa Nova América era uma empresa, que eu definiria como um grupo familiar autocrata, né? Era muito fechado, não gostava de coisas de fora, então comecei a desenvolver o meu trabalho até que comecei a ter uns problemas com a empresa, ai ficou resolvido que eu só ia fazer a análise de acidente do trabalho quando eles me mandasse, se não me mandassem, eu não ia, me restringiram”.<sup>154</sup>

Neste sentido, a precariedade do ambiente de trabalho era experimentada não só pelas suas conseqüências — como nos casos de acidentes —, mas também nas condições em que se viabilizavam o trabalho e pelo controle do tempo. Na Nova América, ou na América Fabril, a vigilância do tempo estava não só no momento da produção como nos períodos de descanso. Estreitos períodos para almoço, por exemplo, eram impostos àqueles operários que não deveriam se atrasar para voltar às suas máquinas:

“(...) no horário do almoço era muito movimentado... (...) eu saia correndo eu ia de lá pra almoçar aqui [sua casa no Andaraí], **eu vou te contar**, era uma hora! Mas sair lá de dentro pra chegar no portão já gastava mais de 10 minutos; depois subir a rua mais 10 [*dez minutos*], 20 [*vinte minutos*], né? Era chegar em casa almoçar, enquanto eu fui solteira tudo bem minha mãe fazia tudo, mas depois que eu casei com filho e tudo, né? Ai já complicou um pouquinho, assim mesmo eu sempre cheguei no horário eu nunca cheguei atrasada na Companhia, nem quando eu fui pra Maviles [*fábrica Mavilis, no bairro do Caju*], 6:00 [*seis horas da manhã*] horas eu tava no portão da fábrica”.<sup>155</sup>

---

<sup>153</sup> Entrevista com o Antonio Leite Borges; concedida ao autor em 04 de agosto de 2005.

<sup>154</sup> Entrevista com o Agenor Figueira Rodrigues; concedida ao autor em 26 de outubro de 2004.

Entendendo, dessa forma que a insalubridade das tarefas bem como o controle do tempo não se fez diferente entre aquelas indústrias; e considerando pela própria naturalização dos seus eventos, por operários e seus dirigentes, ratificamos a hipótese de Goffman<sup>156</sup>, usada por Giddens, de que a rotina presente nas “reuniões” sociais construídas em um tempo e espaço<sup>157</sup> comum ao grupo estruturar-lhes-iam socialmente.<sup>158</sup> É, por esta proposta que, mesmo com suas singularidades, podemos falar acerca desse operariado têxtil como um coletivo uníssono que têm na memória um de seus canais de convergência.

É assim que, pelo cotidiano de um sistema “métrico” de horários e de ações, se forma o *kosmos* “social”; igualmente balizado por uma disciplina voraz que tem seu objetivo central em assegurar um único fim, a produção.

No dia-a-dia do trabalho, a atenção do operário não estava voltada unicamente para a máquina, mas sim em grande parte para o seu produto já que, a preocupação maior se centraliza na sua respectiva produção, ou seja, no produto final, uma vez que alguns cargos como os da tecelagem, fiação e carretéis — por exemplo — eram remunerados pela produção do dia.

Quanto mais se produzia, mais o trabalhador desses setores ganhava, além de não “enxergar” a atividade exploratória, ou excessiva para si que desempenhava regularmente. Em contrapartida, nas entrevistas realizadas, tornava-se cada vez mais claro essa naturalização do trabalho, então uma implementação do *labor*<sup>159</sup> no cotidiano.

---

<sup>155</sup> Entrevista com a senhora Noemia de Souza Leandro. Ex-operária da companhia América Fabril, unidade Cruzeiro em Andaraí; concedida ao autor em 20 de maio de 2005.

<sup>156</sup> GOFFMAN, Erving. *Behavior in public places*. Nova York: Free Press, 1963, p.17. Cf. GIDDENS, Anthony. **A Constituição da sociedade**. Tradução Álvaro Cabral. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<sup>157</sup> GIDDENS, Anthony. *Op. Cit.* p. 43

<sup>158</sup> Idem. pp. 79-83.

<sup>159</sup> Utilizamos o conceito de *animal laborans* de Arendt, entendendo que as práticas do trabalho para esses operários aqui estudados há muito foi “digerida” no cotidiano de suas vidas, e aceita como parte indissociável da realidade que os cercava. Cf. ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. 10ª edição, trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. pp. 130-138.

“(...) eu peguei 4 (quatro) máquinas, comecei a trabalhar com 4 (quatro) máquinas (...) Tendo que ficar em pé o dia inteiro andar entre 4 (quatro) máquinas quando paravam as 4 (quatro), eu trabalhava por minha conta quanto mais eu trabalhasse mais eu ganhava, né? Quanto mais fabricava, quanto mais eu produzisse mais eu poderia ganhar”.<sup>160</sup>

A idéia de remuneração por produção foi amplamente adotada, não apenas na Cruzeiro, mas nas fábricas Mavilis, Bonfim, de Pau grande, e até na unidade de Del Castilho da companhia Nova América. Nesse sentido, essas empresas conseguiam garantir a participação e comprometimento de seus empregados no trabalho. Para esses operários, essa naturalização do trabalho associada ao “fetichismo” pelo aumento de seus salários apresentava-se em grande parte como a forma de trabalho comum daquele setor industrial.

“(...) toda a vida era salário mínimo; só que dava... Melhorava salário era serão. Nós fazia serão. A gente pegava seis horas da manhã, trabalhava de dia, saia seis horas da, sete, oito, dez, onze horas da noite. Por que isso aqui era um movimento rapaz que fazia gosto. Deus me livre. Era **muita coisa hein?** (...) Trabalhava... [*silêncio, pausa na gravação*] Feriado, dia santo... Eu e meu irmão, nós trabalhava direto. Por que quando era feriado, nós era chamado; ou trabalhava aqui de guarda ou lá em cima... Lá em Pau Grande mesmo eles chamava a gente... Por que o chefe dali, o chefe que tinha aí, ele gostava muito da gente, ele gostava de ajudar a gente mesmo, por quê tava tudo que era serãozinho, chamava, era a família dos Muniz. [*riso*]”.<sup>161</sup>

A disciplina e o controle, entretanto, não impediram que muitos operários tentassem burlar o sistema que lhes era imposto. Desde pequenas infrações até as maiores, o espaço da fábrica convivia diariamente com a resistência de seus respectivos atores.

<sup>160</sup> Entrevista com a senhora Noemia de Souza Leandro; concedida ao autor em 20 de maio de 2005.

<sup>161</sup> Entrevista com o Sr. Julio Muniz Cardoso; concedida ao autor em 22 de agosto de 2004.

“O sujeito saía, saía da **oficina mecânica**, subia quatro andares pra namorar, na hora de trabalhar. A gente pegava, fã, fazi, olhava e tal, o cara pedia desculpa e... [*esboça um riso*] E ia embora mas não se punia ninguém por causa disso. Pra quê?”<sup>162</sup>

Resistências essas que se apresentavam desde o namoro às escondidas em outros locais da fábrica, conversas na sala de máquinas ou até a falta de assiduidade no trabalho. Tais práticas se davam no interior do espaço de trabalho combatendo sua dinâmica, sua ordem; mas não sua produção. Os próprios operários condenavam a depredação e o furto dos bens materiais da fábrica.

“Tinha gente inclusive, eu, um amigo meu, que eu conhecia fez besteira. Ali muita gente fazia, eu nunca fiz graças a Deus! Ele roubava o pano (...) pegaram o camarada enrolado no pano aí pegaram ele. (...) Ai expulsaram ele da América Fabril, o pessoal roubava, era isso”.<sup>163</sup>

Vale lembrar que uma vez estabelecidas, as práticas sociais no interior da fábrica, seus operários detinham um grande senso de unidade e companheirismo. Mas, e essa afirmação pareceu ficar bem clara no decorrer das entrevistas, tal sentimento de unidade pareceu não se propagar com a mesma “força” na relação entre as diferentes fábricas e seus diferentes momentos.

Para a tecelã do Caju, as reuniões dos operários eram comuns — aparentemente até o final dos anos 50 — em sua unidade (Bonfim e Mavilis). A luta pelos “direitos”, como ela discorreu em sua entrevista, se mostrava como o fator concentrador daqueles trabalhadores:

---

<sup>162</sup> Entrevista com o Sr. Salvador Ogianno, aposentado pela da Companhia Nova América; concedida ao autor em 11 de agosto de 2004.

<sup>163</sup> Entrevista com Milcar Canellas, ex-operário da companhia América Fabril, fábrica Cruzeiro. Concedida em 28 de maio de 2005.

“(...) a gente não tinha muito tempo, mas quando tinha, um problema assim que a gente tivesse que lutar, né? **Pelos direitos**, antigamente eles diziam, então a gente de vez ia um olha ‘tantas horas em tal lugar na hora do almoço’, sabe? Na hora do almoço o pessoal se reunia, ou ‘logo mais tem comício’, então a pessoa quando saía já sabia que ia ter ali, a pessoa sabia e diziam quais eram as reivindicações, né? Então era assim”.<sup>164</sup>

Essas mobilizações deflagradas pelo operariado atingiam esferas diferentes da hierarquia na fábrica e se davam por estratégias plurais. Assim como a antiga tecelã do Caju, as lembranças de Valdeci, um tecelão da fábrica Pau Grande, trazem consigo a confiança na classe da qual ele, operário da fábrica Pau Grande, fazia parte.

As maneiras encontradas pelos trabalhadores, e os momentos vividos não foram todos os mesmos, mas as reações do grupo social, da “família” proletária da qual eram membros estiveram na mesma ordem. Funcionários superiores, com diplomas e formações técnicas — como o caso dos egressos do SENAI —, não pareciam ter uma boa aceitação pelo operariado, que os consideravam “estranhos” ao seu espaço social e físico:

“(...) Alguns [*técnicos do SENAI que começavam a fazer parte do quadro de funcionários das fábricas*] eram um pouco exigentes, mas acontece que quem batia de frente com a gente... eles precisavam mais da gente do que a gente deles! (...) Eles tinham a teoria na caneta, né? Mas quem entendia do serviço **era quem?** Era a gente. Aí o que acontecia? Eles tinha que colar com a gente! Se não colasse com a gente, eles perdiam espaço (...) se tivesse problema com um... todos tava junto!”<sup>165</sup>

A união entre os operários, tão característica e tão presente em todas as falas dos entrevistados, apontava para a potencialidade de mobilização que estes atores detinham em seu próprio cenário. Assim como Valdeci e Silvia, dona Noemia lembra da união de seus

<sup>164</sup> Entrevista com Silvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>165</sup> Entrevista com o Sr. Valdeci Simões Dias; concedida ao autor em 22 de agosto de 2004.

companheiros: “(...) na tecelagem era muito unida, muito unida. Formavam até uma comissão pra fazer qualquer reclamação”.<sup>166</sup> Essa união, portanto, figurava-se de forma indissociável da própria identidade e da dinâmica instituída daquela classe. Entretanto, os anos seguintes iriam mostrar que os operários passariam por momentos ímpares.

Foi no início da década de 60, ainda que com um alto índice de criação de novos sindicatos<sup>167</sup>, que o setor têxtil já apresentava um enfraquecimento que podia ser visto pelo início de um processo gradativo de fechamentos de fábricas ainda nessa década.

“(...) os investimentos nesse setor foram pouco representativos até 1970, devido à elevada ociosidade e ao alto índice de obsolescência no parque fabril, notadamente na fiação e tecelagem de algodão. Um dos maiores investimentos naquele segmento ocorreu em 1968, com a inauguração da Nova América, implantando no Rio de Janeiro um dos mais modernos parques da época”.<sup>168</sup>

Menos “pesada” que sua progenitora, a Nova América ainda conheceu um período de crescimento nos anos 60, investindo alto na ampliação e reestruturação de sua produção com a Entretelas DHJ-Nova América; além de adquirir o controle acionário da Companhia Taubaté Industrial e inaugurar a unidade de Fonte Limpa.

Ainda assim, mesmo com os investimentos anteriores, a década seguinte marcaria na memória dos seus operários um momento de queda vertiginosa da empresa, e deles mesmos ao ponto que o fim do trabalho e da condição de vida, tão arraigada em suas famílias já se mostrava real em meados dos anos 80.

---

<sup>166</sup> Entrevista com a senhora Noemia de Souza Leandro; concedida ao autor em 20 de maio de 2005.

<sup>167</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. **O Sindicalismo brasileiro após 1930**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. p. 39.

<sup>168</sup> CORRÊA, Abidack. FILHA, Dulce Corrêa Monteiro. **BNDES 50 anos – Histórias Setoriais: O Complexo Têxtil**. Disponível em <[http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro\\_setorial/setorial11.pdf](http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro_setorial/setorial11.pdf)> 2002. Acesso em: 28 de setembro de 2005.

Embora esse setor tivesse sido incluído no programa do Peag<sup>169</sup> e financiado pelo BNDES durante toda a década de 60, nossa dúvida continuava ao se pensar no por quê de algumas companhias — como a América Fabril, por exemplo — terem fechado seus portões.

No dia-a-dia, os operários observavam e construía sua própria leitura a respeito dos obstáculos que seu setor vivia a cada ano. Longe de ser completamente alienado, mais uma vez colocamos que, os operários construía suas críticas e entendiam o que acontecia ao seu redor. Ao menos, enquanto o barulho das máquinas não o ensurdescesse e o relógio não o “despertasse” para o seu trabalho.

“(…) com o desenvolvimento da firma, aquilo, a água estava muito pouca [*daí a necessidade de construção da outra unidade em Imbariê, Duque de Caxias*] (...) a parte que ficou aqui era a tecelagem... (...) Mas aí, houve aquela crise do algodão, o algodão **do norte** não, já não, **não tinha mais**, aí começaram a **não querer plantar**, aí começaram a comprar algodão **de São Paulo**, e o preço **não era o mesmo**, o preço era diferente, eles começaram a ter dificuldades com a matéria-prima, e aí a Nova América começou a realmente... a andar pra trás. Essa época só tinha a... Bangu! Como uma concorrente (...) forte! Porque a América Fabril já tava meio falida”.<sup>170</sup>

Neste particular, um dos fatores mercedores de crédito para o decréscimo de algumas indústrias daquele setor — conforme mencionamos na seção anterior — também foi o crescimento, já desde meados da década de 50, das fibras sintéticas como o náilon. A incompatibilidade daquele novo produto face à política de produção de companhias tradicionais, como a América Fabril, levou muitas indústrias a um decréscimo de sua renda anual.

---

<sup>169</sup> Plano de Ação Estratégica do Governo, Cf. Ibidem.

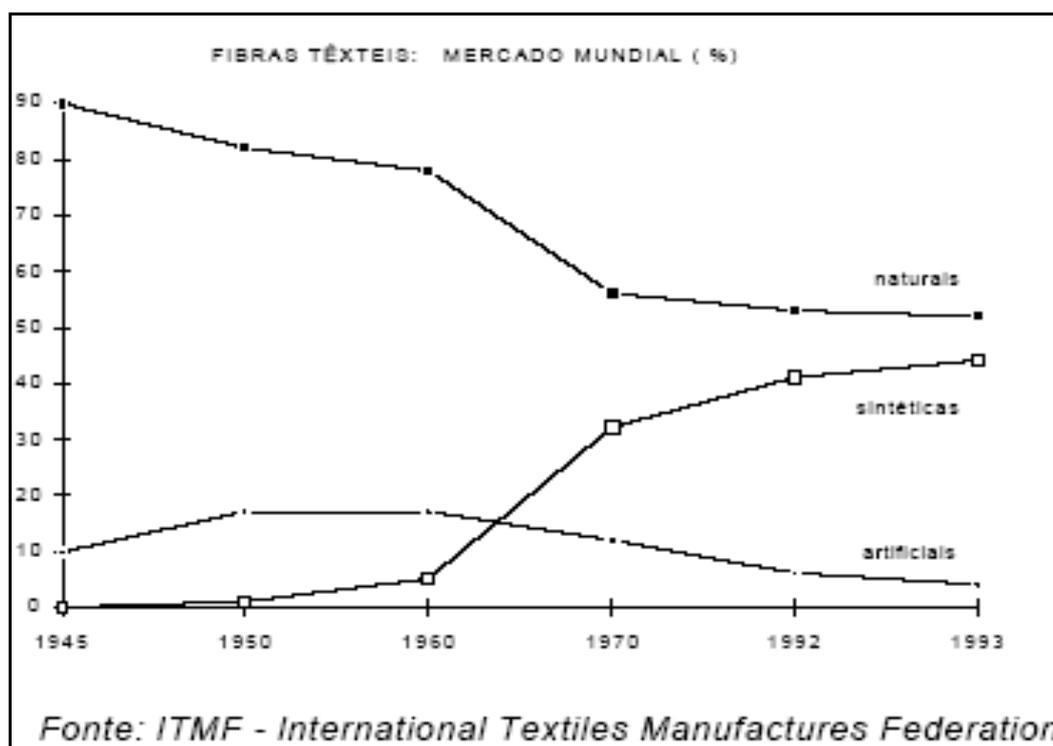


Figura 18: Gráfico retirado de relato setorial do BNDES.<sup>171</sup>

Já para as que acompanharam “mais de perto” as mudanças do mercado, o final dos anos 50 e início dos 60 rendeu-lhes grandes lucros. Caso este vivido pela Nova América onde, em 1960 segundo Ata de reunião da Diretoria<sup>172</sup>, houve distribuição de lucros aos empregados por meio de gratificações e, a partir daí, os próximos anos foram marcados por um maior interesse em se concretizar alguns projetos, de ordem assistencial ao operariado, que não haviam sido finalizados e um acréscimo nos salários de aproximadamente 20%, no ano de 1964.

Ainda assim, ao ouvir alguns dos entrevistados, percebemos que, para eles, a decadência de suas fábricas esteve associada não só à questão econômica, mas também à mudança do grupo de diretores e acionistas majoritários. Para alguns desses trabalhadores presentes nas antigas indústrias da América Fabril o principal fator era a mudança. Para

<sup>170</sup> Entrevista com Isabel de Araújo Batista; concedida ao autor em 18 de setembro de 2005.

<sup>171</sup> BNDES. **Relato Setorial: fibras artificiais e sintéticas.** Disponível em <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/relato/fibras.pdf>> Acesso em: 29 de outubro de 2005.

<sup>172</sup> Ata de Reunião da Diretoria da Cia. Nova América S.A. em 12 de julho de 1960. Acervo particular da companhia Nova América.

eles, o mundo mudava e com ele os “novos” — netos e filhos dos grandes industriais do início do século —, não conseguiam levar a fábrica através daquele campo de maneira frutífera. Essa idéia pareceu permear, enquanto senso comum, aqueles antigos operários.

“Olha, a fábrica faliu segundo contam, não sei se a Silvia [*Dona Silvia é sua vizinha e colega de trabalho nas fábricas Mavilis e Bonfim*] sabe essa... (...) Os velhos antigos (...) acionistas donos da fábrica eu tinha um na cabeça, mas eu esqueci... (...) Seabra muito bem (...) tinha uma porção deles, acionistas da Companhia América Fabril (...) mas os velhos foram ficando **velhos**, foram se afastando, foram se afastando, e os meninos os **netos** tomaram conta, (...) tomaram conta da fábrica e a gente transformava pano para o exterior, então eles a estamparia eles começaram a falsificar estamparia”.<sup>173</sup>

A imagem do sindicato têxtil, no que tange o campo de ações nas companhias estudadas aqui, já não se fazia forte tendo em vista as características patronais que circundavam as associações da América Fabril e da Nova América.

De um modo geral, os têxteis pela sua “tradição” industrial, acabaram por perder forças combativas também no período que se seguiu — meados de 60 e 70 — ao projeto político ditatorial e às críticas e mudanças na estrutura sindical levantadas pelos adeptos do Novo Sindicalismo<sup>174</sup>, o qual não se identificava com aquele espaço tão marcado pela política patronal que acabava por infiltrar-se em muitos dos sindicatos do setor têxtil. Em contrapartida, a mobilização sindical começava a insuflar-se em outros setores mais fortes naquele momento, como os bancários, metalúrgicos e ferroviários.

---

<sup>173</sup> Entrevista com Esmeralda; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

## II – (d) Operários no cenário político.

Para compreendermos melhor a questão da participação política do operariado têxtil investigado, é preciso retomar a análise a partir de alguns pontos de convergência — e críticos — da fala desses personagens.

Para os mais velhos, a diferença entre a mobilização de outrora e dos últimos anos antes do processo de declínio daquela companhia mostrava-se ainda mais gritante. Representados pela coletividade que lhes era característica, os operários estiveram amplamente no cenário de enfrentamentos e atuações no *locus* urbano do Rio de Janeiro.

“O sindicato mesmo, é que forçava mais, né? (...) tinha muitos comícios em frente à fábrica, né? (...) de vez em quando tinha uma grevezinha ali a gente parava os tiores todos, ali, ali começava a bagunça né? Aquele pessoal fazia aquele bloco dentro da, da fábrica, né? ai por que era grande, né? ai todo mundo saia botava alguma coisa botava chapéu fazia aquela bagunça e vinha cantando ‘Trabalho como louco trava..mas ganho muito pouco’ [risos]”.<sup>175</sup>

Por volta dos anos que precederam a década de 50, muito se falava da ação dos comunistas. Ao falar do comunismo, dona Silvia lembra: “Eles só lutavam pelos nossos direitos, mas, naquela época tudo era comunismo, né?”.<sup>176</sup>

Essa presença da bandeira comunista nas fábricas, entretanto, em um primeiro momento poderia parecer estar mais arraigada nos anos 30 e 40 quando, ao serem entrevistados, os operários mantêm em seus discursos diversas lembranças margeadas por

---

<sup>174</sup> Sobre Novo Sindicalismo e seu processo político nos anos 70 e 80, ver SANTANA, Marco Aurélio. “Entre a ruptura e a continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro”. In: **Anais do XXII Encontro Anual da Anpocs**, 1998.

<sup>175</sup> Entrevista com Silvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>176</sup> Ibidem.

acontecimentos e relações onde a ação e a presença da influência do partido comunista (PCB) mostrava-se forte.

“Eu acompanhava eles, quando, quando fazia comício... e aplaudia por que o, o, o enfim, o que eles falavam eram, eram, eram coisas que, que amanhã, amanhã, ta acontecendo, ta acontecendo hoje (...) naquela época a lei não se cumpriam, não se faziam cumprir”.<sup>177</sup>

De fato, a presença do comunismo nas fábricas esteve permeando toda sua história. Ainda que, o receio da proliferação das suas idéias fosse maior que a própria aceitação por parte de todos os operários, a abrangência do discurso comunista no pós 2ª guerra fazia-se presente, até mesmo, em uma indústria que detinha um operariado mais “docilizado”, como o caso da Nova América.

“E... Predominava naquela época já tava muito exposta naquela época uma mentalidade comunista, né? Eu me lembro quando a Nova América construiu o MS [*prédio Mark Sutton*] ‘É tá progredindo às custas do nosso dinheiro, tal’ [*entrevistado imita voz de outra pessoa*] eu tinha dois colega lá que me faziam a cabeça, sabe?”.<sup>178</sup>

A mobilização operária referente à Nova América esteve mais fortemente atrelada à política patronal e de cunho trabalhista que se estendeu pelo período getulista e adentrou nos anos do pós-64 onde serviria como uma “barreira” à entrada seguida de crescimento das células políticas engajadas no comunismo. Uma ex-operária, que acabou trabalhando na secretaria da direção da Nova América se recorda dessa “infertilidade” de mobilizações reacionárias no chão de fábrica, até então:

---

<sup>177</sup> Entrevista com o Sr. Antonio Herrero Ramos; concedida ao autor em 30 de setembro de 2004.

<sup>178</sup> Entrevista com o Agenor Figueira Rodrigues; concedida ao autor em 26 de outubro de 2004. O conteúdo escrito em colchetes trata da impressão do entrevistador no momento do depoimento da entrevistada

“Tinha aqueles grupinhos que a gente sabia que, que eram meio... Mas eles não se criavam muito por que a maioria não era! E era muito chegada a diretoria, muito chegada... E então eles acabavam, acabavam se perdendo. Não criaram força”.<sup>179</sup>

De fato, as entrevistas realizadas com o operariado da Nova América, apontaram para um sentimento comum de afeto àquela companhia, que não se dilapidara. Até então, seus operários demonstram a todo o momento um carinho singular à fábrica de tecidos de Del Castilho. Nesse sentido, a atuação da fábrica frente a tais questões tornou-se forte ao passo que o medo de ser associado ao partido comunista, de uma maneira geral, esteve deflagrado nas famílias operárias de maneira que, declarar ser comunista era declarar uma posição de “alvo” para o ataque não apenas dos dirigentes da fábrica, como do próprio Estado.

Se a Nova América pôde centralizar sua ação de controle e de impedimento da proliferação do comunismo entre suas máquinas e muros, o caso da América Fabril mostrava-se bem diferente. Com políticas patronais similares, ainda assim, a América Fabril era detentora de um espaço muito mais multifacetado. Se no Andaraí, Deodoro, ou em Magé, o “vermelho” aparentemente parecia não ser de todo um problema de grande peso, nas unidades do Caju, e do Jardim Botânico, a realidade mostrava-se bem diferente.

A presença do comunismo nessas unidades levou seus dirigentes a agir com maior arbitrariedade, taxando de forma indiscriminada quaisquer ações pela vaga do comunismo. Herrero, funcionário da Carioca no Jardim Botânico desde o final dos anos 20, discorre sobre o “medo”, instaurado no operariado, em ser classificado como comunista:

---

<sup>179</sup> Entrevista com Isabel de Araújo Batista; concedida ao autor em 18 de setembro de 2005.

“(...) naquela época ninguém podia falar que era da esquerda porque entrava no cacete, né? só falava com uma pessoa **muito** chegada, né? **muito** amiga. Que se, não deixava ninguém ouvir, por que... [entrevistador pergunta se falava-se sobre o comunismo na fábrica] **Hein?! Só, a gente conhecia um ou outro, que, que se dava, mas no meio do trabalhador nosso, nosso povo mesmo, tinha muita gente que não valia nada! Que entregava o próprio companheiro, ‘fulano é comunista’ (...). Quem era um... um grande latifundiário, você empregava quem você queria, e tinha que fazer o que você queria! E se você fosse dar queixa, ele o patrão ia dizer que você era comunista!’**”<sup>180</sup>

A imagem do “subversivo”, do revolucionário, portanto, esboçava o perfil do “inimigo” da indústria capitalista e do modelo que se creditava democrático. Essa idéia esteve — alguns momentos mais e outros menos — amalgamada no senso comum político e econômico que figurava no projeto político de 45-64. Mas foi nos anos 60, após um “sopro de força” da mobilização sindical durante os anos de Goulart, que o combate à extrema esquerda “apertou o cerco” e indiscutivelmente marcaria as vidas da classe operária, seja ela alinhada com a política patronal ou não.

Paralelo aos acontecimentos políticos da época, no caso dos operários da América Fabril, esses passavam a decair progressivamente em termos de autonomia, unidade e mobilização sindical. Seu processo de “solidão crônica”<sup>181</sup>, parafraseando o texto de Castro, começava a desenvolver-se ao passo que, com o encerramento de algumas unidades fabris da América Fabril, alguns sinais de debilidade da unidade operária e da força do sindicato, onde o desemprego e a perda gradativa da solidez do trabalho e do espaço social construído por décadas, já se mostrava atroz.

<sup>180</sup> Entrevista com o Sr. Antonio Herrero Ramos; concedida ao autor em 30 de setembro de 2004. Palavras em negrito expressam a ênfase dada no momento da entrevista.

<sup>181</sup> CASTRO, Celso. “Homo solitarius: notas sobre a gênese da solidão moderna”. **Interseções**- Revista de Estudos Interdisciplinares, Rio de Janeiro, v.3 , nº 1, p.79-90 , jan./jun.2001.

“(...) era tanta gente que **trabalhava ali**, eles começaram a mandar muita gente embora, né? Pessoas até com **28 (vinte e oito) anos** de casa, eles mandavam embora, não tinha nem conversa. Quando nós chegava da hora do almoço, a gente olhava no quadro, não tava o cartão, já sabia que aquele... aí fazia uma paralisação, parava tudo... chamava o DOPS, chamavam o DOPS; chamaram umas três vezes pra vir aí, que estavam fazendo arruaça (...)”.<sup>182</sup>

No interior dessas mudanças, aqueles operários passavam a experimentar uma perda de sua eficácia ao passo que o cenário político e econômico se fragilizava. Nesse momento de mudanças, dona Noemia ainda reforça sua idéia em relação aos operários do Caju: “O pessoal lá era muito medroso sabe, não reclamava de **nada**”.<sup>183</sup> Os quais a viam como “estranha” àquele espaço, devido a sua transferência da fábrica Cruzeiro.

O fato de, em crise, os dirigentes das fábricas do Caju terem sido impelidos a acomodarem, no mesmo espaço e tempo de trabalho, um contingente maior que o normal, levava à insatisfação de todos já que, com mais operários e com mesmo tempo de trabalho, trabalhava-se e ganhava-se menos.

Esse cenário de insatisfação e de incompatibilidade entre os atores sociais ali instaurados divergia em muito dos anos anteriores e rompia de forma unívoca a unidade e a influência do sindicato. Uma das antigas operárias do Caju, ao falar sobre os tempos da atividade sindical, recorda que havia, de fato, um “esfriamento” daquelas ações:

“(...) olha eu tinha filho pequeno, né? Tudo isso a gente não tem tempo, depois no final já tava mais apagada, isso na década de 50 (1950), 50 (1950) por aí, de cinqüenta... até 55 (1955) ainda tinha mais ou menos, mas depois eu acho que já foi parando, né? Já foi parando, mas é por que essa, essa época assim de 43 (1943) a quarenta.... a 50 (1950) ali tinha muito, né?”.<sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> Entrevista com a senhora Noemia de Souza Leandro; concedida ao autor em 20 de maio de 2005.

<sup>183</sup> *Ibidem*.

<sup>184</sup> Entrevista com Silvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

A presença autoritária e legalista do Estado, e as práticas de “estrangulamento” das lideranças sindicais mais combativas no pós-64 passava a “achatar” cada vez mais a classe, imobilizando-a. Ainda assim, para alguns grupos mais “combativos” dentro das fábricas, esse processo não se deu de maneira tranqüila. Se o DOPS não precisou usar de violência na fábrica do Andaraí, em Magé sua estratégia foi outra:

“Em 64 houve uma greve, não sei se foi greve geral porque eu só tinha dois... é, eu entrei em 62, eu tinha só dois anos de firma... Olha, foi uma greve difícil!... Foi até, algumas pessoas foi até presas naquela época, a tal da... DOPS! **Ela chegava batendo!** É, a polícia chegava **batendo** mermo (*sic.*). Foi em 64 [1964]”.<sup>185</sup>

Os operários, ao menos na parte nesse momento, em Pau Grande ainda “lutavam” em bloco. A fábrica mais antiga da companhia América Fabril parece ter protagonizado um embate inflamado no mesmo ano do golpe. A diretoria, por sua vez, concatenada com o poder público através da via legal, e até familiar, mostrou-se pronta para o enfrentamento.

“(...) juntaram aquele monte de pessoas no portão da fábrica, exigindo as suas melhoras, né? Eu não sei se foi geral, ou se foi só aqui eu não sei... (...) E... tinha pessoas, eu era, eu era, tava ‘engatinhando’ nessa época (...) Mas eu vi pessoas pegar no portão da fábrica e sacudir! E... uma grande quantidade de polícia do lado de dentro, né? Pro pessoal não invadir o prédio... (...) na Pau Grande (...) xingavam o gerente, eles queriam mesmo ‘pegar’ o gerente que era um tal de Rafael, Rafael **Cozzolino** (...) Inclusive, ele até amarrou, não sei como ele arrumou lá, eu me lembro direitinho! Ele amarrou um monte de capim no portão e falou que os operários **tinha** que comer capim! (...) naquela época braba que tinha, **pancadaria**, a DOPS entrava **batendo mermo**, quem tivesse na frente o **cacete** comia!”.<sup>186</sup>

---

<sup>185</sup> Entrevista com o Sr. Valdeci Simões Dias; concedida ao autor em 22 de agosto de 2004. Palavras em negrito expressam a ênfase dada no momento da entrevista.

Uma vez instaurado o sistema da ditadura, houve uma forte pressão para se extirpar os esquerdistas, não só do âmbito partidário como de todos os espaços possíveis de divulgação de suas idéias. Nesse passo, a Nova América e seu operariado passaram a sofrer mais intensamente a repressão. Nas palavras de Salvador se tornava notório que ao menos na Nova América os que não se adequavam a política vigente do Estado, passariam a ser apagados do cenário da fábrica:

“(…) na ocasião, que os sindicatos tinham grande força, né? Existia na Nova América, também, aqueles grupos que eram do sindicato, né? E foi aquela **caça** aos sindicalistas! Eu me lembro **bem disso!** Aquelas pessoas que, que o, os diretores da Nova América, **tinham** que se abaixar pra eles, por que eles tavam com força, ficaram por cima. Então **muitos** que, dali mesmo já sumiram! Não apareceram mais na Nova América, **desapareceram**. Outros foram mandados embora, alguns, aqueles que eram menos ativistas, ainda continuaram”.<sup>187</sup>

E em outros casos, esses atores também eram apagados da própria memória dos operários que ali continuaram. Ao permanecerem apenas os “docilizados” uma memória igualmente “domesticada” era assegurada para o futuro. Nesse sentido, as palavras de seu Salvador encontraram eco nas de outros trabalhadores da Nova América quando, ao falar da punição por greves ou outros atos contrários à fábrica, ele diz: “Não interessava perseguir ninguém, nunca houve esse negócio de perseguição na fábrica. Nunca”.<sup>188</sup>

Para os demais, a realidade era diferente. Embora houvesse o conhecimento de simpatizantes da esquerda no chão de fábrica, o discurso dos entrevistados ainda apontava para a falta de espaço que aqueles partidários tinham dentro da empresa, além da postura de seu operariado que não “fugia” ao trabalho.

---

<sup>186</sup> Ibidem.

<sup>187</sup> Entrevista com o Antonio Leite Borges; concedida ao autor em 04 de agosto de 2005.

“O discurso comunista tem um argumento incrível, né? (...) até que veio a revolução de 64 (1964), mas eles não baixaram a crista não, punham a banca pra dentro, então a Nova América foi também afetada mas na Nova América era difícil o operário fazer greve até aquela identificação que eu te disse com a assiduidade, por que o cara ficar parado vai perder dinheiro pra caramba, vai ficar mal visto dentro da empresa (...)”<sup>189</sup>

Alguns desses fragmentos delineiam parte da experiência daqueles operários acerca do cenário político que estavam inseridos, e como suas escolhas por engajamento ou rejeição aos ideais ali em confronto se deram. Nos anos seguintes, um crepúsculo daquela experiência passada, contudo, colocariam uma interrogação ao operariado *lato sensu* que vivia cada vez mais uma divisão de forças, ações e objetivos em seu próprio seio.

Assim como um “animal social”<sup>190</sup>, esse operário não se relaciona apenas com seus grupos; a relação com seu espaço físico é por demais importante e vital para a construção e manutenção desses grupos. E por esse passo é que o próximo capítulo trará uma verticalização na abordagem do espaço operário — seja ele de trabalho ou familiar — como ponto de nossa reflexão.

---

<sup>188</sup> Entrevista com o Sr. Salvador Ogianno; concedida ao autor em 11 de agosto de 2004.

<sup>189</sup> Entrevista com o Agenor Figueira Rodrigues; concedida ao autor em 26 de outubro de 2004.

<sup>190</sup> ARENDT, Hannah. *Op. Cit.*

### CAPÍTULO III

#### A TOPOGRAFIA DO ESPAÇO DE MEMÓRIA: TRADUZINDO E MODIFICANDO O ESPAÇO FABRIL

*“È sobre o espaço, sobre o nosso espaço — aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir — que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças”.*

Maurice Halbwachs\*

Neste capítulo analisaremos a fundo as questões referentes à influência do espaço nas ações dos atores sociais ali presentes e que são igualmente instituídos e instituintes no espaço que se relacionam, verificando através de suas próprias lembranças como os mesmos agiam e relacionavam-se com aquele que era o local de convivência e de trabalho.

Durante os encontros com os entrevistados em suas casas, cada vez mais a influência do espaço físico e social também se mostrava inerente à própria formação das lembranças — onde a elaboração e a interpretação do discurso convergiam, atuando para o propósito da construção de uma memória — daqueles antigos trabalhadores.

Antes de prosseguirmos, porém, cabe-nos tentar apurar melhor algumas das condições nas quais se balizam nosso entendimento de “espaço” aqui tratado. No tocante à idéia do espaço físico, na obra de Bourdieu, o espaço se viabiliza enquanto “lugar” na ordem que se mostra como produto do homem e das coisas. Ou seja, o “lugar” estaria de

---

\* HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004. p. 150.

forma relacional no “(...) ponto do espaço físico onde um agente ou uma coisa se encontra situado, tem lugar, existe”.<sup>191</sup>

Este mesmo “lugar”, por sua vez, não deixa de ser um “campo” onde diferentes atores agem formando seus “espaços sociais”. Por esta maneira, as ações, valores, símbolos e instituições desenvolvidas pelos grupos; além das relações entre eles constituídas as quais delineiam o “perímetro” desse “espaço social” que — segundo Bourdieu — poderia ser traduzido por uma “(...) estrutura de justaposição de posições sociais”<sup>192</sup>; os caracterizam e identificam naquele que era o “lugar” comum, ou seja, em seu espaço físico.

Ademais, a constituição do espaço social e de sua dinâmica, não se frutificou apenas como processo da “exclusão mútua”<sup>193</sup> e da disputa pelo espaço, como Bourdieu aponta. Além desses fatores, entendemos que sua constituição, também se relaciona à inscrição e simbolização dos seus agentes no espaço físico o qual foi observado por Marc Augé, em sua obra como “lugar antropológico”.<sup>194</sup>

Dessa forma, a fábrica e suas respectivas seções, como os teares, salas de pano, maçaroqueiras, alvejamentos e outras — por exemplo —, além das adjacências aqui consideradas como vilas operárias, clubes, bairros e ruas vizinhas, constituíram aquele que foi um “lugar antropológico”.

Um *locus* de experiências e marcações cujo operariado que ali atuava, entretanto, vêm atualmente observando seu desaparecimento. As relações e dinâmicas características do nosso objeto de pesquisa, a fábrica<sup>195</sup> como um todo, não são mais vivenciadas na experiência física do trabalho; estas relações, e a imagem daqueles antigos lugares de

---

<sup>191</sup> BOURDIEU, Pierre. Efeitos de Lugar In: **A Miséria do Mundo**. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1997. p. 160.

<sup>192</sup> Ibidem.

<sup>193</sup> Ibidem.

<sup>194</sup> AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Papyrus, 2001. p. 76.

<sup>195</sup> O espaço da fábrica aqui referido se refere às localidades das antigas companhias têxteis América Fabril e Nova América, ambas no Rio de Janeiro, e ambas consideradas grandes produtoras têxteis do cenário carioca durante as primeiras 6 décadas do Século XX.

operação, no entanto, são trazidas pela fala conjugada ao afeto e àquelas experiências vividas desses homens e mulheres.

Assim, consideramos a fábrica e todo seu espaço de ação, “lugares” de trabalho, de família, de festividades, de conflito, de vida privada e coletiva; ou seja, um “lugar de vida operária”. Este, portanto, era o cenário onde as mudanças e experiências realizadas — por aqueles que o compunham, como operários ou industriais, e respectivos familiares —, atuaram direta e indiretamente na formação das “polaridades sociais” sobre as quais, então, se constitui o “espaço social”.

Polaridades estas que atravessam — como apontado acima — as “esferas” do coletivo e do privado; terminando, assim, de compor os campos de disputas entre os agentes ali instaurados. Seguindo este raciocínio, o espaço *lato sensu* — constituído socialmente, e inscrito fisicamente no “lugar” —, segundo Bachelet, seria:

“(…) marcado pelas polaridades sociais de trabalho, comércio, residencial, etc., ele é mais instrumentalizado (...) de acordo com diretrizes das quais recuperam-se modos de pensamento, sua vida social, suas crenças”.<sup>196</sup>

Tais “marcações”, no entanto, apresentam-se “orientadas”<sup>197</sup> não apenas pela disciplina e pelo próprio espaço, como também por “afetos e valores”<sup>198</sup> presentes nos atores que ali se relacionam.

---

<sup>196</sup> Tradução própria do autor, de: “*L’espace n’est donc pas seulement marqué par des polarités sociales ouvrières, commerçantes, résidentielles etc., il est plus instrumentalisé (...) Toute société structure son espace selon une grammaire dont on retrouve les règles dans la pensée, sa vie sociale, ses croyances*”. In: BACHELET, Bernard. *L’espace Vécu* In: **Le Espace**. Paris: PUF, 1998. pp. 11-13.

<sup>197</sup> Neste sentido, obedecendo a um processo em comum e constante o qual se faz presente no dia-a-dia, de uma fábrica, por exemplo, tornando-se uma série de ações mecanizadas por terem sido arraigadas pelos hábitos do cotidiano. Ver em: WEBER, Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Vol. 1, Trad. Regis Barbosa & Karen Elsabe Barbosa. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999. p. 15.

<sup>198</sup> Sentidos e leituras presentes em todos os atores sociais. Nos operários não é diferente. Suas vivências em grupo e necessidades em comum trazem junto com uma consciência de classe, a racionalidade dotada de convicções e valores, e o afeto como agente potencializador das ações presentes em estratégias de

Marcações estas que também podem ser encontradas nas ações do trabalho, da família, da linguagem, da cultura e do lazer — vivido através de associações e clubes, por exemplo —, as quais se constituem em um processo de “retroalimentação” entre seus atores e o próprio cotidiano. Essa idéia pode ser encontrada em Bourdieu, que afirma:

“Se o habitat contribui para fazer o hábito, o hábito contribui também para fazer o habitat através dos costumes sociais mais ou menos adequados que ele estimula a fazer”.<sup>199</sup>

Ou seja, em uma “topografia” do espaço social fabril revelar-se-ia um “campo” de relações sociais onde a disputa pelo espaço e a identidade do grupo, convergem na construção de um “lugar comum”.

Este “campo”, portanto, uma vez “naturalizado”<sup>200</sup> pelos que ali trabalhavam diariamente incorporando-o como “pano de fundo” das suas ações e de seus grupos ali instituídos torna-se hoje, aos olhos de seus antigos agentes, um “lugar de memória”.<sup>201</sup> Lugar esse que, ainda compõe um elaborado conjunto de signos, objetos e outros resquícios de uma complexa rede de valores, relações, práticas e resistências; representando, assim, o cenário social característico do operário fabril, de seu tempo e de sua história; embora venha desaparecendo mais a cada dia.

Falamos aqui, então, das fábricas estudadas enquanto “lugar de memória” cujo espaço social, uma vez “reificado”<sup>202</sup> pela impressão de suas relações, agentes e estruturas,

---

resistências, poder, identidade e cultura. Sobre ações afetivas e racionais, ver em: WEBER, Max.. **Op. Cit.** pp. 15-16.

<sup>199</sup> BOURDIEU, Pierre. **Op. Cit.** p. 165.

<sup>200</sup> HARVEY, David. **A Condição Pós-moderna**. São Paulo: Ed. Loyola, 1993. p. 188.

<sup>201</sup> NORA, Pierre. **Les Lieux de Mémoire**. Paris: Gallimard, 1997.

<sup>202</sup> BOURDIEU, Pierre. **Op. Cit.** p. 161.

atravessa essa ameaça de desaparecimento frente às mudanças de funções, significados que lhe foram impostas pelo tempo e pelo progresso.<sup>203</sup>

Nesse sentido é que consideramos os espaços referentes a essas antigas companhias têxteis, não só um “órgão nobre” da construção do discurso mnemônico e da identidade coletiva dos grupos que ali atuaram, como também referência central às práticas de trabalho e suas estratégias desenvolvidas pela figura do operário.

E, é para este objetivo, que elucidaremos de forma mais bem detalhada algumas das particularidades e características que, então, formavam o ambiente de trabalho destas companhias e de seus operários.

### III – (a) Espaços do trabalho:

A prática do trabalho no dia-a-dia cercado de máquinas e tecidos requeria uma dinâmica de disciplina, rapidez e produção. As fábricas têxteis características dos séculos XIX e XX eram, dessa forma, pensadas e instituídas. Os operários, por sua vez, tinham de ser controlados e moldados pelo ritmo dos teares. Suas vidas pessoais e o cotidiano de suas famílias confundiam-se com o ritmo do apito proveniente da fábrica, muitas vezes proprietária de suas próprias casas e reguladora de seu tempo privado.

No espaço característico das indústrias aqui tratadas, a fábrica desempenhava a centralidade não só do trabalho, como de poder, controle, disciplina e produção. A formação daquele espaço social, que permeava toda fábrica e seus praticantes, de fato se

---

<sup>203</sup> O progresso, neste contexto, traz a idéia de reformulação do espaço com o intuito de atender às expectativas e necessidades presentes e futuras. Na sociedade do século XX, principalmente, era ele que dava o tônus de muitas políticas urbanísticas de “limpeza” e modernização na cidade do Rio de Janeiro, por exemplo.

aproximava à descrição feita por Bachelet, em sua obra *L'espace*, como: “um espaço magnético, marcado por pontos de atração e linhas de força”.<sup>204</sup>

Essas linhas de força, entretanto, não reconhecem na figura do operário que ali atua sua individualidade ou sua privacidade. Afinal, mesmo que haja no espaço fabril agentes que lutam contra um certo insulamento "absoluto" das fábricas e o controle integral dos corpos laborais — como sindicalistas, militantes, códigos e legislações que na esfera pública podem suplantar a autoridade patronal — uma grande fração do controle do espaço fabril ainda se movimentava por regimes político-sociais mais herméticos simbolizados pelos portões e muros das fábricas; e de forma mais exteriorizada, por suas vilas operárias, por exemplo.<sup>205</sup>

Ou seja, o que era “privado” estabelecia-se, mesmo que não fisicamente, junto aos muros fabris. Casas e vilas operárias são construídas, abastecidas e alugadas pela própria companhia e, sendo assim, tornavam-se apenas uma extensão do “braço” industrial que os empregava. Apenas mais um “elo” da espiral panóptica,<sup>206</sup> característica pela vigilância constante de grandes grupos humanos com o mínimo de ação de quem os controlava; ligando-os de uma posição centralizadora, às atividades “orgânicas” da ininterrupta produção fabril, através de mecanismos disciplinadores, penalidades, e outras coerções “travestidas” pelas próprias práticas paternalistas sócio-assistenciais.

No que se refere ao convívio social e a estes meios de auxílio e assistências, administradas do centro do *kosmos* fabril, era notório o papel da vigilância onde se agregava também ao acompanhamento de doenças — tratando-as quando possível — além

---

<sup>204</sup> Tradução própria do autor, de: “(...) *Il ressemble davantage à un espace magnétique marqué par des points d'attraction, des lignes de forces*”. In: BACHELET, Bernard. *L'espace Vécu* In: **Le Espace**. Paris: PUF, 1998. p. 6.

<sup>205</sup> GIROLETTI, Domingos. **Fábrica: convento e disciplina**. 2ª ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2002. pp. 192-193.

<sup>206</sup> O panóptico, muito atribuído às casas de correção e hospícios, tem nas grandes indústrias do século XIX e XX, outro de seus exemplos.

da educação primária, creches, entre outros benefícios<sup>207</sup> custeados pela companhia. Por esta razão, em diferentes instâncias sociais, a vigilância e o controle permaneciam amalgamados à vida operária, não apenas entre os muros das fábricas e suas seções, mas igualmente presentes dentro das famílias e de seu cotidiano.

A vida cotidiana prendia-se ao espaço fabril, racionalizado com a intenção de controle e disciplina como forma de poder, modelando e marcando não só os espaços como o tempo e os movimentos do corpo,<sup>208</sup> daqueles que nele se inseriam.

Tal sistema, fruto de uma sociedade em modernização constante desde meados do século XIX, encontrava nas fábricas das companhias América Fabril e Nova América, de padrões arquitetônicos britânicos característicos pelo espaço sóbrio<sup>209</sup> e disciplinador — muito presente no cenário industrial brasileiro do início do século XX — o espaço perfeito para o controle e desenvolvimento de um setor — o têxtil — considerado o “(...) mais avançado das relações capitalistas de produção (...) concentração de capital, força de trabalho e força motriz por unidade de produção”.<sup>210</sup>

Na arquitetura fabril, o espaço é, portanto, pensado para melhor otimização da produção e menor “liberdade” de quem trabalha. As seções de produção, embora amplas, não permitiam a mobilidade do operário que, assim como Valdeci — ex-operário da fábrica Pau Grande —, precisava permanecer atento ao funcionamento da máquina intermitente.

---

<sup>207</sup> PIMENTA, Ricardo Medeiros. **Uma outra realidade: as condições trabalhistas e assistenciais do operariado da companhia América Fabril, Rio de Janeiro (1926-1931)**. Monografia de conclusão do curso de Bacharel em História. Rio de Janeiro: UGF, 2003. pp. 36-49.

<sup>208</sup> FRANCO, Silvia. GONÇALVEZ, Luis. *Clínica laboral: Nuevos abordajes clínicos y organizacionales para los síntomas contemporáneos*. In: SCHVARSTEIN, Leonardo. LEOPOLD, Luis. [et al.]. **Trabajo y Subjetividad: entre lo existente y lo necesario**. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 268.

<sup>209</sup> HARDMAN, Foot & LEONARDI, Victor. **História da Indústria e do Trabalho no Brasil**. Col. Série fundamentos. São Paulo: Editora Ática S.A., 1991. pp. 133-134.

<sup>210</sup> Idem. p. 136.

“(...) Eu trabalhava numa máquina, que ela rodava **85 metros** por minuto de fio. Tinha que **ficar ligado!** Era... Era ar comprimido... Era toda no ar comprimido (...)”.<sup>211</sup>

Era o espaço pensado e viabilizado para o aproveitamento, ao máximo, de todo o tempo de trabalho. A própria estrutura das unidades fabris — tanto nas fábricas da companhia América Fabril quanto na companhia Nova América — estavam projetadas para tal aproveitamento, impedindo a dispersão e facilitando a fiscalização pelos mestres e contra-mestres.

Formavam-se, então, os corredores ladeados pelo maquinário que delineava a funcionalidade do espaço de trabalho e “prendia”, pela lógica de seu funcionamento, os operários que permaneciam a ele conectados como, “apêndices vivos de um mecanismo morto que existe independente deles”.<sup>212</sup>

O mesmo espaço de trabalho, onde se localizavam os maquinários, era planejado não apenas em sua superfície, como também em profundidade e altura. Alguns dos galpões pertencentes às fábricas da América Fabril, por exemplo, tinham como características a ventilação precária e poucas janelas. Em outros casos, a própria passagem de operários entre as máquinas tornava-se difícil, limitando a ação dos participantes ali envolvidos e direcionando-os uma vez mais para suas máquinas, e para a produção.

Falamos aqui de um “projeto” de institucionalização da obediência através da fragmentação da liberdade. Este processo percorre uma linha tênue no que diz respeito à vida operária, onde a “liberdade”, compreendida pela possibilidade de escolha<sup>213</sup>, haja visto o espaço social ou físico de ação, compromete-se pela ação disciplinadora e

---

<sup>211</sup> Entrevista com o Senhor Valdeci Simões Dias; concedida ao autor em 22 de agosto de 2004. As palavras em negrito expressam ênfase na fala do personagem, e todo o texto contido entre colchetes é de grifo pessoal, ou constitui-se na pergunta feita ao entrevistado no momento da entrevista.

<sup>212</sup> HARDMAN, Foot & LEONARDI, Victor. **Op. Cit.** p. 135.

<sup>213</sup> WEIL, Simone. **O Enraizamento.** Trad. Maria Leonor Loureiro. Col. Mulher. Bauru, SP: EDUSC, 2001. pp. 16-18.

impositora da “obediência” através dos agentes externos, como máquinas e aos seus espaços.

Seguindo este processo, há portanto um “desenraizamento”<sup>214</sup> desses operários, e conseqüentemente um abalo de sua “liberdade” ao passo que não só a questão do dinheiro, do salário — e da dependência que este gera —, como o controle que o espaço da fábrica os inflige, compõem o quadro da organização social no mundo fabril do capitalismo industrial.

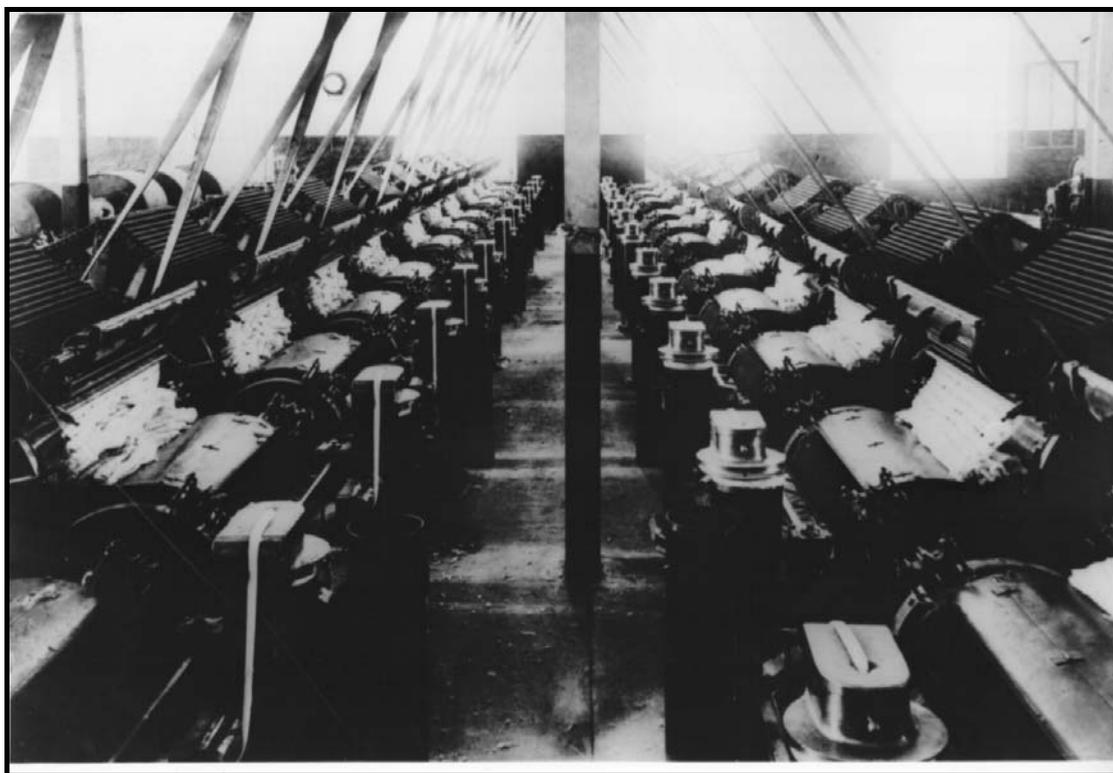


Figura 19: Seção de maçarqueiras da fábrica Mavilis. S/D.<sup>215</sup>

Estas ações de controle poderiam apresentar-se de diversas maneiras, como a questão referente às janelas, por exemplo. Em alguns setores da produção o operário não possuía à altura de sua visão qualquer contato com o exterior que possibilitasse a dispersão

---

<sup>214</sup> Idem. pp. 44-49.

<sup>215</sup> AGCRJ, Divisão de Iconografia. Coleção Cia. América Fabril, série patrimônio.

de sua produção. Questionada sobre como eram as seções da tecelagem, a aposentada dona Noemia se lembra da fábrica Cruzeiro no Andaraí:

“Não, era um lugar fechado! [*o entrevistador pergunta de novo como era a arquitetura das seções de produção*] Ah! Era tudo (...) armação de ferro, não tinha, não tinha janelas, tinha lugar que não tinha uma janela, era um calor danado, né? Mas, mas era um lugar bem grande, não era um galpão não; era quase um quarteirão daqui, cada sala. (...) cada sala de tecelagem”.<sup>216</sup>

A mesma seção de tecelagem em outras fábricas da companhia — como a Mavilis, no bairro do Caju —, possuía outros incômodos. Diferente do amplo espaço interno dos galpões da fábrica Cruzeiro — ainda que estivessem fechados —, em sua fala, dona Noemia se recorda de quando foi transferida para a fábrica Mavilis e estranhou o pouco espaço entre as máquinas e a falta de mobilidade.

“Eu estranhei a Mavilis, porque aqui na América [*Dona Noemia refere-se à fábrica Cruzeiro*], aqui, aqui; a... salas são mais amplas, entre uma máquina e a outra, lá não dava [*inaudível*] pra passar não. Não era gorda como tô agora não, era bem mais magra. Mas não dava pra gente passar não; entre uma máquina e a outra, tinha que dar volta... Estranhei muito, estranhei as máquinas também; as máquinas daqui eram melhores (...) lá tinha teares muito antigos, teares que eu **nunca** tinha trabalhado. Bom de trabalhar, mas muito antigo”.<sup>217</sup>

Tal estranhamento não era incomum aos olhos de outros operários. Fossem as máquinas antigas ou novas, a relação dos operários com seus instrumentos apresentava matizes diversificados.

Como dona Noemia, que apontou algumas características do local do maquinário e de suas condições, Agenor — da companhia Nova América — lembra-se da sala de

---

<sup>216</sup> Entrevista com a senhora Noemia de Souza Leandro; concedida ao autor em 20 de maio de 2005.

máquinas e fala da precariedade de um dos prédios da Nova América; o prédio DB (Domingos Bebbiano), que já na década de 50 era visto pelos operários da Nova América como o “prédio antigo”:

“Esse prédio da Nova América, principalmente o prédio DB [*prédio Domingos Bebbiano, o prédio mais antigo da unidade de Del Castilho*], não era um prédio atualizado pra época, (...) por que era sobre assoalho de madeira, e as máquinas não podiam desenvolver na velocidade que podiam por causa da vibração da, do assoalho de madeira”.<sup>218</sup>

Convergingo à sua fala, seu colega de fábrica, o eletricitista aposentado Toninho, expôs algo da diferença entre os dois prédios principais que compunham o corpo da Nova América:

“(...) tudo, a tud.. estruturação da fábrica, era assoalho, tudo assoalho e coisa, né? E a outra parte não, já era concretiza... concreto, né? Tudo de concreto, a fiação nova (...) É, meu pai trabalhou lá, começou em 1925”.<sup>219</sup>

Percorrendo suas lembranças como quem refaz seu percurso por assoalhos de madeira e de concreto, Salvador ilustra parte do dia-a-dia do operariado e da mobilidade presente na fábrica. Referindo-se às seções de produção, e a seus operários respectivamente, ele nos diz:

“(...) sempre abandonava a máquina dele aqui, ia namorar uma moça lá a duzentos metros noutra máquina, isso sempre houve. (...) em algumas seções havia uma parada de 10 minutos as 09:00, por exemplo, na seção de pano acabado, na seção de expedição, a última seção da empresa, onde já preparavam

---

<sup>217</sup> Ibidem.

<sup>218</sup> Entrevista com o Sr. Agenor Figueira Rodrigues; concedida ao autor em 26 de outubro de 2004.

os tecidos pra sair, encaixotar (...) Agora lá na seção de tecelagem, fiação, não havia uma parada, mas havia muita **liberdade**, de locomoção, saía daqui [*começa a falar mais baixo*] ia namorar lá... Era um troço”.<sup>220</sup>

Ainda assim, no tocante à condição do espaço social ali “reificado”; era o relógio, aliado à busca pela produção da mais-valia, que encontrava na máquina, portanto, o instrumento disciplinador dos atores sociais que ali atuavam pelo ritmo intermitente do funcionamento de seus equipamentos. Na fábrica Mavilis, da América Fabril, dona Esmeralda discorre sobre o trabalho de seu marido:

“(...) meu marido trabalhava **no automático** de noite aqui [refere-se à fábrica Mavilis] era aqui lembra? [fala com sua amiga, Silvia Ministério, que assiste a entrevista]... Atrás aqui... [*aponta para o fim da vila onde era a fábrica. Hoje o terreno é usado para depósito de containers*]. Trabalhava de noite, era duas turma... Ele pegava às 10 da noite, largava às 7 da manhã.(...) Era um trabalho muito difícil...(...).”<sup>221</sup>

Entre a “(...) precisão dos gestos, o silêncio das pessoas, a força da máquina”<sup>222</sup> ininterruptamente em ação, a simples conversa entre os operários já apontava um ato de resistência. Dona Esmeralda — também ex-operária nas fábricas do Caju, chamadas Bonfim e Mavilis — continua sua fala:

“(...)Aprendi a trabalhar na tecelagem. ...Aí eu fazia pano... (...) o barulho é **muito**, porque bate, é... E umas, umas... Umas, como é? Lançadeiras. E os bicos das lançadeiras são de... **De aço!** (...) E a madeira [*gesticula mostrando o formato do resto do equipamento*] é de pau. A gente enfia a espula ali, enfia aí...

<sup>219</sup> O entrevistador pergunta se a fiação velha era no primeiro prédio, ou seja, o de assoalho de madeira. Entrevista com o Sr. Antonio José Fernandes (Toninho); concedida ao autor em 22 de outubro de 2004.

<sup>220</sup> Entrevista com o Sr. Salvador Ogianno; concedida ao autor em 11 de agosto de 2004.

<sup>221</sup> Entrevista com a Dona Esmeralda da Silva Sereno; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>222</sup> MASI, Domenico de. **O Futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial**. Trad. Yadyr A. Figueiredo, 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003. p.135.

E bota pra tecer. Então aqueles... Têm uns braços, os teares... Batiam pra lá, batiam pra cá...(...).<sup>223</sup>

Sua colega de ofício, dona Noemia, que trabalhara na unidade do Andaraí — fábrica Cruzeiro — e depois foi para a Mavilis, acrescenta mais alguns detalhes sobre os teares, no tocante à periculosidade de seu manuseio:

“(...) às vezes arrebentava o fio assim, no meio né? Aí batia, a lançadeira, é... feita de uma barquinha com duas pontas de metal. Aí aquela lançadeira pula, aí bate na pessoa machuca. Eu, pelo menos, arrebentou aqui o braço uma vez, tem gente que levava no rosto, né?”<sup>224</sup>

Apesar das resistências dos operários, e das marcas físicas causadas pelas máquinas, o processo fabril também incitava ao olhar curioso. O constante funcionamento das máquinas e sua disposição espacial esquadrihavam alguns dos parâmetros da “linha de produção” do sistema fordista; e compôs, por mais da metade do século XX, o cenário característico da fábrica de tecidos no Brasil, onde o aprendizado prático do dia-a-dia do local de trabalho atuava diretamente na formação de uma cultura técnica própria daquele operariado.

Aliado à admiração pelo mundo metálico em movimento, é nesse sentido que, ao lembrar-se dos tempos de garoto, Herrero fala com alegria do funcionamento da seção dos carretéis, onde voltara a trabalhar após seu acidente.

“(...) trabalhei muitos anos lá e... Eu conhecia aí o, eu gostava, eu era furão, gostava de entrar nas outras seções pra ver como funcionava, né? (...) eu estudava tudo e via o andamento do, do, da fábrica. Como era o andamento, como entrava o algodão, como saía, como, até vinha aquele rolo daquela seção

---

<sup>223</sup> Entrevista com a Dona Esmeralda da Silva Sereno; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>224</sup> Entrevista com a senhora Noemia de Souza Leandro; concedida ao autor em 20 de maio de 2005.

que eu tava trabalhando. Então eu queria saber porque que, como é que vinha aquilo ali (...) Muito bacana, muito bonito [*sorriso*] o serviço do operário, viu?... Bonito mesmo”.<sup>225</sup>

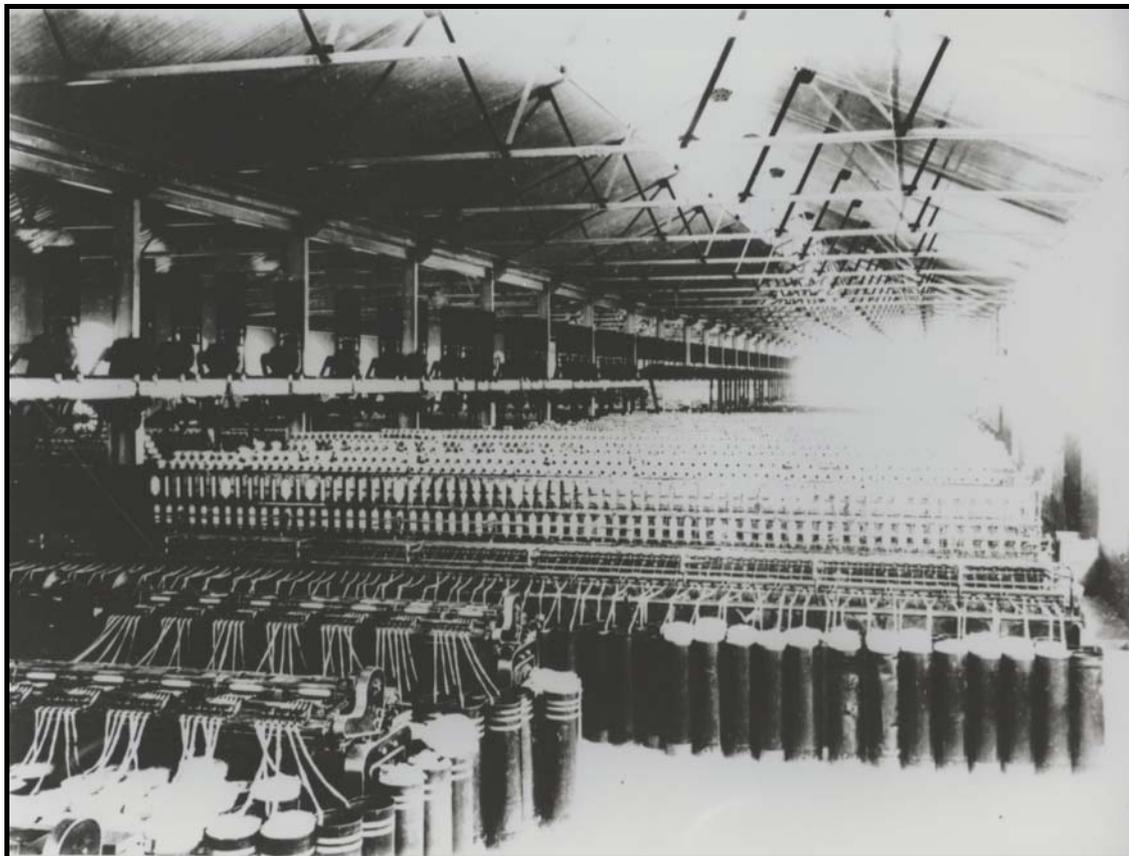


Figura 20: Carretéis da fábrica Mavilis, S/D.<sup>226</sup>

A “mágica” da produção acontecia através do funcionamento harmonioso das máquinas e dos tecidos, linhas e fardos de algodão que percorriam o interior da fábrica. Nesse sentido, eram os operários que atuavam como os responsáveis por essa “harmonia” da máquina. Ainda em sua entrevista, seu Herrero, lembra:

<sup>225</sup> Entrevista com o Sr. Antonio Herrero Ramos, aposentado. Ex-operário da Companhia América Fabril, unidade Carioca; concedida ao autor em 30 de setembro de 2004.

<sup>226</sup> AGCRJ, Divisão de Iconografia. Coleção Cia. América Fabril, série patrimônio. Embora, a referente fotografia seja de uma outra unidade da companhia América Fabril, escolhemos usá-la uma vez que as máquinas e as funções exercidas naquela seção eram iguais as desempenhadas e descritas pelo sr. Herrero, na fábrica Carioca.

“(...) Aquilo ia correndo pela tubulação, caindo, né? Você, com a mão ia fazendo aquelas pilhas, pilhas do tamanho dessa sala [*sala da casa do sr. Herrero*] assim grande, e você ia enchendo, cada um fazia a sua, né? Tinham dois, três fazendo essas pilhas... Até consumir o, a quantidade de pano que tinha lá atrás que era *enorme*, né? [*Ao perguntar se aquilo nunca acabava, o sr. Herrero, responde em seguida*] (...) Ah! Não acabava não! [*risos*]”.<sup>227</sup>

No caso da companhia Nova América, o caminho do algodão obedecia à mesma lógica ininterrupta do movimento fabril. Segundo Antonio Borges, a produção no interior dos prédios DB, e MS (Mark Sutton) seguiam da seguinte maneira:

“(...) você divide assim: primeiro; segundo e terceiro andar. (...) Embaixo, você tinha a tecelagem, que é a parte final do tecido. Você tinha no meio a preparação, onde o algodão já vinha preparado em forma de, de fios... de uma maçaroca assim, e ia pra fiação em cima quando fazia essa linhazinha que forma o tecido, tá? E depois dele pronto, vai pra um outro setor (...)”.<sup>228</sup>

Entretanto, não era apenas pelos olhares curiosos que o espaço físico poderia adquirir seus significados. Como assinalado anteriormente, ele era também reescrito através do olhar de quem busca estratégias de enfrentamento, ou resistência. E nesse sentido, os banheiros em ambas empresas estiveram retratados como pontos de socialização dos homens e mulheres ali presentes, onde mostravam-se capazes de “subverter” o espaço de trabalho, ainda que por breves momentos:

“Olha, o único lugar que eles gastavam o tempo mesmo era no banheiro. [*riso*] Eles iam fumar um cigarro, — Ah! Eu vou fumar um cigarro — aqueles cigarros deles, às vezes levavam quarenta minutos... Por que é lá que, é lá que eles levavam o tempo deles, por que na sala não podia. Por que, como é que

<sup>227</sup> Entrevista com o Sr. Antonio Herrero Ramos; concedida ao autor em 30 de setembro de 2004.

<sup>228</sup> Entrevista com o Senhor Antonio Leite Borges; concedida ao autor em 04 de agosto de 2005.

você vai ficar parado dentro de um setor de trabalho, sendo que existe um encarregado, um contra-mestre, gerente; sempre circulando por ali?”<sup>229</sup>

Essa prática, conhecida por ambas as companhias, estava presente em todas as fábricas, e nesse sentido, alguns recursos eram implementados para coibir a longa permanência e as conversas nos banheiros. As portas, segundo as entrevistas, possuíam pequenas janelas que possibilitavam o controle por parte dos supervisores, evitando a longa permanência nos banheiros.

Portanto, se era através da marcação do relógio que a fábrica funcionava, era nos banheiros que o operariado continuava a subverter a disciplina do “tempo de trabalho”. Tais práticas, inclusive, não se estendiam apenas aos homens. As mulheres, lembra a ex-tecelã Silvia, também usavam da mesma estratégia:

“(...) iam pros banheiros, aí meu deus! iam pros banheiros... aí, aí, ali **pegava fogo**, né? Aí que contavam aquela miséria [*risos*] que eles faziam, né? (...) as mulheres que arrumavam uns namorados lá, combinavam, saíam de tarde e iam pra motel! (...) Aí iam mesmo! (...) Quando ia ver no dia seguinte a outra fulana chegava lá no banheiro: — Ih! Ontem fui com fulano, fui pra aqui, fui pra ali — (...) Ali é que era o ponto, né? Se quisesse, contar as besteiradas todas ia pra lá! Umas iam fumar, né? (...) coisas do arco da velha [*risos*]!”<sup>230</sup>

Nesse sentido, o espaço marcado e pensado pela disciplina fabril, também era marcado e “interpretado” pelos seus personagens no cotidiano. Essas marcações se mostram através da própria identidade dos entrevistados que, enquanto um grupo social, tem no “lugar” de atuações e difusões de atividades e práticas, sejam elas culturais,

<sup>229</sup> Entrevista com o Sr. Valdeci Simões Dias; concedida em 22 de agosto de 2004.

<sup>230</sup> Entrevista com a Dona Silvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

políticas ou sociais, suas inscrições no mundo<sup>231</sup> e suas referências para a construção da memória.

Ademais, vale lembrar que essas marcações são produto de uma “regionalização”, como a apontada por Giddens, desenvolvida no tempo-espaço através da rotina das práticas sociais.<sup>232</sup> Esse processo, entretanto, não apaga a possibilidade de disputas internas, sejam elas simbólicas ou materiais, nos grupos que ali se encontram.

Desde aquele trabalhador que luta por uma casa na vila operária; ou aquele que deseja mudar de função na linha de produção; até o experiente operário que aspira ao cargo de contra-mestre ou mestre de sua seção, todos promovem uma disputa acirrada no dia-a-dia de trabalho pelo espaço, seja físico ou social. Essas disputas, ademais, podem ocorrer de outras maneiras como o caso ocorrido nas unidades da América Fabril, onde a contenda pela “localização, ocupação ou classe”<sup>233</sup> passou a adquirir uma nota de destaque do final da década de 60 em diante.

Suas unidades, espalhadas pelo cenário urbano carioca, constituíam uma “rede” sólida e bem ramificada, entretanto, com sua estrutura industrial bem mais “pesada” que a Nova América. Seus operários, em muitos casos limitavam-se apenas ao espaço periférico das fábricas — sendo para muitos, o pouco que conheciam da cidade —, embora tivessem clara a existência de outras fábricas da mesma companhia, e de outros operários unidos pela mesma instituição.

---

<sup>231</sup> CHARLESWORTH, Simon J. **A phenomenology of working class experience**. United Kingdom, Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 86-87.

<sup>232</sup> GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Tradução Álvaro Cabral. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 140.

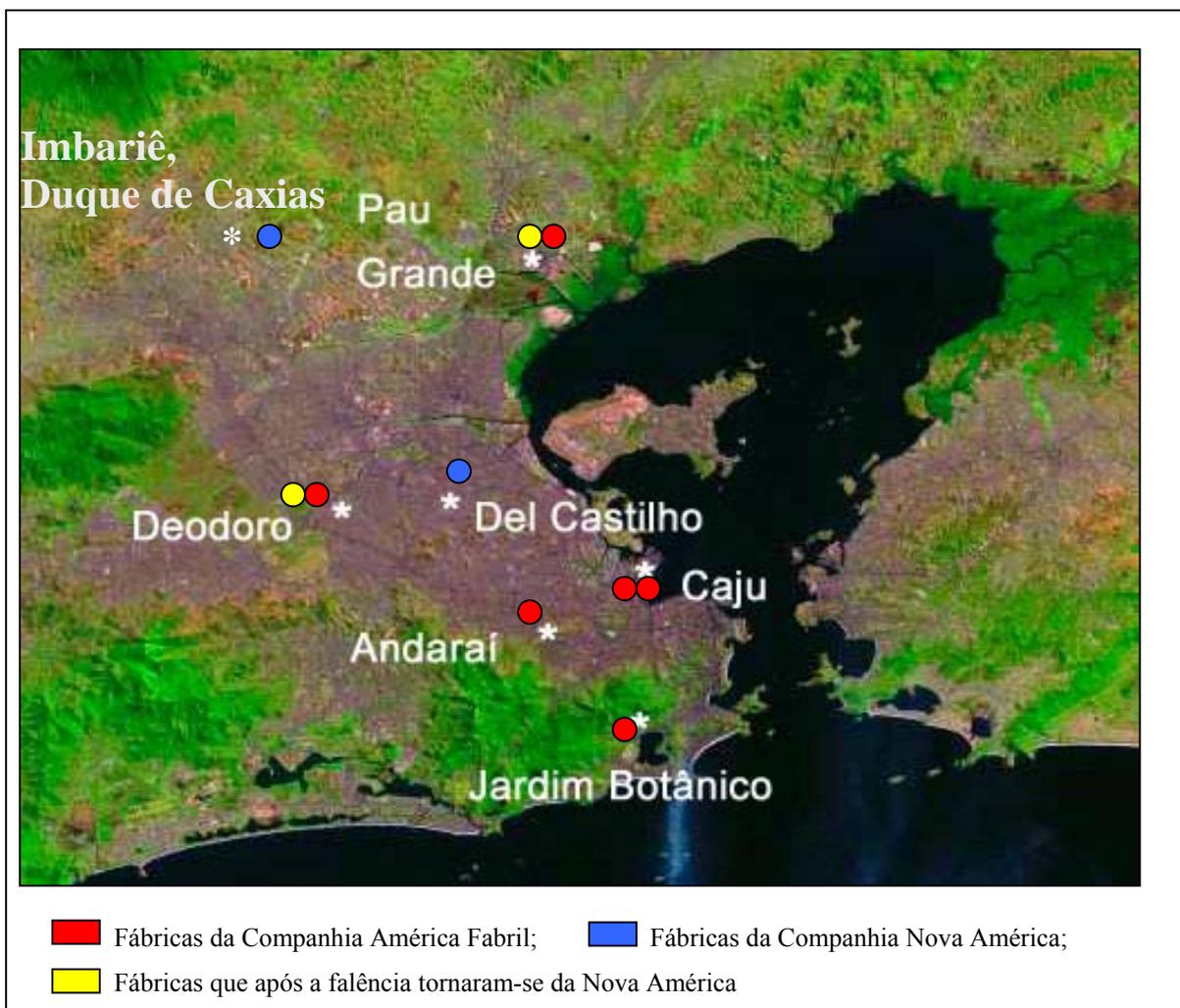


Figura 21: Mapa do Rio de Janeiro com a localização aproximada das fábricas da América Fabril e da Nova América.

Com o fechamento das primeiras unidades da América Fabril em 1962 e 1968 — respectivamente, a Carioca no Jardim Botânico e a Cruzeiro no Andaraí —, houve nas demais unidades da companhia um “inchamento” de seu operariado. Algumas das fábricas como as do Caju e de Deodoro passaram a funcionar durante a noite e madrugada para, assim, aproveitar seu excedente de mão-de-obra que, àquele momento, já sofrera cortes expressivos.

<sup>233</sup> BOURDIEU, Pierre. **Op. Cit.** p. 163.

Tal cenário não se dispôs de forma isolada; em ata da diretoria da Nova América, à mesma época, o ponto central de discussão se tornou o “caráter epidêmico”<sup>234</sup> gerado pelas dificuldades financeiras vividas no campo da indústria têxtil nacional.

Por tais maneiras, os operários precisavam se adaptar às mudanças que haviam chegado de forma contundente. Após trabalhar por mais de 20 anos na fábrica Cruzeiro, dona Noemia — como já apontamos — foi transferida para a fábrica Mavilis no Caju; e seu estranhamento com o espaço de trabalho e com o maquinário mais antigo, entretanto, não se refletia da mesma maneira na fala do operário da Mavilis.

Dona Silvia, operária das unidades do Caju, aponta para aquele momento, como um marco responsável pelas mudanças futuras na fábrica: “(...) Quando começou a vir esse pessoal de fora, aí começou, sabe?”<sup>235</sup> Naquele momento a luta pelo espaço, ainda que protagonizada entre os próprios funcionários da companhia, já classificava uma disputa pelos primeiros ocupantes daquele local e os “outsiders”<sup>236</sup>, companheiros de classe, que começavam a dividir o tempo de trabalho e suas máquinas.

“(...) começou a fechar lá no Andaraí, a fábrica do Andaraí, aí vinham pra cá. Vieram pra cá, aí começou a trabalhar dia e noite; aí já não era por causa de guerra não... (...) eles vieram, sabe, não eram, eles vieram, não eram muito legais com a gente não, sabe?... Por que os teares, a gente tem que deixar eles arrumadinho, preparadinho, né? pra outro chegar e, e... geralmente, sempre quando a gente chegava um tinha rombo, sabe? (...) eles não estavam acostumados com o nosso trabalho... com, com os teares daí né? Que eles vinham de lá, né? (...) parece que eles vinham revoltado; aí... a gente é que pagava o pato, sabe?”<sup>237</sup>

<sup>234</sup> Atas de reunião de Diretoria em 27 de abril de 1965. Acervo particular Nova América.

<sup>235</sup> Entrevista com a Dona Silvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>236</sup> ELIAS, Nobert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

<sup>237</sup> Entrevista com a Dona Silvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

Casos parecidos não foram incomuns no âmbito industrial como um todo durante as 4 últimas décadas do século XX. Na companhia Nova América, proporções maiores atingiram toda a fábrica ao passo que, após sua falência por volta de 1983, esta companhia era, então, comprada pelos mesmos donos da — já falida àquela época — América Fabril.

“(…) quando o pessoal da Cataguazes-Leopoldina, América Fabril, tomou conta disso aqui... nós ficamos na posição: nós éramos os falidos, né? eles eram os compradores da empresa, né? (...) **Há** uma **velha** rivalidade, né? Entre Nova América e América Fabril, não é? **Há mesmo**. Havia. (...) nós dizíamos que eles não sabem fazer pano, eles fazem **trapo!** Quem sabe fazer pano somos nós [*risos*] (...) Havia uma picuinha”.<sup>238</sup>

Desde o primeiro fechar de portões, com a Carioca (América Fabril), até o último, com as fábricas de Del Castilho e Fonte Limpa (Nova América), o processo de encolhimento vivido pela indústria têxtil no Rio de Janeiro se disseminou a “passos largos”. Ainda assim, com a compra de parte da massa falida das duas companhias pelo mesmo grupo (Cataguazes-Leopoldina); muitos operários oriundos da antiga América Fabril passavam, então, a trabalhar na Nova América.

O fato é que nesse momento as duas companhias passavam — ao menos na forma legal — a ser apenas uma. E, a “picuinha” de que o sr. Agenor lembra em seu discurso, não parecia ser algo de repercussões inócuas, tanto que, buscando uma maior identificação no mercado, o nome Nova América acabou sendo mantido para denominar as fábricas que comporiam o grupo Cataguazes-Lepoldina no Rio de Janeiro.

Tais processos propiciaram o contato dessas massas operárias no estado do Rio de Janeiro ao passo que os seus locais de trabalho foram sendo modificados, acabados ou reescritos no cenário contemporâneo. Essas modificações — ou, ao menos parte delas —

---

<sup>238</sup> Entrevista com o Sr. Agenor Figueira Rodrigues; concedida ao autor em 26 de outubro de 2004.

serão apontadas na próxima seção cuja discussão se pauta, então, no apagamento e na fabricação de ruínas que a necessidade de reinvenção do espaço gerou nos anos seguintes.

III – (b) Fabricando ruínas: as fragmentações, dissoluções e reinvenções do espaço:

Os momentos de falência e de encerramento das atividades fabris têxteis na zona urbana do Rio de Janeiro denotam veementemente as mudanças ocorridas nos espaços do trabalho urbano após os anos 60, de forma que novas significações e sentidos vieram sendo atribuídos, pelas relações contemporâneas e suas mudanças de estruturas. E é nesse discurso que desenvolveremos esta seção.

De fato, as mudanças ocorridas no espaço das cidades, de uma forma geral, têm modificado diversas estruturas sociais, econômicas e políticas que ali se inseriam. O antigo cenário, da forma que muitos de seus velhos habitantes o conheciam, apagou-se ou se transformou em um novo conjunto de símbolos e funções, tornando possível e mais contundente um “desenraizamento”<sup>239</sup> não só no plano econômico e social, como no aspecto físico daqueles atores que ali se identificavam.

Houve, portanto, um forte processo de “desindustrialização” dos grandes centros urbanos desde meados dos anos 60, e 70 — como é o caso da cidade do Rio de Janeiro —, onde muitas das antigas fábricas que constituíam, assim, um “problema territorial”<sup>240</sup> foram sendo “empurradas” para fora do cenário urbano da capital.

Essa mesma mobilidade tornou-se parte da estrutura que, em nossa sociedade contemporânea, “sintomatiza” o cenário onde lembranças e “enraizamentos” foram

---

<sup>239</sup> WEIL, Simone. **Op. Cit.**

<sup>240</sup> POZO, Paz Benito del. “*Patrimonio industrial y cultura del territorio*” In: *Boletín del A.G.E. (Asociación de Geógrafos Españoles)* Nº 34, 2002. p. 215. Edição eletrônica: <<http://www.ieg.csic.es/age/boletin.htm#34>>

elaborados entre os espaços e seus grupos<sup>241</sup> no cotidiano do trabalho, através de ações de abandono, de limpeza, e de transformações de seus espaços. Esses “enraizamentos” , entretanto, sinalizavam uma idéia de necessidade do homem; pois o *locus* de participação agiria na própria formação dos grupos que, por essa forma, eram assegurados.

“(…) Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente”.<sup>242</sup>

Ou seja, como dependente de uma esfera social característica, o homem encontra no espaço social seu meio de imprimir suas ações, dessa forma validando a si mesmo. Tais condições trazem, na visão de Hannah Arendt, que:

“Todas as atividades humanas são condicionadas pelo fato de que os homens vivem juntos; mas a ação é a única que não pode sequer ser imaginada fora da sociedade dos homens. (...) Um homem que trabalhasse e fabricasse e construísse num mundo habitado somente por ele mesmo não deixaria de ser um fabricante, mas não seria um *homo faber*: teria perdido sua qualidade especificamente humana (...)”.<sup>243</sup>

Neste particular, o homem que não produz no grupo, ou para o grupo, aproxima-se de uma desconexão de suas funções e propósitos característicos. E para tal, é preciso o espaço. O homem não está de todo “vivo” sem o espaço social e sem o “lugar” que concede às suas ações a “regionalização” daquele grupo, daquela sociedade.

---

<sup>241</sup> BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 10ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 443.

<sup>242</sup> WEIL, Simone. **A Condição operária e outros estudos sobre a opressão**. 2ª edição revista. Organizadora: Ecléa Bosi. Trad. Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro – RJ: Editora Paz e Terra, 1996. p. 411.

<sup>243</sup> ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 31.

E, nesse sentido, é que consideramos, além da influência da velhice para o desaparecimento social do homem<sup>244</sup>, a mudança do espaço no processo de “desmapeamento”<sup>245</sup> de seus grupos.

Vejam os exemplos do caso da fábrica Carioca, onde sua desativação foi seguida rapidamente pela corrida do mercado imobiliário. Após poucos anos do fechamento da fábrica, todo seu terreno já havia sido demolido — quase que completamente apagado — daquele cenário, dando lugar às casas luxuosas, prédios, condomínios e até a sede da rede Globo de televisão.<sup>246</sup>

Atualmente, apenas algumas casas de suas vilas operárias se mantêm como os últimos “restos” daquelas “aldeias urbanas”<sup>247</sup> tão características do local. De forma que a presença daquelas indústrias imprimiam na sua população, e no espaço que o tangenciava, as experiências que no cotidiano e no trabalho, formavam sua dinâmica.

Assim como a Carioca, as fábricas Mavilis e Bonfim seguiram a mesma lógica de um desaparecimento programado. Estas fábricas vizinhas da zona portuária do bairro do Caju, às margens da Baía de Guanabara, foram completamente demolidas até o chão; ao passo que seus terrenos passaram a ser utilizados para depósito de *containers*.

---

<sup>244</sup> Idem. p. 61.

<sup>245</sup> ABREU, Regina. CHAGAS, Mario. (orgs.) **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro – RJ: DP&A Editora, 2003. p. 13.

<sup>246</sup> Weid. WEID, Elisabeth von der. BASTOS, Ana Maria Rogrigues. **O Fio da Meada – Estratégia de expansão de uma indústria têxtil. Rio de Janeiro**. Editora: Fundação Casa de Rui Barbosa, Confederação Nacional da Indústria, 1986. p. 267.

<sup>247</sup> BURKE, Peter. **Teoria e História Social**. São Paulo; editora UNESP, 2002. p. 84.



Figura 22: Vista da praia do Caju, fábrica Bonfim ao centro e fábrica Mavilis ao fundo, S/D.<sup>248</sup>

Desde então, os moradores de uma das antigas vilas operárias que havia ali passaram a conviver com o barulho dos guindastes e a paisagem de blocos de aço coloridos que cercam sua vila. Não há quaisquer outros restos das fábricas de tecidos que não sejam os antigos muros das fábricas e eles mesmos, além de suas casas e a memória de um lugar apagado.

“(...) foi mudando tudo, né? Num instante, em 69 [1969], a fábrica fechou; aí ficou um terreno vago aí; **tantos anos!** Era, ficou tudo jogado... [O entrevistador pergunta: — A fábrica foi demolida logo?] Não! Levou mais, mais de 15 anos! Mais de 15 anos; tudo parado aí, depois é que botaram tudo abaixo, aí, aí que botaram esses *containers* aí”.<sup>249</sup>

<sup>248</sup> AGCRJ. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Iconografia. Coleção Companhia América Fabril. Série patrimônio.



Figura 23: Terreno da antiga fábrica Mavilis. 2005.<sup>250</sup>

Este cenário também está presente no bairro de Deodoro. Onde uma das fábricas da América Fabril — de mesmo nome que o bairro — só é reconhecida pela chaminé e pela fachada ainda de pé que juntamente com o imponente relógio se mantém em silêncio frente à favelização crescente daquela região.

---

<sup>249</sup> Entrevista com Dona Sílvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>250</sup> Foto de: Ricardo M. Pimenta. Terreno da Mavilis (América Fabril) no Bairro do Caju, Rio de Janeiro. Tirada em janeiro de 2005.



Figura 24: Torre do relógio da fábrica Deodoro vista pela única janela que não foi completamente tampada.<sup>251</sup>

Bem como as unidades já apontadas aqui, o “apagamento” da fábrica Cruzeiro — no bairro do Andaraí — do cenário urbano compôs o mesmo quadro sintomático de desindustrialização. Entretanto, alguns fatores conferiram ao caso da fábrica Cruzeiro, características singulares.

---

<sup>251</sup> Foto de: Ricardo M. Pimenta. Terreno da Deodoro (América Fabril) no Bairro de Deodoro, Rio de Janeiro. Tirada em Junho de 2005. O acesso ao terreno da fábrica de Deodoro não foi possível devido a não permissão do Banco Real, proprietário do local atualmente. Toda a entrada ao terreno é proibida, assim como a visualização do seu interior. No local são realizados leilões de automóveis confiscados.

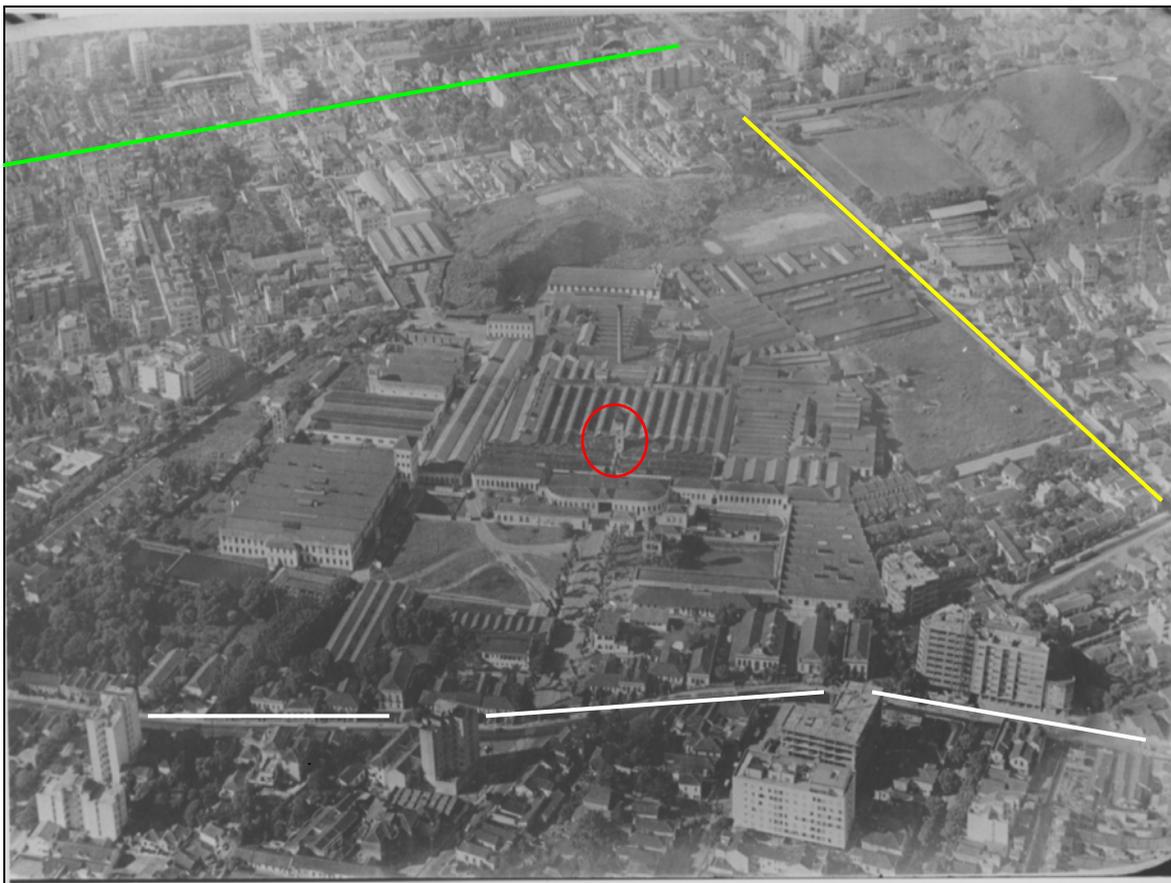


Figura 25: Vista aérea da fábrica Cruzeiro, década de 60, no Andaraí.<sup>252</sup>

Ocupando uma extensa área entre os atuais bairros do Andaraí, Grajaú e Vila Isabel, a fábrica Cruzeiro assim como todo seu espaço periférico, esteve no “olho do furacão” de mudanças desses cenários urbanos onde a fábrica constituía-se como um ponto “nevrálgico” da antiga sociedade industrial. Seu terreno fazia frente com o antigo campo de futebol do América Futebol Clube — onde hoje é o *shopping center* Iguatemi, de Vila Isabel —, e seguia tangenciando as ruas Maxwell e Barão de Mesquita — no bairro do Andaraí — chegando até o Largo *Verdun*, no Grajaú.

Ao “fechar das cortinas” da atuação da fábrica Cruzeiro, muito de seu terreno não foi só “apagado” como também fragmentado entre órgãos governamentais que instauraram uma nova ordem e função naqueles locais. Grande parte de sua área ocupou-se pelo Banco

<sup>252</sup> Destacado em vermelho na foto, está um dos poucos resquícios da fábrica que permanecem em seu local: a torre do relógio. Em amarelo: rua Barão de São Francisco. Em branco: rua Barão de Mesquita. Em verde:

do Brasil, pela Caixa Econômica Federal e pelo condomínio de prédios — construídos à época por financiamento do BNH — chamado pelos moradores do bairro de “tijolinho”.



Figura 26: Vista da torre do relógio da fábrica Cruzeiro e condomínio Tijolinho no Andaraí.<sup>253</sup>

O condomínio tem na própria estética de seus prédios a imagem dos tijolos vermelhos que compunham a antiga fábrica. Uma imagem que, mesmo dotada de parcialidade,<sup>254</sup> ainda opera, utilizando-se de símbolos, de forma a aproximar-se do que era desaparecido.<sup>255</sup>

Entre os poucos resquícios da fábrica Cruzeiro, ainda podemos destacar algumas vilas operárias antigas, e outras pequenas edificações remanescentes. Mas são os símbolos

---

rua Teodoro da Silva. AGCRJ. Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Iconografia. Coleção Companhia América Fabril. Série patrimônio.

<sup>253</sup> Foto de: Ricardo M. Pimenta. Condomínio Tijolinho e torre da praça interna, no bairro do Andaraí. Rio de Janeiro – RJ. Tirada em janeiro de 2004.

<sup>254</sup> POMIAN, Krzysztof. “Memória”. In: GIL, Fernando. *Sistemática*. (Enciclopédia Einaudi, v.42) Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: 2000. p. 512.

<sup>255</sup> JEUDY, Henri-Pierre. *Memórias do Social*. Trad.: Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro – RJ: Ed. Forense Universitária, 1990. p. 76.

do local, a chaminé e a torre — onde está a data da fundação da fábrica — que ainda marcam a lembrança de seus moradores e do observador desavisado.

“(...) Não tem a chaminé? Dali pra trás é que começava a fábrica; a não ser do lado direito e do lado esquerdo que tinha panos de bordados (...) a tecelagem começava daquela chaminé pra trás. [*Fala do entrevistador: — Tem uma chaminé lá no tijolinho (...) Eu sei que no meio do condomínio do tijolinho tem uma torre que não é uma chaminé; (...) parece que tinha um sino, ou um relógio, ou coisa assim...*] (...) Pois é ali, tem um relógio! Dali é que começava a parte da tecelagem! Dali pra trás. Dali aqui, lá era só a entrada da companhia!”

256

A chaminé, algumas casas de vilas operárias, e outras construções e símbolos que restaram constituem, portanto, algumas das “pedras da cidade”<sup>257</sup> que não foram, ou não poderiam, ser tiradas do lugar. Vestígios, ou restos, que permanecem hoje como imagens do sentimento de continuidade, então residual.<sup>258</sup> Representações de um mundo contemporâneo “ornamentado” por novos espaços como academias, locadoras, carros importados, condomínios e lojas, ainda dividem o presente com as evidências de um passado que resiste enquanto há quem o lembre.

Seja pela urbanização modernizadora e pelo arquiteto/sociedade “maestro” dos processos de “roseamentos”<sup>259</sup> da memória, seja pela opinião comum de grupos locais; a permanência desses vestígios continua, ainda, a suscitar questionamentos sobre seu processo mantenedor e sobre a dialética da destruição criadora em que a sociedade contemporânea é atrelada.

---

<sup>256</sup> Entrevista com a senhora Noemia de Souza Leandro, aposentada pela fábrica Cruzeiro da Companhia América Fabril; concedida ao autor em 20 de maio de 2005.

<sup>257</sup> BOSI, Eclea. **Op. Cit.** pp. 443-452.

<sup>258</sup> Cf. NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. São Paulo, **Projeto História** - Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História. v. 10, 1993.

<sup>259</sup> JEUDY, Henri-Pierre. **Op. Cit.**

Este é o caso da Nova América uma vez que, após seu fechamento, em 1995 era inaugurado em suas antigas dependências o *shopping* de mesmo nome. A “casca” de tijolos vermelhos abrigaria um novo espaço social e de trabalho onde o chão de fábrica dá lugar a um conjunto de lojas, células destinadas à satisfação individual pelo consumo e estética, tornando o lugar de produção submisso ao produto, no espetáculo do consumo<sup>260</sup>, além de prover as re-inscrições dos espaços como reflexo das mudanças societárias e de seus cenários.<sup>261</sup>

No *shopping center*, o luxo, entretenimento e a beleza de suas dependências têm como germe as “passagens” parisienses da 2ª metade do século XIX. Utilizando um fragmento de um guia ilustrado da época, Walter Benjamin mostra algumas de suas características:

“Estas passagens, uma recente invenção da luxúria industrial, de teto de vidro, e corredores acabados em mármore, compõem blocos inteiros de edifícios cujos proprietários se juntaram no mesmo propósito empresarial. Em ambos os lados dos corredores que recebem sua luz vinda do alto, estão as mais elegantes lojas, que fazem dessas passagens uma pequena cidade, um mundo em miniatura (...).”<sup>262</sup>

---

<sup>260</sup> DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. (§ 42) 1967. Edição eletrônica retirada de: <[http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.ugac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html)>

<sup>261</sup> SANTANA, Marco Aurélio. “Trabalho, Identidade e Política no Plural: a síntese possível para além dos fragmentos”. In: **Revista Proposta**. Nº76, Março/Maio de 1998. pp. 54-56.

<sup>262</sup> Tradução por Ricardo Medeiros Pimenta, de: “*Ces passages, récente invention du luxe industriel, sont des couloirs au plafond vitré, aux entablements de marbre, qui courent à travers des blocs entiers d’immeubles dont les propriétaires se sont solidarisés pour ce genre de spéculation. Des deux côtés du passage, qui reçoit sa lumière d’en haut, s’alignent les magasins les plus élégants, de sorte qu’un tel passage est une ville, un monde en miniature (...)*”. Edição eletrônica do original de BENJAMIN, Walter. *Das Passagen-Werk (le livre des Passages)*, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1982, pages 60-77.



Figura 27: Vista do *shopping* Nova América, 2005.<sup>263</sup>

As mudanças ocorridas pela instituição do *shopping*, ainda assim, não afastaram a “fantasmagoria” presente entre o espaço físico da fábrica e os antigos operários. Embora o local possa reescrever-se por temporalidades e formas sociais distintas, marcando assim sua capacidade de mutabilidade,<sup>264</sup> ele apenas espera perenemente — entre o chão, agora de mármore e a vitrine com o tênis importado — pelo olhar do velho operário.

“(...) eu olho lá dentro, conheço a geografia toda da fábrica, né? Conheci, então eu vejo uma loja lá toda bonita e tal, aquela coisa, eu *sei* o que que era ali. Naquele local onde ta aquela loja com aquelas moças bonitas lá vendendo aquela coisa toda, aquele, aquela praça de alimentação, tudo, eu sei tudo né, ali. Então a primeira vez que eu fui lá eu chorei, de emoção por que eu tava entrando e dizendo pra minha

<sup>263</sup> Foto de: Ricardo M. Pimenta. Estacionamento do *Shopping* Nova América com chaminé ao fundo. Tirada em janeiro de 2005.

<sup>264</sup> BOURDIN, Alain. **A Questão Local**. Trad. Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. pp. 44-45.

mulher: — aquilo era isso, aquilo era aquilo, aquilo é (...)Eu não parava de falar... Ainda hoje as vezes eu me pego lembrando da geografia da fábrica. Eu digo assim, pô mas onde ta aquela loja o que que era antigamente? Aí eu fico tentando, por que eles mexeram muito nos edifícios, nos prédios; eles, eles fizeram ali obra fabulosa. Fizeram coisa muito bonita. A obra que eles fizeram é, é maravilhosa; eles fizeram muita transformação lá dentro. Então as vezes eu passo num pedaço e eu digo: — O que que era aqui? E eu fico me lembrando, o que que era aqui... Eu aí fico unindo outros, outros setores então eu já sei o que que era ali. É incrível até hoje (...).<sup>265</sup>

Diferentemente do processo realizado no centro urbano do Rio de Janeiro, as fábricas que se localizavam nas zonas rurais — como as regiões de Magé e Cachoeira Grande, por exemplo — foram mais atingidas pelo abandono. Em grande parte devido à menor velocidade com que o próprio cenário rural impôs a si e a seus atores no tocante à urbanização e suas mudanças constantes, desempenhando um processo degenerativo daqueles espaços industriais cujos restos ainda permanecem “ao sabor do tempo”.<sup>266</sup>

Na pesquisa de campo — após contato com as ruínas da fábrica em Cachoeira Grande,<sup>267</sup> decompostas pela vegetação e ferrugem — tornava-se claro o quanto essas ruínas forjaram a história, identidade e a própria orientação do espaço<sup>268</sup> daquela população local.

---

<sup>265</sup> Entrevista com o Sr. Salvador Ogianno, aposentado pela da Companhia Nova América; concedida ao autor em 11 de agosto de 2004.

<sup>266</sup> JEUDY, Henri-Pierre. **Op. Cit.** p. 126.

<sup>267</sup> No município de Magé, Cachoeira Grande era uma unidade pequena de alvejamento, da companhia América Fabril, responsável pelo tratamento dos tecidos trabalhados e confeccionados na unidade de Pau Grande.

<sup>268</sup> BOSI, Eclea. **O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003. pp. 73-75.



Figura 28: Espaço interno da unidade de alvejamento de Cachoeira Grande, 2004.<sup>269</sup>

Chaminés, altas e extensas paredes. Reservatórios, barragens e açudes; ferro e aço. Estes elementos compunham parte do que era a fábrica. E, apesar das depredações e da vegetação que junto ao tempo tornaram-se implacáveis, a imagem da “fábrica-ruína” de tecidos ainda resiste como “estampa” na lembrança dos seus operários e de suas histórias de vida.

Foi dessa forma que, entre discretos risos e silêncios resignados, Julio — um antigo operário do alvejamento e de serviços gerais da unidade da América Fabril em Cachoeira Grande — trouxe lembranças em sua entrevista que, ao expressar-se, tiravam-lhe o semblante tranqüilo. Descrições da construção do açude responsável pelo abastecimento da fábrica traziam não só parte de sua história, como também parte do esforço de um operário, como tantos outros companheiros seus que ali estiveram:

<sup>269</sup> Foto de: Ricardo M. Pimenta. A presença de vegetação e a ausência do teto mostram o atual estado de ruína que a unidade de Cachoeira Grande se encontra. O revestimento de telhas já não existe. Todo metal que estava ao alcance foi tirado; a vegetação recree o espaço de tijolos. Agosto de 2004.

“Nós ia rapaz, você tinha que ver, subir com, todo dia, subir com troço na cacunda, na tudo, a gente desceu o mundo naquele morro hein?... Na época do encanamento rapaz... Aí, Subi numa laje, por que lá é um lajeiro; rapaz que esse cano **dessa grossura** pra subir aquilo naquele guincho, **puta que pariu**, nós chegava de tarde nós estava quase morto de cansado. E o raio do português em cima igual um... Não dava colher de chá a ninguém”.<sup>270</sup>

A cadência do tempo não tirou por completo de seu Júlio, ou dos vizinhos ex-operários, o “lugar de memória”<sup>271</sup> presente nas ruínas de Cachoeira Grande. Entretanto, o espaço de que falamos também possui suas características as quais conferem-lhe outros caminhos para a “ameaça” do esquecimento, como o abandono e a conseqüente fabricação de ruínas.



Figura 29: Vista do açude. Reservatório alto, localizado acima da cachoeira Vêu da Noiva, 2004.<sup>272</sup>

<sup>270</sup> Entrevista com o Sr. Júlio Muniz Cardoso; concedida em 22 de agosto de 2004.

<sup>271</sup> NORA, Pierre. **Op. Cit.**

<sup>272</sup> Foto de: Ricardo M. Pimenta. O reservatório alto é o último de três reservatórios que compõem o sistema de açudes construídos pela companhia América Fabril nos anos 40 em Cachoeira Grande localizados durante

Neste processo, os antigos espaços fabris protagonizam, portanto, uma “crise” — inflamada pela memória e identidade — entre o passado e um futuro que traz consigo o esquecimento e a dissolução do espaço.

Essa dissolução vivida pelas fábricas e por suas adjacências através de instrumentos e dinâmicas variadas não representa *stricto sensu* o fim de todas experiências passadas, ou dos valores que ali estavam arraigados. A memória está justamente no “jogo” entre essa ameaça de desaparecimento iminente, e a permanência de seus traços. A “ameaça” do esquecimento, que ocorre de fato, está no processo de “mudança” ocorrido nos espaços físicos e sociais; onde seus agentes tentam “gerir” suas representações, símbolos e patrimônios.

Patrimônios estes que se apresentam em meio à velocidade contemporânea como em tempos de “angústia”<sup>273</sup> de nossa sociedade e, dessa forma, compõem um novo “sufixo” nas classificações de patrimônio no Brasil.

### III – (c) Por um patrimônio industrial:

Falar do patrimônio industrial, portanto, é tratar de uma mudança profunda nas estruturas<sup>274</sup> as quais incluem-se estes espaços instituídos pelo trabalho e para o trabalho. E, nesse ínterim, da necessidade de interpretá-los enquanto um *locus* representativo das relações sociais ali instituídas; as quais singularizam um determinado grupo onde a técnica, o trabalho, a resistência e conquistas compuseram, e historicizam, um dos alicerces da sociedade contemporânea, a industrialização.

---

uma subida de duas horas de caminhada pela mata. Ainda há em seu muro um marco com as inscrições “C.A.F. 1949”.

<sup>273</sup> LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5ª edição Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 469.

Tal categoria de patrimônio pode ser constituída não apenas pela oralidade, tradições e memórias mas também pelas máquinas, objetos e locais referentes ao todo do conjunto arquitetônico fabril, caracterizando assim, todo o espaço da fábrica e seus apêndices como vilas operárias, açudes, muros, chaminés, galpões, tetos e estruturas. Dessa forma, são estes objetos, representações e imagens que marcam um conjunto de traços simbólicos, materiais e imateriais onde atividades produtivas realizadas pelo homem apontam um cenário singular das relações sociais ali constituídas; tendo a prática do trabalho como sua linha mestra.

As companhias e suas respectivas fábricas, aqui estudadas, não poderiam deixar de ser entendidas como um lugar comum àquela classe operária e, assim, como um “território do homem”<sup>275</sup> que, juntamente com a idéia de patrimônio industrial, vem sendo comumente usado de maneira fértil como cenário da criação dos “ecomuseus”.

Estes têm na interação da população com o espaço da antiga fábrica, ou seja, nas “relações locais”<sup>276</sup> que ali se desenvolveram, uma “ruptura da musealização clássica” associada à “fragmentação da noção de patrimônio”<sup>277</sup> e a uma relativização do espaço; compostas pelos antigos lugares de atividades e trabalho juntamente com a população local e o trabalho de pesquisa multidisciplinar.

No ritmo do progresso aliado à “limpeza” e ao “roseamento”<sup>278</sup> da memória — como o caso dos “*shoppings-fábricas*”, cada vez mais comuns nas cidades —, ou ao abandono dos prédios industriais à própria natureza; o fato é que nestes locais, alguns desses grandes complexos fabris — característicos pelas relações sociais, modos de vida, signos e práticas — foram quase em sua totalidade apagados.

---

<sup>274</sup> BOURDIEU, Pierre. **Op. Cit.** p. 163.

<sup>275</sup> MENDONÇA, Eiana Rezende Furtado de. “Ecomuseu: a guarda da memória coletiva” In: **Anais do 1º Encontro Internacional de Ecomuseus**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 58.

<sup>276</sup> EVRARD, Marcel. “*Le Creusot — Montceau-les-Mines: La vie d’un écomusée, bilan d’une décennie*”. In: **MUSEUM**. Paris : Unesco, v. 32, nº 4, 1980. p. 228.

<sup>277</sup> JEUDY, Henri-Pierre. **Op. Cit.** pp. 35-36

Ou seja, enquanto alguns desses centros industriais, de quase 100 anos, têm sido extirpados, de um cenário urbano principalmente, outros vêm sendo transformados em ruínas; ou ainda, “re-estabelecidos” no espaço social com uma nova leitura e propósito.

Ainda assim, em todos estes casos há uma ação de resgate e preservação de um conjunto simbólico ou de outro. Estes exprimem, portanto, relações e representações sociais instituídas em determinados tempo-espacos por determinados personagens. Um pouco mais ou um pouco menos, todos engendram “sítios” muito singulares de uma “arqueologia industrial”<sup>279</sup> no palco da contemporaneidade que infligem as mudanças de seus símbolos, significados e ações.

Ao falar dessa “arqueologia industrial”, procuramos ratificar a importância do patrimônio nesta categoria. Se esse exercício arqueológico soou um tanto desconexo de seu propósito primário, já que sua prática se volta para os resquícios do cenário industrial característico dos séculos XIX e XX; aqui nos parece muito apropriado. Pois, foi pela constante inovação tecnológica e mudanças do cenário político e econômico que a interação com estes “restos” adquiriu toda uma preocupação singular referente ao patrimônio brasileiro.

Um “lugar de memória” aqui visto como bairros e ruas reconstruídas; condomínios renomeados; ruínas em meio à vegetação; shoppings e lojas; que possuem em comum a presença dos grupos — do homem que significa esses objetos — dando à memória a resistência que lhe é precisa.

Dessa forma, o patrimônio industrial, enquanto uma nova categoria vem se localizando nessa mesma dinâmica onde simboliza e representa os grupos e as “histórias de vida” de muitos de seus membros, ao mesmo passo que os forma e baliza suas identidades através de uma memória local e do espaço coletivo.

---

<sup>278</sup> Idem. p. 3.

<sup>279</sup> Idem.

Estudos sobre as condições do patrimônio industrial no Brasil vem sendo alvo de pesquisas como o caso do “I Encontro em Patrimônio Industrial”<sup>280</sup>, realizado pelo recente Comitê Brasileiro de Preservação do Patrimônio Industrial do departamento de História da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e que, assim, vem discutindo o “mapa social”<sup>281</sup> contemporâneo e suas ações sintomáticas às novas concepções políticas e econômicas das quais o cenário cultural confere novos papéis a alguns de seus antigos símbolos.<sup>282</sup>

Essas questões, referentes ao patrimônio industrial vêm sendo tratadas também, no cenário internacional, por diversos organismos como: Instituto Português do Patrimônio Arquitectónico<sup>283</sup>; *European Federation of Associations of Industrial and Technical Heritage*<sup>284</sup>; *The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage* (TICCHI).<sup>285</sup>

Tendo em vista essas considerações, trataremos de abordar no capítulo seguinte como que essas identidades são confrontadas com a mudança dos espaços e relações já instauradas.

---

<sup>280</sup> I Encontro em Patrimônio Industrial. Realizado nos dias 17 a 20 de novembro de 2004, Unicamp – SP. Web-site do evento: <http://patrimonioindustrial.vilabol.uol.com.br/>

<sup>281</sup> BERGER, Peter. **Perspectiva Sociológica**. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 1972.

<sup>282</sup> JEUDY, Henri-Pierre. **Op. Cit.** p. 10.

<sup>283</sup> Web-site: <http://www.ippar.pt/>

<sup>284</sup> Web-site: <http://www.e-faith.org/>

<sup>285</sup> Web-site: <http://www.mnactec.com/ticcih/>

## CAPÍTULO IV

### ACORDANDO EM UM NOVO CENÁRIO: O ESTRANHAMENTO COM O PRESENTE.

*“(...) com a velhice, dirão, a memória declina! É o que acontece, com efeito, se não a cultivarmos ou se carecermos de vivacidade de espírito. (...) Os frutos da velhice, tenho dito e repetido, são todas as lembranças do que anteriormente se adquiriu”.*

Cícero\*

Tendo construído até aqui essa pesquisa com base nos depoimentos e lembranças, silêncios e valores dos antigos trabalhadores das fábricas de tecido, nos foi possível não apenas delinear alguns apontamentos sobre a influência que o espaço causou e ainda causa nos grupos e em seu conjunto de ações. Como também, identificar nas trajetórias de vida desses trabalhadores, falas repletas de marcas que outrora se formaram no dia-a-dia do trabalho fabril.

Essa intenção inicialmente se objetivou por “resgatar” da condição de “limbo” social, esses velhos personagens que ainda hoje são partes da própria memória do trabalho e “atores” de um cenário que compôs fortemente o objeto do discurso historicista referente à indústria e à classe operária brasileira do século XX.

Entretanto restou-nos debater sobre qual é o cenário do agora; em que condições sociais esses personagens do *labor* se encontram hoje. Ou seja, se trouxemos à tona suas lembranças e experiências, nos faltou localizar essas falas no espaço físico e social contemporâneo.

#### IV – (a) O trabalhador “velho” na cidade das chaminés:

Entendemos que é no “estranhamento” com o presente que essas memórias se sustentam. Queremos dizer que a consciência do tempo passado e a experiência de um presente articulador de rupturas sociais, econômicas e políticas, bem como culturais, trazem ao agente social — aqui representado pelo trabalhador, operário têxtil — os vestígios de uma crise, ou re-construção de seus próprios papéis junto à sociedade.

Em meio às nostalgias, diferenças, esquecimentos e lembranças, portanto, é que, tão somente, o trabalho da memória desses operários se deflagra. Ao mesmo passo, a “veloz” sociedade pós-moderna em que vivemos não deixou de conviver com elementos, cenários e atores pertencentes ao “velho” modelo capitalista industrial, tão difundido no início e ao longo do século XX.

Para as práticas do trabalho, compreender que as mudanças foram estruturais e atingiram dimensões não apenas horizontais como verticais é, entre outras questões, segundo Santana e Ramalho<sup>286</sup>, compreender que o trabalho não assumiu apenas novos formatos. Tais modificações atingiram profundamente o processo de organização dos trabalhadores bem como a relação capital/trabalho que atravessava as instituições, movimentos e cenários coletivos e públicos.<sup>287</sup>

O próprio sindicalismo, e suas conquistas vem sendo revisadas ao passo que a “realidade” do trabalho vem se tornando mais e mais multifacetada. Não obstante, se o trabalho muda, seus trabalhadores também. Mas para os que não conseguiram se reformular em tempo, o desemprego e exclusão do mercado tornam-se mais e mais fortes.

---

\* CÍCERO, Marco Túlio. (103-43 A.C.) **Saber envelhecer e A amizade**. Trad: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2002. pp. 21, 55.

<sup>286</sup> RAMALHO, José Ricardo. SANTANA, Marco Aurélio. (orgs.) **Além da Fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

<sup>287</sup> RAMALHO, José Ricardo. SANTANA, Marco Aurélio. “Trabalhadores, sindicatos e a nova questão social”. In: **Op Cit.** pp12-13..

Além disso, vale lembrar que esses atores são de fato idosos. Antigos personagens que têm, também, em sua participação na dinâmica produtiva de nossa sociedade contemporânea uma progressiva dissolução de sua identidade ao passar dos anos. Essa idéia, em síntese, converge para a fala de Bauman quando:

“(...) os atuais ‘problemas de identidade’ se originam, pelo contrário, do *abandono* daquele princípio ou do pouco empenho na sua aplicação e da ineficácia de seu fomento onde isso é tentado. Quando a identidade perde as âncoras *sociais* que a faziam parecer ‘natural’, predeterminada e inegociável, a ‘identificação’ se torna cada vez mais importante (...)”<sup>288</sup>

A imagem do idoso aqui representado pelos papéis do velho tecelão ou da antiga fiandeira — por exemplo —, tornou-se aos olhos da sociedade contemporânea uma imagem não mais pertencente àquele antigo espaço, outrora de produção; tão pouco as relações sociais que ali foram constituídas também parecem ter permanecido por completo.

Ao contrário, diminuem drasticamente uma vez que, devido às mudanças ocorridas no espaço e nas próprias condições do trabalho, são apenas por eles mesmos mantidas, ou lembrados. E dessa forma, entendemos que a condição de velhice daqueles atores sociais tornou ainda mais difícil sua adaptação e re-inserção aos novos desafios que o mundo lhes apresentou:

“Naturalmente, a diferença entre viver na nossa sociedade ou na sociedade que imediatamente a antecedeu não é tão radical quanto abandonar um papel e assumir outro”.<sup>289</sup>

---

<sup>288</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 2005. p. 30.

<sup>289</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. pp. 88-89.

São essas mudanças de papéis, entretanto, que vêm ocorrendo desde as últimas décadas do século XX tanto no espaço físico como social dos mundos do trabalho; e continuam a desenvolver-se, também, na própria re-estruturação dos papéis sociais destes que são ex-operários, pelos primeiros anos do nosso século XXI.

As demais alterações nas sociedades capitalistas, destacando as ocidentais neste caso, trouxeram com o advento da pós-modernidade a necessidade dessa mudança de papéis e, em contrapartida, uma “confusão” pela perspectiva dos antigos trabalhadores.<sup>290</sup> Essas mudanças, entretanto, não tiraram das práticas do trabalho sua inscrição na estrutura social<sup>291</sup> por completo, mas desestabilizaram outras estruturas sócio-políticas, como o caso dos sindicatos e sua desmobilização frente ao problema do desemprego<sup>292</sup> de massas de trabalhadores.

Estas mudanças, juntamente com o desenvolvimento contínuo do setor industrial, do capitalismo e da sociedade que os engendraram, gerou em relação àqueles atores sociais de outrora, uma condição progressiva de “desencaixe”<sup>293</sup> no tocante ao cenário do trabalho, e da produção que hoje já não está mais lá.

De fato, se “a sociedade industrial é maléfica para a velhice”<sup>294</sup> — como disse Bosi —, as últimas décadas do século XX representaram bem toda a maleficência experimentada por esses antigos trabalhadores que, na impossibilidade de continuarem a trabalhar devido à falência das fábricas ou à “nova lógica”<sup>295</sup> que lhes eram

<sup>290</sup> Cf. SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Trad. Marcos Santarrita. 9ª edição. Rio de Janeiro: 2005. p. 79.

<sup>291</sup> RAMALHO, José Ricardo. SANTANA, Marco Aurélio. **Sociologia do Trabalho no mundo contemporâneo**. Coleção Passo-a-passo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor 2004. p. 47.

<sup>292</sup> Idem. p.44.

<sup>293</sup> DOMINGUES, José Mauricio. **Do ocidente à modernidade: intelectuais e mudança social**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 116-118.

<sup>294</sup> BOSI. Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. 10ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 77.

<sup>295</sup> Cf. TOMIZAKI, Kimi. “Envelhecer na fábrica: a redefinição da identidade dos metalúrgicos do ABC nos anos 90”. In: **XXIX Encontro anual da ANPOCS** (GT: trabalho e sindicato na sociedade contemporânea), 2005.

implementadas, tiveram de lidar com o fim de seus trabalhos, e com a chegada da velhice aos seus corpos.

Entendemos que, para esse fato, o antigo operário parecia poder seguir por duas alternativas ao tornar-se idoso. Uma é a re-alocação na indústria, dando-lhe funções e até cargos diferentes; e a outra se trata da saída da fábrica, que em alguns casos é interpretada como uma rejeição ao velho operário. Ao lembrar-se de uma das vezes que foi visitar a fábrica da companhia Nova América após sua aposentadoria, ainda assim, Toninho — responsável pela mecânica e elétrica do maquinário — nos disse:

“(...) eu quando passo ali eu vejo (...) preocupado com aquela máquina, se hoje ela tá rodando... Os companheiros lá que trabalham nela, eles: — pô! Tudo me abraça com saudade: — Oh! Volta sempre aí! Poxa! [Toninho gesticula como se falasse com seus companheiros] — Como é que tá os motores aí? — Ah! Tá com muita saudade de você sabe? — Eu também tô com saudade, mas agora não tem mais jeito! Os anos avançaram, a gente [emoção], a velhice chegou, e o [emoção] desprezo, depois de velho, fica como... Sucata, material já, já... como é? Validade vencida, né? Validade vencida (...)”<sup>296</sup>

A idade se traduz, dentro de uma coletividade balizada pela produção e pelo trabalho de veia capitalista, como uma “marca social” a qual esses antigos operários carregam, e assim, anunciam sua “incapacidade” de produzir no mundo atual.

Nesse sentido, é ao chegar da velhice que ocorre a “degradação da pessoa que trabalha”.<sup>297</sup> Pessoa essa que passou a vida tendo o seu trabalho como a ação que o identificava enquanto indivíduo, e enquanto parte de um grupo social. Independente do seu espaço de trabalho, da companhia a qual servia, tal situação se mostra presente em todas as experiências:

---

<sup>296</sup> Entrevista com o Antonio José Fernandes (Toninho); concedida ao autor em 22 de outubro de 2004.

<sup>297</sup> BOSI. Ecléa. **Op. Cit.** p. 80.

“Trabalhando a gente poxa, (...) trabalhava chegava de tarde vinha correndo fazia as coisas, né? Em casa, é isso aí... Mas agora só saudade daquela época dos amigos a gente tem muitos amigos, tinha muitos amigos, né? Muitos amigos, mas acabou tudo...”<sup>298</sup>

Para dona Silvia, da América Fabril, o trabalho acabou; sobrando a memória. Restaram a esses operários do passado dois tempos bem definidos que incorporam a estrutura de suas falas. O tempo do trabalho, e o tempo da velhice. E esses tempos não se juntam, pois, assim como a visão patronal, esses personagens também vêem que ao chegar da velhice o operário já não possui o mesmo vigor físico e, por conseguinte, não produz no tempo marcado do relógio o que produzia anteriormente.

“Quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização. A racionalização, que exige cadências cada vez mais rápidas, elimina da indústria os velhos operários”<sup>299</sup>

Essa eliminação não se mantém apenas por trás dos muros das fábricas. Em um nível seguinte, o ostracismo ao velho operário toma um espaço exterior ao seu local de trabalho. Não só na vida privada, como na vida pública, o envelhecimento destes trabalhadores se conecta a caracterização excludente e opressora de “invalidez” devido ao pré-conceito de que, ao velho, se torna inviável continuar a produzir.<sup>300</sup>

“O homem fragiliza-se ao envelhecer nessa sociedade. E para os fracos, não há mais lugar na sociedade da eficácia, fazendo com que nada mais seja possível para eles. (...) O pior é que as garras afiadas da sociedade capitalista, desfigurando a compreensão das coisas, fazem do homem velho um pacato e

<sup>298</sup> Entrevista com Silvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

<sup>299</sup> BOSI. Ecléa. **Op. Cit.** p. 78.

<sup>300</sup> PEIXOTO, Clarice. “Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade...” In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). **Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.** 3ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 71.

conformado ‘cidadão’, que já para si mesmo afirma: ‘É a lei da vida, é assim mesmo que tem de ser’.<sup>301</sup>

Tais fatores, finalmente nos levam de volta ao conceito do “desenraizamento” operário posto por Simone Weil. Quando esta considerou que o salário, associado à empreitada prenderia o operário à contagem de seus tostões, voltando sua atenção apenas para esse fim — que traz aí uma questão de dependência do capital — desprendendo-o de todo o resto; e que o desemprego funcionaria como um “desenraizamento” de segundo grau uma vez que, ao operário é destituída sua mobilidade e ação dentro dos espaços referentes à fábrica e ao seu operariado<sup>302</sup>; nos coube apontar aqui, o que consideramos como um terceiro grau desse “desenraizamento”: a velhice operária. Esta trouxe em sua forma a mesma dependência salarial amalgamada, em muitos casos, à imobilidade daquele sujeito no lugar comum à sua classe ou grupo.

Essa imobilidade social e territorial — já que em muitos dos casos, o espaço fabril sofreu drásticas mudanças —, portanto, ilustra a própria “negação” que aquele sujeito recebe da sociedade e do espaço que ele se localiza. Um espaço que, devido sua aceleração — como apontaram Thiesen e Maia —, os “condena ao esquecimento”<sup>303</sup> e os ameaça ao “esfacelar” suas identidades.

Nesse sentido, é que consideramos além da mudança do espaço no processo de “desmapeamento”<sup>304</sup> dos grupos, a influência da velhice para o desaparecimento social do

---

<sup>301</sup> LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. **A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000. pp. 42-43.

<sup>302</sup> WEIL, Simone. **A Condição operária e outros estudos sobre a opressão**. 2ª edição revista. Organizadora: Ecléa Bosi. Trad. Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro – RJ: Editora Paz e Terra, 1996. p. 413.

<sup>303</sup> THIESEN, Icléia. MAIA, Maria Manuela Alves. “Pedágio da vida: memórias de uma catadora de latas na Gamboa”. In: THIESEN, Icléia. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. SANTANA, Marco Aurélio. (orgs) **Vozes do Porto: Memória e História Oral**. Rio de Janeiro – RJ: DP&A Editora, 2005. p.123.

<sup>304</sup> ABREU, Regina. CHAGAS, Mario. (orgs.) **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro – RJ: DP&A Editora, 2003. p. 13.

homem<sup>305</sup> que — regido pelo tempo, progresso e pelo esquecimento — destitui-se de parte do seu conjunto de significados e representações os quais já não têm “lugar” físico e social, imprimindo-lhes a diferença social.

Essa diferença, no entanto, instiga a memória desses atores que ao lembrarem de seus trabalhos e de seus cotidianos voltam a se reconhecer por uma identidade comum gerada no trabalho. Embora não com as mesmas palavras, o sentimento que Salvador nos traz abaixo é notoriamente presente nas demais entrevistas com esses “velhos” trabalhadores:

“Eu tô fora da Nova América desde 92 [1992]. Tem 12 anos que estou fora da fábrica. Eu ainda sonho com a fábrica, quase toda a semana. Ainda sonhe que eu to lá dentro trabalhando. Ainda não saiu daqui ó [emoção]... Doze anos que eu já saí de lá. Minha mulher diz: — pô mas você só vive sonhando com a fábrica — que que vai se fazer? (...) eu digo o seguinte, a gente não sai da Nova América; a gente se ausenta [emoção]. Mas não sai... Hoje, é como um disquete, está aí gravado...”<sup>306</sup>

É na ação da memória, construída a cada fala desses personagens, que a ação do esquecimento é freada, ou “deslocada”.<sup>307</sup> Entretanto, para alguns desses atores, a condição de um *sujet dénié*<sup>308</sup> já se incorporou à sua própria imagem e discurso ao passo que seu grupo, sua história, suas experiências vão desaparecendo da mesma forma que se foram seus “lugares” e seus companheiros já falecidos. Para os “outros” suas técnicas, seu ofício,

<sup>305</sup> ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Trad Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. p. 61.

<sup>306</sup> Entrevista com o Sr. Salvador Ogianno; concedida ao autor em 11 de agosto de 2004.

<sup>307</sup> O esquecimento é inevitável, é um processo tão natural como a própria passagem do tempo. Entretanto, na ação da memória elegemos o que é lembrado, devido a diferentes fatores como o grupo, a família, o trauma, as emoções, os quadros aos quais pertencemos. Ao lembrarmos, e reconstruirmos a memória fazemos, portanto, uma seleção. “Freamos” em parte a ação do esquecimento, ou o deslocamos para outras situações e imagens que não nos pareceu relevante lembrar, ou incorporar àquele discurso mnemônico que é construído.

<sup>308</sup> BAUJOIT, Guy. **Le changement social: approche sociologique des sociétés occidentales contemporaines**. Collection Cursus. Paris : Armand Collin Éditeur, 2003. p. 101.

sua instrução é ultrapassada. Sua capacidade produtiva, e, por conseguinte, sua capacidade de atuar no presente é arruinada.

O velho trabalhador é, portanto, um ator social que muitas vezes atua sem cenário; é um operário sem fábrica, traduz-se, assim, como uma “ruína” daqueles espaços sociais pretéritos.

#### IV – (b) O fim do trabalho:

O término do trabalho que aqui consideramos não se refere ao cessar completo do trabalho fabril ou das suas práticas no âmbito da indústria têxtil, ou ainda, o fim da mobilidade dos trabalhadores junto à classe. O que abordamos é, justamente, o processo de finitude, ou seja, de uma “perda” — protagonizado pelos trabalhadores aqui entrevistados — da possibilidade de continuar o trabalho pelos moldes anteriores em relação às novas condições de hoje. O trabalho transformou-se e com ele seus trabalhadores.

Seja por motivos externos, seja por questões internas à realidade do operário, o fato era que os meios de produção capitalistas e as condições de trabalho mudariam por demais nos últimos anos do século XX.

O que Antunes diria ser uma “lioofilização organizacional”<sup>309</sup>, expressão que o próprio toma emprestada de Jose Juan Castillo<sup>310</sup>, trouxe uma nova realidade multifacetada onde os meios de produção e de trabalho, são de longe mais complexos.

Foi nesse “crepúsculo” do capitalismo industrial que grande número daqueles operários, que hoje são idosos, perderam seu emprego e permaneceram excluídos da sociedade que se reestruturava obedecendo a uma nova ordem em desenvolvimento.

---

<sup>309</sup> ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: editora Boitempo, 2005. p. 50.

<sup>310</sup> CASTILLO, Jose Juan. “*A la búsqueda del Trabajo Perdido*” In: PEREZ-AGOTE, A. YUCERA, I. *Complejidad y Teoría Social*. Madri: CIS, 1996.

Com a queda progressiva do modelo fordista nas últimas décadas do século XX, não só a economia global como as grandes companhias industriais passaram por uma “tormenta” política e econômica que as levariam em uma busca pela reestruturação de seus meios de produção e de consumo, ou à “desintegração” de suas bases.

Entretanto, é importante considerar que as bases, os operários, não deixavam de estar alertas às mudanças que se apresentavam. Pouco antes da falência da Nova América, Salvador — que já trabalhava no departamento pessoal da fábrica — fala sobre a falência com “seus” detalhes que apontavam o cenário “caótico” que incapacitou a fábrica de prosseguir suas funções:

“É, ela fechou em outubro de 83 [1983]. (...) A empresa pegou um empréstimo de vinte, vinte milhões de dólares (...); no tempo do Jânio Quadros... E aí houve uma maxi-desvalorização do nosso dinheiro; e em vinte e quatro horas passou a dever trinta milhões. (...) Isso já foi uma queda né? (...) nesse interem deu bicho no algodão brasileiro um bicho que dá, que dá no algodão... Esqueci o nome... E esse bicho atacou as plantações de algodão no Brasil. Resultado, o Brasil que vendeu, passou a comprar. Então já viu... (...) Ora, além disso, veio a guerra do Irã e o Iraque, que durou seis anos. Que, que acontece, a Nova América tinha um grande consumo de óleo, que é derivado do petróleo tinha um grande consumo de óleo. (...) e a Nova América teve que **refazer** suas caldeiras pra queimar outras coisas por que não tinha mais óleo pra queimar. (...) Então tudo isso foi, foi minando a administração, é como se diz? A economia, as finanças e tal. Resultado que, de repente a Nova América se viu com três mil títulos protestados. Não havia como pagar. Aí foi quando decretaram a falência... Decretaram a falência e foi um Deus nos acuda, né? Uma coisa horrível; os operários ficaram sem trabalhar e muita gente sofreu”.<sup>311</sup>

As indústrias passariam a ter de lidar, portanto, com o advento da pós-modernidade, com fim do *welfare state* e o desencadeamento do *toyotismo*, como modelo

---

<sup>311</sup> Entrevista com o Sr. Salvador Ogianno; concedida ao autor em 11 de agosto de 2004.

de produção adequado à cena flexibilizada e “enxuta”<sup>312</sup> industrial contemporânea brasileira, e global.<sup>313</sup> Algumas indústrias poderiam ser vistas como a própria imagem da transição.

A Nova América apresentava desde cedo uma produção mais receptível às mudanças do mercado. Tanto que a lembrança do antigo operário Antonio Borges apontava para uma produção “inteligente”, diferenciada, que se desenvolvia de acordo com o pedido do mercado. Embora não tenha sido suficiente para impedir a falência dos anos 80, a Nova América mostrou muito mais fôlego que a América Fabril que na mesma década já estava debilitada por demais.

“As crises da Nova América, como toda indústria, ela tem seus momentos de dificuldade, né? (...) a Nova América, o sistema que trabalhavam era com o pedido do freguês. Ela não tinha uma produção em série. (...) o tecido era fabricado (...) a não ser, a fralda... A fralda, e talvez o brim. Ele era fabricado em série normalmente”.<sup>314</sup>

No caso da falência da Nova América e da América Fabril, ilustrava-se o que se sucedia em muitos outros centros urbanos que sofreram uma desindustrialização profunda a qual levou a condição daquele cenário, segundo Ricardo Antunes a uma tendência de:

“(...) redução do proletariado industrial, fabril, tradicional, manual, *estável* e *especializado*, herdeiro da era da indústria verticalizada. Esse proletário se desenvolveu intensamente na vigência do binômio taylorismo/fordismo e vem diminuindo com a reestruturação produtiva do capital produtivo, o desenvolvimento do *lean production*, a expansão ocidental do toyotismo e das

---

<sup>312</sup> Cf. RAMALHO, José Ricardo. SANTANA, Marco Aurélio. **Op. Cit.**

<sup>313</sup> Cf. ANTUNES, Ricardo. (org.). **Neoliberalismo, trabalho e sindicatos. Reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil.** São Paulo, Boitempo Editorial, 1997.

<sup>314</sup> Entrevista com o Antonio Leite Borges; concedida ao autor em 04 de agosto de 2005.

formas de horizontalização do capital produtivo, a flexibilização e desconcentração (...)”.<sup>315</sup>

Essa redução trouxe um processo crescente de falências de indústrias e de desemprego. Para as que continuaram, eram empregados operários de outras unidades fabris — como mencionamos no capítulo anterior — ou, quando pertencentes a uma mesma companhia, transferidos pelo processo de “diminuição” e centralização daquelas companhias mais tradicionais em um esforço de adaptar-se às novas diretrizes do mercado.

Para os trabalhadores que sofreram com o crepúsculo de seus locais de trabalho, ficou até hoje em muitos a lembrança nostálgica do período do trabalho: A saudade do trabalho. Esta “saudade” nada tem a ver com o processo do trabalho, dizemos, mas sim com o que o acompanhava. A sociabilidade, as relações e ações empenhadas pelo coletivo, e no coletivo. O trabalho esteve por si mesmo reificado como uma prática social daqueles grupos de trabalhadores que nele se identificavam e se construíam.

“Puxa vida saudades do trabalho. (...) dos amigos eu tive muitos amigos que tenho até hoje da América Fabril (...) sinto saudades sinto amor pelo meu trabalho eu já te disse que se ela tivesse rodando... (...) eu com essa idade estaria lá, nem que fosse pra varrer. (...) nem que fosse no banheiro, pra limpar o banheiro, eu fica, eu ficava; dentro de casa sozinha não, é muito triste você viver só... [emocionada] numa certa idade é triste; tava acostumada a assim, no meio de tanta gente, não é? Tanto movimento, tanta coisa...”<sup>316</sup>

O fim do trabalho para estes personagens concedia-lhes o fim do *locus* social ao qual eles se inscreviam e se reconheciam. Dando-lhes o “desencaixe” do espaço físico e social e o “atrofiamento” de uma identidade cada vez mais estéril. Ao fim das atividades

---

<sup>315</sup> ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. Col. Mundo do Trabalho. 6ª reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. p. 104.

<sup>316</sup> Entrevista com Dona Esmeralda da Silva Sereno; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

das companhias as falas desses trabalhadores, como dona Silvia, por exemplo, trazem o lamento de não mais poderem reviver tais experiências:

“Sinto saudade... (...) um sentimento muito grande por que naquela época tinha a fábrica que era, que era, **meu Deus do céu**, todo mundo trabalhava na fábrica, né? Todo mundo, não tinha esse problema que tinha que saber ler muita gente não sabia ler, a maioria também eram portugueses, sabe? E não sabiam ler, sabe? E, no entanto eram uns homens (...) eram bons operários. Hoje em dia a gente vê, pois é, ninguém mais tem perspectiva de nada; vê tudo que tinha, foi tudo abaixo, tudo que era, foi da nossa mocidade, acabou tudo! não tem mais nada, não tem mais nada, a gente vê com tristeza, né? Veio o progresso veio, mas **acabou** com as lembranças da gente tudo, que aqui era uma coisa essa América Fabril aqui assim atravessava essa rua aqui tinha um galpão enorme entrava por (...) dentro da água do mar, sabe?”<sup>317</sup>

O trabalho, as indústrias, o capital, não se acabou de fato; mas foi por seu desenvolvimento e suas mudanças estruturais que, para alguns atores daquele cenário — os trabalhadores que produziam em um limiar entre a manufatura e a maquinaria técnico-científica, criados nos modos de produção fordista/taylorista — o trabalho chegava ao fim.

O modo de produção não cessou por completo, tão pouco a classe trabalhadora. Foi o modo como este modelo era associado às relações políticas e sociais que nele se instauravam é que teve fim da mesma forma que a “sólida” imagem do que era o proletariado.

Hoje, o quadro não só incorporou novos traços como uma palheta de cores diferenciada. A classe não se mantém mais fortemente reconhecida pelo seu meio, apenas. Mas sim, pelo seu fim: o salário. E, por essa razão nos identificamos — no que tange os

---

<sup>317</sup> Entrevista com Silvia Ministério; concedida ao autor em 16 de fevereiro de 2005.

trabalhadores contemporâneos — com a idéia de Antunes sobre a “classe-que-vive-do-trabalho”.<sup>318</sup>

No entanto — e esse é um ponto que devemos considerar para pesquisas futuras —, essa “nova” classe de trabalhadores também nos instiga uma questão: qual memória acerca do trabalho e qual consciência de classe vêm se formando a partir das diversas mudanças do espaço fabril, do saber operário, da estrutura sindical e social do trabalhador, e do cenário político-econômico vigente?

Este momento de “transição” de modelos de produção e de paradigmas capitalistas é, portanto, o que servirá de “chão” para lançar um olhar problematizador sobre o que se está a construir em termos de memória e de relações coletivas pelos “novos” trabalhadores em relação com o futuro do trabalho.

Entretanto, para os antigos operários — diferentemente da ordem que paira no mundo do trabalho hoje —, seus discursos trouxeram a cada entrevista realizada um ponto comum no que tange à sociedade do trabalho atual; ou seja, a sensação de “diferença” em relação ao passado por eles protagonizado.

Diferença essa que, encontrada no trabalho por eles exercido e pela juventude por eles experimentada, ou ainda na própria mudança de suas fábricas, se incorporou ao sentimento de toda uma trajetória de vida “esfacelada” pelas mudanças ocorridas, e uma memória que — consciente ou inconsciente — é construída a partir dos fenômenos sociais presentes.<sup>319</sup>

Enfim, o “estranhamento com o contemporâneo” e, em alguns casos, a insatisfação com a exclusão e omissão por eles vivida ao passo que seus espaços, seus

---

<sup>318</sup> ANTUNES, Ricardo. **O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho**. São Paulo: editora Boitempo, p. 27.

<sup>319</sup> Sobre a construção consciente ou inconsciente da memória, enquanto um fenômeno social ver: POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social” In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, pp. 200-215.

grupos e seus ofícios se “desmoronam” como imagens em areia que o tempo faz questão de apagar cada vez mais.

#### IV – (c) O trabalho da memória:

Falamos, portanto da ação dos homens no tempo, e da “leitura” que eles fizeram de si mesmos e de seus grupos. Esses antigos operários, contudo, ainda desempenham um trabalho: o da memória. Trabalhamos com ela e com seus efeitos nos homens. Nesse caso, trabalhamos com a memória que, por sua vez, foi operada pela voz desses antigos operários. Suas histórias não foram comumente explicadas, desvendadas pela “(...) a ciência dos homens no tempo”<sup>320</sup> — como Bloch diria a respeito — mas sim por eles mesmos baseados em suas próprias experiências e trajetórias de vida.

Na lembrança o trabalho continuou presente e o “estranhamento” dos novos quadros contemporâneos suscitou isso. Dessa forma, se o tempo de trabalho fabril para esses atores teve seu fim na vida cotidiana, ele permanece em suas memórias dando-lhes o referencial de quem eram e o que exerciam no espaço social e físico.

A memória coletiva desses atores atuou no presente com o que estava irreduzivelmente findo: o passado. A memória — como diria Arendt — age dessa maneira: “uma capacidade do espírito de fazer presente o invisível”.<sup>321</sup> E, nesse caso, o que era invisível para alguns olhos, era justamente o velho trabalhador, a velha trabalhadora, e suas trajetórias que contavam mais da realidade dos trabalhadores fabris do século XX.

Ao tratar das experiências desse grupo de trabalhadores trouxemos ao foco de nossas questões o fato de que o trabalho da memória estaria diretamente ligado à idéia de

---

<sup>320</sup> BLOCH, Marc. (1941 – 1942). *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Paris: Colin, 1949 (trad. Port. 3ª ed., Europa-América, Mem-Martins, 1976). Pp.32-33.

<sup>321</sup> ARENDT, Hannah *La Voluntad*. In: *La Vida del Espíritu*. 1ª ed. Col. Paidós Básica 110. Trad. Carmen Corral y Fina Birulés. Buenos Aires: Paidós Editora, 2002. p. 244.

“trabalho de construção identitária”<sup>322</sup> de que fala Baujoit. Ou seja, na consciência do *self* o indivíduo também se reconhece em referência ao seu grupo social cuja identidade comum e os papéis exercidos atuam como uma interseção pelos demais atores sociais.

Entretanto, se reconhecer em referência ao grupo social do qual faz parte é cada vez mais difícil para estes homens e mulheres. A consciência do término de seus papéis sociais se encontra com o processo gradativo de mutilação e dissolução de suas referências materiais e simbólicas com o passar dos anos. A memória por eles regida nada mais é que fruto dessa percepção e última resistência à “tempestade” avassaladora do tempo/progresso.

Sustentando a própria identidade e, assim, a classificação<sup>323</sup> social desses atores enquanto lhes é mantida a vida, a memória desses grupos é, portanto, o “trabalho final” desses operários.

É bem verdade que as “âncoras”<sup>324</sup> do passado que são moldadas pelas falas desses antigos trabalhadores não são “janelas” totalmente confiáveis para uma elucidação do passado; mas são com certeza “marcas” indiscutíveis de parte do que foi vivido e expressão do que foi compreendido pelo entrevistado em relação ao seu passado.

A memória do tempo do trabalho, aqui estudada pela experiência dos operários têxteis, se apresenta assim como uma ferramenta poderosa para a compreensão do cotidiano desses trabalhadores e para entendermos quem eles realmente foram e são.

Se o trabalho, bem como, a vida em coletividade, é parte inerente ao homem — como apontou Arendt em *A Condição Humana* —, a memória dessas duas situações não

---

<sup>322</sup> BAUJOIT, Guy. **Op. Cit.** p. 99.

<sup>323</sup> Cf. SILVA, Tomas Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença” In: **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos Culturais.** (org.) Tomaz Tadeu da Silva. 3ª edição; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004. p. 82.

<sup>324</sup> LOVISOLO, Hugo. “A memória e a formação dos homens”. In: **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, nº 3, 1989, p.16.

poderia ser menos estrutural à própria condição humana. E nesse caso, tendo em vista todo o processo de criação dessa dissertação, esperamos ter contribuído para essa afirmação.

## CONCLUSÃO:

Esta dissertação tentou contribuir para uma análise estrutural do trabalhador e do trabalho no Brasil a partir do enfoque da Memória Social como problemática e abordagem de campo. Decerto, fizemos uso do campo da História e da Sociologia como pilares para a construção do argumento teórico e do quadro de hipóteses levantados antes e durante as descobertas que o campo nos mostrava com o avanço da pesquisa.

Como sinalizamos anteriormente, nosso objetivo foi estudar as falas de dois grupos de operários, respectivamente ligados à duas companhias têxteis do Rio de Janeiro. Entretanto, e esse foi o “estopim” para essa investigação, considerávamos que esses grupos seriam, de fato, um único coletivo haja vista a ligação que suas respectivas companhias apresentavam tanto no campo material quanto no campo da memória de seus trabalhadores.

A partir dessa trajetória não só confirmamos que os trabalhadores têxteis no Rio de Janeiro de fato constituíram uma grande “massa” humana durante todo o século XX, como observamos um pouco mais de perto essa “massa”; encontrando nomes, sentimentos, experiências, ou seja, pessoas.

Então trabalhadores. Estes, além das classes que compõem, das representações políticas, e símbolos das trajetórias de lutas, pessoas reais que têm na pele e na fala os componentes para uma memória e experiências coletivas, pautadas nas reminiscências do grupo e do trabalho por eles desempenhado.

Conseguimos apontar ao longo da dissertação, as similaridades do espaço do trabalho e de seus respectivos trabalhadores em duas companhias concorrentes no Rio de Janeiro. Ademais, também nos foi possível relacionar os diferentes operários em um contexto comum. Ou seja, a presença de diferenças existentes entre trabalhadores de unidades diferentes mesmo que pertencentes à mesma companhia têxtil.

Não obstante, entre todas as diferenças possíveis, ainda assim, essas duas companhias possuíam na memória uma “âncora” muito comum a ambas. Uma memória coletiva que se confundia entre as histórias das duas.

Os operários das fábricas de tecidos aqui analisadas — separados fisicamente, e quando institucionalmente — mostraram, portanto, através de suas próprias vozes que viveram as mesmas lutas e que gozaram das mesmas alegrias. A memória do trabalho é uma só, entretanto, são suas narrações que percorrem um trajeto de diferentes matizes.

Foi por essas variantes que construímos esse estudo, retirando do “subterrâneo” muito de suas experiências e dando-lhes a audição de que necessitavam para destituir a aparente condição afônica de sua memória. Condição essa que acabava por “ameaçar”, pelo processo seletivo de que toda a sociedade é herdeira quando se trata da construção de sua história e de sua memória, a identidade coletiva, presente nesses trabalhadores.

Afinal, estes velhos trabalhadores constituem em muitos casos os últimos vestígios materiais daquele *kosmos* industrial. E, decerto, os “retalhos” de uma experiência em comum presente em um singular “tecido social”.

Esses homens e suas lembranças vieram à nossa problemática como os “fósseis”<sup>325</sup> de uma estrutura social que vem progressivamente sendo esquecida em nossos dias. Suas lembranças constituíram o que está para além dos acontecimentos acompanhados e investigados nas demais fontes escritas ou iconográficas, ou seja, a possibilidade de: “(...) poder compartilhar o gosto que tudo isso deixou na memória de pessoas que realmente viveram esta experiência”.<sup>326</sup>

---

<sup>325</sup> Cf. POMIAN, Krzystof. “Memória”. In: GIL, Fernando. **Sistemática**. (Enciclopédia Einaudi, v.42) Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: 2000.

<sup>326</sup> GOMES, Angela de Castro (coord.). FLAKSMAN, Dora Rocha. STOTZ, Eduardo. **Velhos Militantes: depoimentos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p.8.

Foi dessa forma que fizemos uso da memória coletiva presente nas trajetórias de vida dos trabalhadores; entendendo que ao usá-la como fio condutor seríamos capazes de ligar esse presente com as práticas do trabalho de outrora.

O espaço modificado e a indústria reestruturada ainda guardam muito daquela experiência passada. Ao entrevistarmos os atores daqueles antigos “palcos” de atuação, nos aproximamos um pouco mais deles e do que não estava na “superfície” dos acontecimentos.

Portanto, a memória do trabalho está aí, nos trabalhadores. Ela não é apenas presente na instituição ou nos meios de memória “roseados”. A experiência do trabalho e suas marcas ainda podem ser contempladas quando nos aproximamos dos seus executores.

Felizmente, o esforço de ouvir essas vozes que parecem falar uma língua morta no nosso cenário contemporâneo pareceu não ter sido em vão. Afinal, o estudo da memória operária cada vez mais vem se tornando urgente visto que as mudanças sócio-econômicas, políticas e culturais dos últimos anos não só modificaram profundamente o mundo do trabalho, como também lhe instauraram um “novo” trabalhador em suas formas.

Ou seja, os espaços de atuação, juntamente com a técnica e as relações ali instituídas, deram lugar não só a uma “nova ordem”, como a “novos” trabalhos e atuações. Resta-nos saber qual identidade vem se formando em nossa contemporaneidade, e qual memória será construída daqui para o futuro em um “terreno” que aparentemente se torna mais e mais “desmemoriado”.

REFERÊNCIAS:

Documentais:

AGCRJ – Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2º andar & 4º andar: Coleção América Fabril;

Acervo Particular da Companhia Nova América – unidade Fonte Limpa, Duque de Caxias; Banco Central, DEMAP/DISUD. Brasília – DF;

Biblioteca Nacional, periódicos, Rio de Janeiro – RJ.

Bibliográficas:

ABREU, Regina. CHAGAS, Mario. (orgs.) “Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos”. Rio de Janeiro – RJ: DP&A Editora, 2003.

ANTUNES, Ricardo. “O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho”. São Paulo: editora Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. “Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho”. Col. Mundo do Trabalho. 6ª reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. (org.). “Neoliberalismo, trabalho e sindicatos. Reestruturação produtiva na Inglaterra e no Brasil”. São Paulo, Boitempo Editorial, 1997.

ARENDT, Hannah. “A Condição Humana”. Trad Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. “*La Vida del Espíritu*”. 1ª ed. Col. Paidós Básica 110. Trad. Carmen Corral y Fina Birulés. Buenos Aires: Paidós Editora, 2002.

AUGÉ, Marc. “Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade”. 2ª edição, Rio de Janeiro: Papyrus, 2001.

BACHELET, Bernard. *L'espace Vécu* In: “Le Espace”. Paris: PUF, 1998.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. (org.). “Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política”. 3ª edição, Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

BARTLETT, F.C. “*Remembering: a study in experimental and social psychology*”. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BASAGLIA, Franco. “A Instituição da Violência” In: *La institucion negada*. Trad. Jaime Pomar. Barcelona, Barral Editores, 1972.

BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. “Cultura de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado”. Trad. Antonio Luigi Negro. [Org(s). Cláudio H.M. Batalha, Fernando Teixeira da Silva & Alexandre Fortes.] Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

\_\_\_\_\_. “O Movimento Operário na Primeira República”. Coleção Descobrimo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BAUJOIT, Guy. “*Le changement social: approche sociologique des sociétés occidentales contemporaines*”. Collection Cursus. Paris : Armand Collin Éditeur, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. “Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi”. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor: 2005.

\_\_\_\_\_. “Globalização: as conseqüências humanas”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História* In: “Obras Escolhidas. Magia e Técnica, arte e política”. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. “*Das Passagen-Werk (le livre des Passages)*”, Frankfurt am Main, Suhrkamp Verlag, 1982.

BENTHAM, Jeremy. *Panóptico* in: “Revista Brasileira de História”. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, vol. 7, nº 14, Março / Agosto de 1987.

- BERGER, Peter. “Perspectiva Sociológica”. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 1972.
- BERGSON, Henri. Matéria e Memória: “Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito”. São Paulo: Ed. Martins Fontes, S/D.
- BLOCH, Marc. (1941 – 1942). “*Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*”. Paris: Colin, 1949 (trad. Port. 3ª ed., Europa-América, Mem-Martins, 1976).
- BLONDEL, Charles. “*Introducción a la psicología colectiva*”. Buenos Aires: Ed. Troquel, 1966.
- BOSI, Ecléa. “Memória e Sociedade: Lembrança de velhos” 10ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. “O Tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social”. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. “A Economia das Trocas Simbólicas” (org. Sergio Miceli); coleção Estudos. 5ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- \_\_\_\_\_. “*Esquisse d’une théorie de la pratique*”. Genève-Paris, 1972.
- BOURDIN, Alain. “A Questão Local”. Trad. Orlando dos Santos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BURKE, Peter. “História e Teoria Social”. São Paulo; editora UNESP, 2002.
- CANDAU, J. “*Mémoire et identité*”. Paris: Press Universitaires de France, 1998.
- CARONE, Edgard. “O Pensamento Industrial no Brasil (1880-1945)”. Coleção Corpo e Alma do Brasil. Fernando Henrique Cardoso (org.). São Paulo: DIFEL, 1977.
- CHALHOUB, Sidney. “Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*”. 2ª edição. São Paulo: Ed. Unicamp, 2001.
- CHARLESWORTH, Simon J. “*A phenomenology of working class experience*”. Cambridge University Press, 2000.

CÍCERO, Marco Túlio. (103-43 A.C.) “Saber envelhecer e A amizade”. Trad: Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2002.

CORRÊA, Abidack. FILHA, Dulce Corrêa Monteiro. “BNDES 50 anos – Histórias Setoriais: O Complexo Têxtil”. Disponível em <[http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro\\_setorial/setorial11.pdf](http://www.bndes.gov.br/conhecimento/livro_setorial/setorial11.pdf)> 2002. Acesso em: 28 de setembro de 2005.

COSTA, Icléia T. M. Memória institucional e representação: da árvore ao rizoma. In: LEMOS, M.T.T.B; BARROS, J.F.P. de. (org.) “Memória, representações e relações interculturais na América Latina. Rio de Janeiro: UERJ, NUSEG, INTERCON, 1998. pp. 105-116.

DA MATTA, Roberto. “O que faz do Brasil Brasil”. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. s/d.

DEBORD, Guy. “*La société du spectacle*”. (§ 42) 1967. Edição eletrônica retirada de: <[http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html)>

DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo de. “Cotidiano de trabalhadores na República”. Col. Tudo é História nº130. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1989.

\_\_\_\_\_. “A Vida Fora das Fábricas”. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

DOMINGUES, José Mauricio. “Do ocidente à modernidade: intelectuais e mudança social”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

ELIAS, Nibert & SCOTSON, John L. “Os estabelecidos e os *outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

EVARD, Marcel. *Le Creusot — Montceau-les-Mines: La vie d'un écomusée, bilan d'une décennie*. In : “*Museum*”. Paris : Unesco, v. 32, nº 4, 1980.

FAUSTO, Boris. “Trabalho Urbano e Conflito Social (1890-1920)”. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

DEJOURS, Christophe. “A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho”. Trad.: Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5ª edição, São Paulo: Ed. Cortez – Oboré, 1992.

FERREIRA, Jorge. “Prisioneiros do Mito: Cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930 – 1956)”. Niterói: EdUFF: Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

\_\_\_\_\_. “Trabalhadores do Brasil: O imaginário popular”. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO Janaína. (orgs). *Apresentação*. In: “Usos e Abusos da História Oral”: 5ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

FOUCAULT, Michel. “Microfísica do Poder”. (org. e trad. Roberto Machado). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979 (reimpresso de 2004).

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “História e Narração em Walter Benjamin”. Coleção Estudos. 2ª edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

GEERTZ, Clifford. “A Interpretação das Culturas. I Parte – Uma descrição densa: por uma trajetória interpretativa da cultura. Rio de Janeiro, Zahar. S/D.

GIDDENS, Anthony. “A Constituição da sociedade”. Tradução Álvaro Cabral. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIROLETTI, Domingos. “Fábrica: convento e disciplina”. 2ª edição revista, Brasília : UNB, 2002.

GOFFMAN, Erving. “*Behavior in public places*”. Nova York: Free Press, 1963, p.17.

GOMES, Angela de Castro. “A invenção do trabalhismo”. 3ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Editora FGV, 2005.

\_\_\_\_\_. “Cidadania e direitos do trabalho”. coleção Descobrimdo o Brasil. Rio de Janeiro-RJ. Editora Jorge Zahar Editor. 2002.

\_\_\_\_\_. “Burguesia e Trabalho: Política e Legislação Social no Brasil 1917/37”. Rio de Janeiro, Ed. Campus, 1979.

GOMES, Angela de Castro (coord.). FLAKSMAN, Dora Rocha. STOTZ, Eduardo. *Velhos Militantes: depoimentos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

HALBWACHS, Maurice. “A Memória Coletiva”. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. “*Les Cadres Sociaux de la Memoire*”. Edição eletrônica, site: [http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques\\_des\\_sciences\\_sociales/index.html](http://www.uqac.quebec.ca/zone30/Classiques_des_sciences_sociales/index.html) Canadá: Universidade de Québec & Biblioteca Paul-Émile-Boulet. 2002.

\_\_\_\_\_. “A Memória Coletiva”. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HAMMERSLEY, Martyn. ATKINSON, Paul. “*Ethnography: Principles in practice*”. 2ª edição. Londres e Nova York: *Routledge*, 1995.

HARDMAN, Foot & LEONARDI, Victor. “História da Indústria e do Trabalho no Brasil”. Col. Série fundamentos. São Paulo: Editora Ática S.A., 1991.

HARVEY, David. “A Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa Sobre as Origens Da Mudança Cultural” Tradução: Adail Ubirajara Sobral & Maria Stela Gonçalves. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, S/D.

HOBBSBAWN, Eric J. RANGER, Terrence. “A Invenção das Tradições”. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HOBBSBAWN, Eric J. “Os Trabalhadores: Estudos sobre a História do Operariado”. Tradução de Marina Leão Teixeira Virinato de Medeiros. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. “Mundos do Trabalho: Novos estudos sobre História operária”. Coleção Oficinas da História. 3ª edição. Vol.2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JEUDY, Henry-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. (Ensaio & teoria).

KELLER, Paulo. “A formação dos trabalhadores têxteis em Paracambi e o sistema de fábrica com vila operária”. Rio de Janeiro: NUPES/Programa de Iniciação Científica/LPS/IFCS/UFRJ, 1992. Mimeo. Trabalho realizado sob a orientação de José Ricardo Ramalho.

LACERDA, Edith. LACERDA, Nathercia. CARDOSO, Maria do Carmo. “Carretel da Folia”. Rio de Janeiro: Editora Stamp, 2001.

LE GOFF, Jaques. “História e Memória”. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEVY, Maria Bárbara. “A Indústria do Rio de Janeiro através de suas sociedades anônimas”. Rio de Janeiro: UFRJ; Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, 1994.

LOPES, José Sergio Leite. “A Tecelagem dos conflitos de classe na ‘cidade das chaminés’”. Col. Pensamentos antropológicos. Brasília: Editora Universidade de Brasília e marco zero / MCT/CNPQ, 1988.

\_\_\_\_\_. “O Vapor do Diabo: o trabalho dos operários do açúcar”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LOUREIRO, Altair Macedo Lahud. “A velhice, o tempo e a morte: subsídios para possíveis avanços do estudo”. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2000.

LOVISOLO, Hugo. *A Memória e a Formação dos Homens*. In: “Estudos Históricos”. Rio de Janeiro, vol 2, n. 3, 1989.

MASI, Domenico de. “O Futuro do trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós-industrial”. Trad. Yadyr A. Figueiredo, 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2003.

MATTOS, Marcelo Badaró. “O Sindicalismo brasileiro após 1930”. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

MENDONÇA, Eiana Rezende Furtado de. *Ecomuseu: a guarda da memória coletiva* In: “Anais do 1º Encontro Internacional de Ecomuseus”. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

MOSCOVICI, S. VIGNAUX, G. “Representações sociais: investigações em psicologia social”. Petrópolis: Ed. Vozes, 2003.

MUNAKATA, Kazumi. “A Legislação trabalhista no Brasil”. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense s.a., s/d.

NORA, Pierre. “*Les Lieux de Mémoire*”. Paris: Gallimard, 1997.

\_\_\_\_\_. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. In: “Projeto História - Revista do programa de estudos pós-graduados em História e do Departamento de História”. São Paulo, v. 10, 1993.

PÁEZ, D.; VALENCIA, J.F.; PENNEBAKER, J.W.; RIMÉ, B.; JODELET, D. (Orgs) *Memórias colectivas de procesos culturales y políticos*. Bilbao: Universidad Del País Vasco, 1998.

PEREIRA, Leonardo Affonso de. “*Footballmania: uma história social no futebol do Rio de Janeiro: 1902-1938*”. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREZ-AGOTE, A. YUCERA, I. “*Complejidad y Teoria Social*.” Madri: CIS, 1996.

PERROT, Michelle. “Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros”.

Tradução Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIMENTA, Ricardo M. *Batalhas de algodão: a infância operária interrompida pelo trabalho nas indústrias têxteis do Rio de Janeiro* In: “Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: Guerra e Paz”. [CD-ROM] Universidade Estadual de Londrina – UEL, 2005.

POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social* In: “Estudos Históricos: Teoria e História”. Rio de Janeiro, vol. 5, número 10, S/D.

POMIAN, Krzystof. *Memória*. In: GIL, Fernando. “*Sistemática*”. (Enciclopédia Einaudi, v.42) Porto: Imprensa Nacional: Casa da Moeda: 2000.

POZO, Paz Benito del. *Patrimonio industrial y cultura del territorio* In: “*Boletín del A.G.E. (Asociación de Geógrafos Españoles)*” Nº 34, 2002. p. 215. Edição eletrônica: <<http://www.ieg.csic.es/age/boletin.htm#34>>

QUINTANEIRO, Tania. “Um Toque de Clássicos: Marx, Durkheim e Weber”. (orgs) Tania Quintaneiro, Maria Ligia de Oliveira Barbosa e Márcia Gardênia Monteiro de Oliveira. 2ª edição rev. amp. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

RAGO, Margareth. “Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930”. 3ª edição. Rio de Janeiro – RJ: Editora Paz e Terra, 1997.

RAMALHO, José Ricardo. SANTANA, Marco Aurélio. (orgs.) “Além da Fábrica: trabalhadores, sindicatos e a nova questão social”. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

REVEL, Jacques (org.). “Jogos de Escalas: a experiência da microanálise”. Ed. Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro, 1998.

ROSA, A. BELLELLI, G. BAKHURST, D. (Orgs). “*Memoria colectiva e identidad nacional*”. Madrid: Biblioteca Nueva, 2000.

SANTANA, Marco Aurélio. “Sociologia do Trabalho no mundo contemporâneo” (orgs. Marco Aurélio Santana & José Ricardo Ramalho). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. *Militância, repressão e silêncio: relato de uma experiência com a memória operária* In: “*História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral*”. Número 3, 2000.

\_\_\_\_\_. *Trabalho, Identidade e Política no Plural: a síntese possível para além dos fragmentos*. In: “*Revista Proposta*”. Nº76, Março/Maio de 1998.

SANTANA, Marco Aurélio. Entre a Ruptura e a Continuidade: visões da história do movimento sindical brasileiro. *Anais do XXII Encontro Anual da Anpocs*. 1998.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. “Memória Coletiva e Teoria Social”. São Paulo: Annablume, 2003.

SCHVARSTEIN, Leonardo. LEOPOLD, Luís. [et al.]. “*Trabajo y Subjetividad: entre lo existente y lo necesario*”. 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, 2005.

SENNETT, Richard. “A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo”. Trad. Marcos Santarrita. 9ª edição. Rio de Janeiro: 2005.

SILVA, Tomas Tadeu da. “Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos Culturais”. (org.) Tomaz Tadeu da Silva. 3ª edição; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2004.

SIMSON, Olga von. (org). “Experimentos com Histórias de Vida (Itália e Brasil). São Paulo: Vértice, 1988.

SUZIGAN, Wilson. “Indústria Brasileira: Origem e desenvolvimento”. (Economia e planejamento; 40. Série “Teses e pesquisas”). São Paulo: HUCITEC e UNICAMP, 2000.

THIESEN, Icléia. BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. SANTANA, Marco Aurélio. (orgs) “Vozes do Porto: Memória e História Oral”. Rio de Janeiro – RJ: DP&A Editora, 2005.

THOMPSON, E. P. “A Formação da Classe Operária Inglesa, A Árvore da Liberdade”. Volume 1, Coleção Oficinas da História, vol. 5; Tradução: Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. “A Formação da Classe Operária Inglesa: A maldição de Adão”. Volume 2, Col. Oficinas da História, vol. 5; Tradução: Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro, editor Paz e Terra. 1987.

\_\_\_\_\_. “A Formação da Classe Operária Inglesa, A Força dos Trabalhadores”. Volume 3, Coleção Oficinas da História, vol. 5; Tradução: Renato Busatto Neto, Cláudia Rocha de Almeida. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, Paul. “A Voz do Passado” 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

TOMIZAKI, Kimi. *Envelhecer na fábrica: a redefinição da identidade dos metalúrgicos do ABC nos anos 90*. In: “XXIX Encontro anual da ANPOCS” (GT: trabalho e sindicato na sociedade contemporânea), 2005.

WEBER, Max. “Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva”. Trad. Regis Barbosa & Karen Elsabe Barbosa. Rev. Técnica Gabriel Cohn. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

WEID, Elisabeth von der. BASTOS, Ana Maria Rogrigues. *O Fio da Meada – Estratégia de expansão de uma indústria têxtil*. Rio de Janeiro, Editora: Fundação Casa de Rui Barbosa, Confederação Nacional da Indústria, 1986.

WEIL, Simone. “O Enraizamento”. Trad. Maria Leonor Loureiro. Col. Mulher. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. “Opressão e Liberdade”. (coleção mulher) Trad.: Ilka Stern Cohen. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

\_\_\_\_\_. “A Condição operária e outros estudos sobre a opressão”. 2ª edição revista. Organizadora: Ecléa Bosi. Trad. Therezinha G. G. Langlada. Rio de Janeiro – RJ: Editora Paz e Terra, 1996.

**ANEXOS:**

**ANEXO I - Roteiro das entrevistas realizadas:**

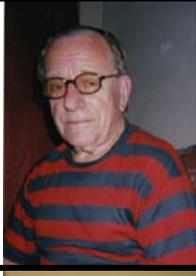
Obedecendo à metodologia da História Oral, aqui empregada nas entrevistas, ao obtermos contato com o entrevistado buscamos apresentar e explicar a natureza da pesquisa realizada. Com a permissão do entrevistado ligamos o gravador iniciando a entrevista datando a mesma e pedindo que o depoente se apresente.

A partir daí seguimos tentamos seguir o roteiro abaixo:

1. Pedimos para que o entrevistado discorra acerca da sua entrada na fábrica, quais foram as condições e como se deu o início de seu trabalho;
2. Como foram as seções de trabalho? Como era a geografia da fábrica e quais eram os horários e como era o dia-a-dia de trabalho;
  - a. Se menor de idade, como a família atuou com seu trabalho e quais eram as lembranças de sua infância na fábrica;
3. Qual é a memória que aquele entrevistado tem da história, da origem de sua fábrica;
4. Quais eram as ligações entre a Nova América e a América Fabril;
5. Como se dava o convívio entre os operários da fábrica e como eles se articulavam em relação à diretoria da fábrica e seus representantes, e em relação ao lazer;
6. Havia participação política? Se havia, quais eram suas dinâmicas no interior da fábrica;
7. Disciplina, controle e repressão, como o entrevistado associa essas questões em relação com seu espaço de trabalho;

8. Quais meios de resistência poderiam ser executados na fábrica, e qual a participação do sindicato e de ideais comunistas naquela companhia;
9. Ditadura, quais as repercussões no trabalho desempenhado;
10. Qual a leitura do entrevistado frente o processo de falência das fábricas;
11. Como foi o término do trabalho para ele;
12. Como o entrevistado vê seu local de trabalho hoje, frente às mudanças ocorridas;
13. Como ele se vê em relação ao que era ontem e o que é hoje;
14. O que fica mais relevante em sua memória hoje, em suas lembranças, ao se remeter à companhia em que trabalhara.

## ANEXO II - Quadro de entrevistados:

	Nome do entrevistado	Companhia Fabril	Entrada na companhia/ Idade	Funções na fábrica	Formação	Ocupação atual
	Agenor Figueira R. Filho	<b>Nova América</b> Del Castilho & Fonte Limpa	1949 – 13 anos	Tinturaria, alvejamento, contramestre da tinturaria, Recursos Humanos e CIPA.	Jornalista	Aposentado
	Antonio Herrero	<b>América Fabril</b> Carioca (Jardim Botânico)	1928 – 12 anos	Fiação, cardas, espuleiras e carretéis.	Ensino básico	Aposentado como motorista órgão público
	Antonio José Fernandes (Toninho)	<b>Nova América</b> Del Castilho & Fonte Limpa	1946 – 16 anos	Eletricista mecânico	Ensino básico e Eletricista (SENAI)	Aposentado, Eletricista
	Antonio Leite Borges	<b>Nova América</b> Del Castilho & Fonte Limpa	1951 – 14 anos	Tinturaria, contramestre, CIPA	Ensino Básico	Aposentado, Motorista de táxi
	Esmeralda da Silva Sereno	<b>América Fabril</b> Bonfim & Mavilis (Caju)	1924 – 14 anos	Espuleiras e tecelagem	Ensino primário	Aposentada
	Isabel de Araújo Batista	<b>Nova América</b> Del Castilho	1943 – 14 anos	Carretéis, espuleiras, mesa de controle, secretária da diretoria.	Ensino Básico	Aposentada

		Julio Muniz	<b>América Fabril</b> Cachoeira Grande (Magé)	1948 – 16 anos	Alvejamento, construção e manutenção da fábrica.	Analfabeto	Aposentado
		Milcar Canellas	<b>América Fabril</b> Cruzeiro (Andaraí)	1941 – 16 anos	Gravação	Ensino Básico	Aposentado
Foto não disponibilizada pelo entrevistado		Milton Raposo	<b>Nova América</b> Del Castilho & Fonte Limpa	1969 – aprox. acima de 25 anos	Recursos Humanos	Ensino Superior	Diretor de coordenação de pessoal
A entrevistada pediu para não ser fotografada		Noemia Leandro	<b>América Fabril</b> Cruzeiro (Andaraí)	1943 – 14 anos	Fiação e Tecelagem	Ensino básico	Aposentada
		Salvador Oggiano	<b>Nova América</b> Del Castilho & Fonte Limpa	1937 – 14 anos	Garoto de recados, Recursos Humanos, Preposto	Ensino Básico	Aposentado
		Silvia Ministério	<b>América Fabril</b> Bonfim & Mavilis (Caju)	1943 – 18 anos	Tecelagem	Ensino primário	Aposentada
		Valdeci Simões	<b>América Fabril</b> Pau Grande (Magé)	1962 – 14 anos	Tecelagem, alvejamento e maçaroqueiro.	Ensino primário	Aposentado

**ANEXO III – CD-ROM:**

Este CD-ROM é uma demonstração do banco de dados desenvolvido por Ricardo Medeiros Pimenta. O conteúdo completo da pesquisa apresentada neste CD pode ser consultado na **Linha de Pesquisa Memória e Espaço** do Programa de Pós-graduação em Memória Social, e no Núcleo de Estudos e referências sobre Trabalho, Trabalhadores e Sindicatos – **NETS**.

Abaixo, segue o conteúdo deste material:

- **Trechos de entrevistas realizadas com Milcar Canellas e Silvia Ministério;**
- **Imagens sobre os trabalhadores e seus espaços de atuação.**